Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23291 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 27 JULHO 90 70$00

EDITORIAL

S

Se exceptuarmos as biografias-panegírico e o «revivalismo» do regime, a memória do salazarismo surge longínqua e diluída às gerações mais jovens.

Nenhuma corrente «revisionista» do salazarismo se manifestou, nem a direita dela teria necessidade para fundamentar a sua boa consciência, baseada na ideia feita de uma ditadura suave, católica e beirã, que seria distinta do fascismo e do nazismo.

George Orwell dizia: «Quem controla o passado controla o futuro, e quem controla o presente controla o passado». A estratégia da direita para o controlo do passado passa por uma hábil gestão da memória e do esquecimento. Esquece-se a ditadura, a censura prévia, a polícia política, todo o lado repressivo e brutal do regime. Lembra-se certas vertentes susceptíveis de enaltecer o Estado Novo: por exemplo, as obras públicas (a acção de Duarte Pacheco ou a ponte sobre o Tejo) e a política externa (a neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial).

A memória das nações reside, hoje, em boa parte, na *história imediata* ou nas *ficções com pano de fundo histórico* veiculadas pela televisão. No nosso País, é, sobretudo, memória da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra do Vietname, vistas por olhos norte-americanos ou, quando muito, ingleses ou franceses. Raramente os nossos meios audiovisuais se ocuparam das eleições de Norton de Matos e Humberto Delgado, das lutas estudantis nos anos 60, da repressão exercida pela polícia política ou das guerras de Angola, Moçambique e Guiné...

A nossa memória audiovisual é estrangeira. A direita soube encontrar estratégias censórias indirectas, menos visíveis, mas eficazes, a fim de impedir uma reflexão alargada sobre os quase 50 anos de ditadura. Vinte anos depois da morte do fundador do Estado Novo, o S de Salazar equivale, no essencial, ao S de silêncio: estranha homenagem que a democracia presta à censura.

Mário Mesquita

Cavaco dá e tira

Habitação: mais crédito Gasolina: mais cara

O preço da «super» tal como era até ontem, antes do agravamento para 137$00

O primeiro-ministro anunciou esta manhã o alargamento dos limites de crédito à compra de casa própria, poucas horas da subida do preço da gasolina. Segundo Cavaco, o aumento desta e o novo imposto do tabaco chegam e sobram para para compensar o aumento das despesas com o novo crédito à habitação. Lisboa e Porto terão em Outubro novo regime de arrendamento urbano, acrescentou.

Em Agosto não haverá portagem na Ponte
Pág. 5

Reunidas pela 1.ª vez fora do Conselho de Concertação

CGTP e UGT: duas propostas para uma ofensiva conjunta

A cimeira que ontem decorreu entre a UGT e a CGTP terminou com o compromisso de ambas se apresentarem no Conselho Permanente de Concertação Social, em Setembro, com uma só voz.

Mas, até lá, cada central elaborará o seu próprio documento para apresentar ao Governo com propostas de alteração ao PESAN - Progresso Económico e Social para os Anos 90.
Pág. 14

El Salvador

Cessar-fogo em perspectiva

A guerrilha e o Governo salvadorenho deram ontem início ao processo de paz, após dez anos de guerra civil. As duas partes assinaram um acordo sobre a controversa questão dos Direitos Humanos, comprometendo-se a acabar de imediato com os sequestros, prisões ilegais, torturas, esquadrões da morte e impunidade dos militares, sob a supervisão da ONU. Se tal acontecer, o cessar-fogo poderá ser declarado em Setembro e a guerrilha entrará na vida política do país em 1991.
Pág. 10

Hoje: Suplemento A Mosca

Publicidade: nova lei estimula concorrência
Pág. 6

Van Gogh suicidou-se há 100 anos
Págs. 16 e 17

Diamantino do Benfica para Setúbal
Pág. 23

Anos 40: as imagens em debate
Pág. 19

Lotaria Nacional
1.º 68 169
2.º 17 658
3.º 5 279

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Têm entre 18 e 20 anos e a memória que guardam de Salazar é o resultado de outras memórias. As dos pais e avós. Uns, guardam más recordações. Outros, não escondem um certo fascínio

Os jovens e a imagem de um ditador português

«A informação que eu tenho de Salazar é má. Por várias razões. Para começar, tivemos uma guerra colonial quase durante 15 anos que devastou uma geração. O País ficou sem infr-aestruturas para acompanhar o passo da Europa e hoje estamos a pagar isso», explica Nuno. É aluno da licenciatura de História, da Universidade Nova de Lisboa e mostra ter memória de Salazar.

No dia 27 de Julho de 1970 desaparecia o ditador, dois anos depois de ter caído da célebre cadeira de lona. Em 1990, fomos ouvir rapazes e raparigas, que na altura da morte do ditador ainda não eram nascidos. As posições acerca daquela personagem divergem e as memórias também. Todos os jovens com quem falámos sabem quem foi o símbolo do regime fascista. Recolheram as referências sobre António Oliveira Salazar em livros ou através de familiares. Praticamente tudo o que Nuno sabe hoje sobre o ditador recolheu-o através da leitura. Em casa também fala muito sobre estas coisas e o avô contou-lhe algumas histórias «até bastante positivas» sobre Salazar. Mas Nuno retirou conclusões diferentes.

Quando se debruça sobre o que pensa a sua geração acerca deste tema afirma que está «desligada». E acrescenta: «Verifica-se um certo alheamento do povo português em relação à História e isso reflecte-se na nossa geração.»

Rui Vasco

Rui Vasco

Anabela Loureiro

O Nuno diz que «estão a ressurgir ideais fascistas», a Marta afirma que «Salazar evitou que fôssemos para a guerra» e o João considera que «ele fez coisas más em África»

Nuno chama a atenção para um fenómeno que se começa a verificar: «Nas gerações mais novas, dos 13 aos 14 anos estão a ressurgir ideais salazaristas e fascistas. Isso acontece porque estão descontentes com o sistema de hoje. Como não passaram pelo regime têm até um certo fascínio pelos anos 40, pelos Mussolinis, Hitleres e Salazares. Isso está a renascer e é negativo. A própria unificação da Alemanha espelha isso mesmo.»

Para Marta, de 17 anos, aluna da Escola António Arroio, a primeira referência que lhe surge quando lhe falamos no homem de Santa Comba Dão é a ponte que liga as duas margens do Tejo. «A primeira vez que ouvi falar de Salazar, foi quando me falaram da ponte. Depois por causa da guerra», diz.

«Era um ditador, mas também uma pessoa que tinha valor porque conseguiu evitar que, apesar de aliados com Hitler, fôssemos para a guerra», acrescenta.

Marta prossegue a sua análise: «Tinha ideais errados com os quais eu não concordo porque o regime correcto para um País é a democracia e ele privava as pessoas do direito de falar e de expressar as opiniões. Eu lembro-me de a minha mãe contar que na altura ninguém podia dizer nada senão poderia ir para a prisão. Isso deveria ser horrível.»

Paulo Filipe é aluno da Universidade Nova. Hesita em falar. Está acompanhado dos colegas de curso. Ri-se e acaba por responder, apesar das «bocas» laterais: «As memórias que tenho de Salazar são as que toda a gente da minha idade tem. A opinião que tenho dele, ao contrário do que a maioria das pessoas da minha geração pensa, é a de que era extremamente inteligente... só que tinha ideias erradas. Pronto. Todos sabemos que era um ditador e com ideias antidemocráticas, mas mesmo assim acho que era um homem inteligente.»

Quem foi António de Oliveira Salazar?

«Um poder carismático»

David Justino*

Como investigador da economia e da sociedade portuguesa do século XIX e como cidadão que pôde presenciar uma das fases mais complexas da sua história, Salazar e o salazarismo apresentam-se mais como uma fonte de questões e de problemas não esclarecidos do que um referencial sociológico de contornos mais ou menos definidos.

Um desses problemas prende-se com as teses não muito afastadas do senso comum, de que o regime salazarista constitui uma situação de excepção - para muitos aberração histórica - no processo de desenvolvimento social português. Como fundamentação recorreu-se à descoberta de seculares tradições democráticas que os desvios autoritários haviam sepultado nos buracos negros da memória colectiva.

Creio que a investigação sobre o nosso passado colectivo, nomeadamente a realizada nos últimos vinte e cinco anos, forneceu elementos suficientes para considerar essa tese pouco sólida, produto de um esforço de legitimação histórica do presente e de uma má consciência relativamente a um passado que se pretende renegar.

A implantação de um regime totalitário em Portugal, na conjuntura particular do período interguerras e, de forma mais precisa, no rescaldo da crise internacional de 1929-1933, não tem nada de específico. Sistemas idênticos encontraram terreno fértil um pouco por toda a Europa: da península Ibérica aos Urais.

Em minha opinião, não é a existência de um regime totalitário que constitui questão central, antes a sua persistência para além da reconstrução de uma Europa democrática no após II Guerra Mundial. Esse tipo de regimes foi relegado para a Europa periférica, mediterrânica e de Leste.

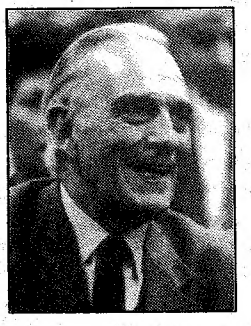
Se é certo que condições internacionais permitiram que Salazar e o seu regime se perpetuassem, não me parece menos certo que condições internas para além de o permitirem, também o legitimaram. Ou seja, para além de outros factores, haverá a considerar a existência de uma base social de apoio bem mais vasta e mais estruturada do que é correntemente admitido. Só assim se poderá compreender a sua persistência. A questão colonial não é mais que um reflexo desse problema global. Também neste aspecto a questão central que se deverá colocar não é a da existência de um sistema colonial, antes o da sua persistência para além da conjuntura que determinou a generalização dos movimentos independentistas. Este quadro problemático coloca a necessidade de se reavaliar a própria natureza do regime, não só na perspectiva do seu sistema político-institucional central, mas privilegiadamente no seu sistema de valores e símbolos que permitiram reproduzir os vectores de poder na sociedade portuguesa. Nesta perspectiva, emerge como objecto indiscutível de análise sociológica, para além dos mitos e apreciações valorativas, uma personagem que identifica o próprio regime: António de Oliveira Salazar, talvez um dos casos mais interessantes de poder carismático.

*Professor Auxiliar da UNL

«Não desabafava sem utilidade directiva»

Adriano Moreira*

Já descrevi noutro lugar a imagem que me pareceu transmitir, certamente não coincidente com a que outros recolhiam. Repetirei, que, quando a maior crise de todos os tempos se anunciou nos horizontes do Estado português, o doutor Salazar mantinha o vigor intelectual que a voz da tradição lhe atribuía, mas a vontade já não era a do Discurso da Sala do Risco. Discreto, reunia pouco o Conselho de Ministros, recomendava que neste não se abordassem assuntos que considerava confidenciais, mostrava saber que o saber secreto é uma fortíssima arma do poder, não desabafava sem utilidade directiva, dificilmente qualquer colaborador poderá ter sabido mais do que uma parte das suas preocupações. Não são críveis as confidências que uma corrente literatura de justificação lhe atribui, e elas não aparecem nas memórias dos seus grandes colaboradores dos tempos da ascensão, mais companheiros da juventude, mais participantes dos combates de esperança, mais partilhantes do poder, mais comungantes na história que julgavam estar a escrever.



Tinha o sentimento claro de que lhe cumpria defender um *património histórico*, e o realismo com que, comprovadamente, abordou vários sérios desafios na vida pública, tinha ali uma matriz de referência que não admitia transigências. E neste ponto nenhum regime consegue ser suficientemente autoritário para evitar divergências, clivagens e eventuais confrontos. O conceito nominal comum das matrizes não pode evitar as divergências sobre os conceitos operacionais, nem sobretudo no que respeita aos conceitos valorativos. Apenas como referência exemplificativa note-se que não se conhece nenhum defensor da unidade nacional no sentido mais assimilador e centralista, que não tenha manifestado alguma vez o seu orgulho pela criação portuguesa do Brasil. Talvez tenha fundamento a hipótese, não documentada, de que a divisão administrativa das colónias por Armindo Monteiro tinha em vista eventuais futuras estruturas comunitárias nas quais o conceito da balança de poderes, então vigente, aconselharia a divisão de

Salazar na inauguração da Sala de Espanha no Museu Militar há cinquenta anos

Foi através de revistas e jornais que conheceu Salazar, explica. «Em casa? Sim, também me falavam dele», diz. «Claro, e sempre a dizer bem», ironizam os amigos que estão com ele. Paulo ri-se.

Para ele, a maioria dos jovens de hoje ou não tem opinião formada sobre Salazar ou tem uma memória «bastante negativa» do ditador.

Falámos com outra, Marta, de 21 anos. Esta aluna universitária guarda uma memória curiosa de Salazar: «Tenho lá em casa uma fotografia que os meus pais levaram para a praia no dia em que ele morreu. Hoje dizem-me que nunca se deve desejar a morte a ninguém, mas para Salazar abre-se uma excepção», conta.

Marta recorre diversas vezes às imagens que os pais lhe transmitiram:«O meu pai diz que por causa de Salazar e do regime foi para África e que quando andava a distribuir papéis da campanha de Humberto Delgado estava sempre com medo que aparecesse a polícia. Mas nunca foi perseguido».

Ao contrário do que pensa o seu colega Paulo Filipe, Marta defende a tese de que Salazar «até nem era nada inteligente».

E avança com mais argumentos: «Penso que as pessoas inteligentes são minimamente abertas, mas ele era tacanho, conservador e reaccionário».

João vai deixar este ano a Escola Secundária Passos Manuel para outro liceu. Diz que sabe pouco sobre Salazar. «Sei que foi um ditador. Fez coisas más em África. Explorou aquilo, não deu a independência aos povos e nem os deixava viver numa boa situação. Em Portugal foi quase a mesma coisa. Facilitava o abastecimento aos navios de guerra mas os portugueses não tinham comida».

João ouve falar destas coisas nas aulas de História. Não procura informar-se e justifica-se: «o pessoal da nossa idade sabe que Salazar foi um ditador e mais nada. Esquece-se do resto».

Luísa Alexandra Botinas

Angola e Moçambique em mais de uma unidade política. Os grandes ideais das sociedades multiraciais, miscigenadas, pluriculturais, igualitárias, não evitaram afloramentos discriminatórios e hesitações sobre a definição das regras de igualdade. Dava a impressão de que a *missão civilizadora* assumida como um dever nacional convivia com muitas dúvidas sobre a adesão ao princípio proclamado por S. Paulo sobre a não discriminação.

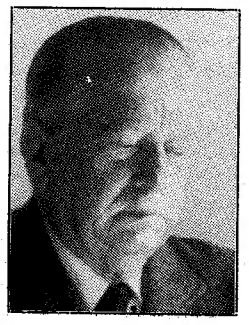
O pensamento em que foi educado, e que teve expressão na ordem internacional na qual teve intervenção, era o da Conferência de Berlim de 1885. Toda a Europa da frente marítima, onde estavam sediadas as grandes democracias estabilizadas ocidentais, era participante nessa ordem que parecia estrutural pelo êxito e pela longa duração. Conhecedor das regras do jogo, e das pedras que representavam os interesses nacionais coincidentes e concorrentes, ganhou uma sólida reputação e autoridade na gestão dos riscos e conflitos, designadamente durante a guerra que conseguiu atravessar sofrendo apenas a violação da neutralidade em Timor, a perca de uma pequena ilha em Macau, e a resignação à neutralidade colaborante que deu cobertura jurídica ao inevitável nos Açores. A reconstrução de uma ordem económica internacional neo-liberal, a partir de 1945, fez despontar a necessidade da coordenação dos capitais nacionais públicos e privados, e estrangeiros, mas não despertou a preocupação de que as independências dos territórios coloniais eram um corolário dessa perspectiva ocidental e, sobretudo, americana, na lógica da Bacia Convencional do Zaire de 1885. O movimento descolonizador presidido pelas Nações Unidas foi tomado com o espírito da ordem internacional anterior, isto é, uma política assumida em consequência dos custos da guerra, mas sem tocar no princípio da não ingerência nos negócios internos que o artigo 2 da Carta ainda proclamava formalmente.»

*Do ensaio inédito «Do Estado Corporativo ao Estado de Segurança Nacional»

«Era frio e cruel»

F. Piteira Santos

«Sobre a morte de Oliveira Salazar vinte anos são passados. Passou um século sobre o seu nascimento. Longe de nós os anos de 1928, no qual lhe entregaram a tarefa de equilibrar as finanças, e de 1932 no qual lhe confiaram, por inteiro, a governação do País. E aquele dia 26 de Setembro de 1968 em que o fiél servidor Américo (de Deus) Rodrigues Tomás comunicou aos portugueses que houvera por bem substituí-lo no cargo de Presidente do Conselho, é-nos irremediavelmente distante.



São muitos anos, no tempo histórico a correr, de mudança em mudança, esses vinte e dois anos. Foram-se extinguindo os amigos, desaparecendo os partidários, rareando os fiéis. Era um político, no poder solitário. E é de uma solidão autoritária, de um silêncio, de uma sombra, que o seu nome nos chega como um eco de perseguições, de privações, de sofrimentos, de temores. Foi o da sua vida como governante um tempo de opressão e de mentira, de amargura, de raiva, de demissão nacional. É difícil pensar o que teria sido sem ele o Portugal que nos deixou. Mas é fácil reconhecer o Portugal que mudou, o que depois dele civicamente crescemos. Ele nunca acreditou nos Portugueses. Nunca nos considerou maiores e maduros, preparados para a liberdade, capazes da Democracia. E terá acreditado em Portugal? Amava-o a seu modo. Como coisa pequena, rústica e antiga. Dividiu-se entre ser um professor taciturno e um pai tirano. Na tirania excedeu-se. Era frio e cruel.

O seu nome ficará na História? É evidente que sim. Não se pode governar um país tanto tempo e de tão absoluto poder, sem que a História registe os aspectos diversos, as marcas, os sinais de uma longa sufocação. Há que avaliar o negativo e o positivo. É um balanço a fazer sem paixão, com rigor, com espírito crítico. É ainda cedo? Os estudiosos começaram já a investigar esse período da História. Façamos o voto de que não confundam a História com os panegíricos e as diatribes. Antes do fim dos seus dias tinha o homem político morrido. Na morte, como na vida, Salazar está só. E pelo povo esquecido.»

COMENTÁRIO

Memória do alívio

Vinte anos depois da morte de Salazar, é tempo de lhe dedicar o estudo que complemente o exorcismo praticado nas ruas de Portugal com o 25 de Abril. Existem, felizmente, historiadores probos e interessados na investigação do fascismo português e do seu persistente chefe, que começam a dar à estampa os frutos do seu trabalho. Equivalerá isto a dizer-se que é arriscado falar-se, fora deste escopo, de Salazar? Não, porque um Poder totalitário exercido durante perto de meio século impregna as gerações coevas de uma ciência, porventura não sistematizada, que reconhece nos mais insignificantes aspectos da vida nacional o dedo do ditador. Sabe-se que tudo parte dele, pois manda sozinho; no caso de Salazar, milhões de portugueses, não obstante desprovidos dos instrumentos académicos com que se analisa e interpreta o processo histórico, guardam do seu interminável consulado uma memória, suficientemente rigorosa para ser partilhada sem risco de indrominação, de uma «Pátria vestida de viúva» que andou cinco décadas para outra vez noivar a Liberdade. E guarda também, por desumano que tal possa surgir, uma memória de alívio: a do festejo silencioso da morte, a da esperança renovada há vinte anos (e que tardaria ainda quatro a cumprir-se) de estar para breve a inauguração de um novo período democrático em Portugal.

Foi esta memória de alívio, transmitida em privado pelos mais velhos aos mais novos, que a Revolução dos Cravos não soube pôr organizadamente à disposição de todos, em particular os que, pela sua idade, tiveram o privilégio de não sofrer, pelo menos conscientemente, a opressão. O gozo da liberdade fez crer a muitos que era ela o estado natural da vida dos homens; e do presente deduziu-se, por antinomia, o passado, sem cuidar de combater o esquecimento promovido pelos sequazes do ditador, operação que hoje já se assemelha à lavagem dos dinheiros sujos da droga, como faz a extrema-direita na Alemanha ou em França, no intuito lorpa de branquear os crimes do nazi-fascismo. Não admira, pois, que, em conjuntura internacional propícia de ressurgimento da intolerância sob várias formas, alguma da nossa juventude possua do salazarismo uma nebulosa ideia simplista, não raro tingida de absurda nostalgia. Dir-se-á que o desinteresse pela História subjacente à indiferença que votam ao ditador representa a sua segunda morte; porém, sabe-se que o desprezo da ignorância não equivale à rejeição consciente. E se fazem falta os ensaios competentes para a explicação correcta do Estado Novo, está aí, viva e à mão, essa memória de alívio sucedendo-se à de uma dor prolongada que matou, oprimiu, ofendeu, envergonhou e castrou todo um povo, sem mercê. A «pesada herança do fascismo», expressão que, de banalizada ou empregue a despropósito, se descaracterizou, existe. São os múltiplos atrasos que ainda não vencemos, as sequelas negativas de uma descolonização tardia, a própria memória de tempos negros e de opróbrio. São actas de crimes de todos os géneros, cujos efeitos persistem. Que a recordação do princípio do fim da ditadura fascista ocorra sob o signo do repúdio e da confiança no porvir; e que aos jovens seduzidos pelo braço ao alto se explique, para introduzir o elogio da Liberdade, que nos anos da tirania não poderiam, como hoje fazem, sob olhares discretos cada vez mais ternos e menos reprovadores, beijar apaixonadamente as namoradas nas barbas dos polícias.

João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Bredero de Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

A tirania não constrói uma sociedade

GRANDE ANGULAR

O que penso de Oliveira Salazar e do seu Governo?

Para construir uma sociedade é necessário estabelecer os elos entre os seus membros, o convívio entre os cidadãos. Estes têm de se conhecer uns aos outros para se relacionarem e colaborarem nos vários aspectos que toda a comunidade apresenta. Numa cadeia há detidos, mas não uma comunidade. Essa a grande diferença entre uma cadeia e um convento. O convento é uma comunidade de homens livres que optaram pelo seu modo de vida, pelo seu trabalho, seja ele o estudo, o trabalho, a contemplação; na cadeia, há detidos, lá metidos contra vontade ou ali forçados a viver, sem comunhão com os demais presos. A vizinhança é só física, não é intelectual, afectiva.

O Governo de Oliveira Salazar, de 1928 a 1970, é o mais longo consulado de um homem público português, o que deixou mais marca negativa por lhe faltar esse mesmo sentido da comunidade. Não buscava construir cidadãos e apenas súbditos às ordens recebidas. Por alguma coisa, ele que tudo devia à instrução, foi sempre contra a instrução e, mais ainda, contra a comunicação.

Ao entrar para o Governo, em 1928, Oliveira Salazar não vai só. Ele é o verdadeiro intérprete de uma doutrina que o liberalismo, a democracia, a República, tinham posto de lado por ser antiliberal. Ele começara em Viseu no Colégio da Via Sacra e em Viseu tivera por mestres os homens da «Revista Católica», fundada em 1891 pelo cónego Miguel Ferreira de Almeida; de Viseu, com a Teologia completa, ele passa a Coimbra, ao CADC, ou seja, o Centro Académico de Democracia Cristã, mas em que o cristã esmaga a democracia. Era o que em França se tornaria no grande movimento da «Action Française», com Charles Maurras. Nem é por acaso que ele se corresponderá com Charles Maurras até final, quando este se encontra na prisão, após a guerra e a libertação da França.

Estruturalmente maurrasiano, nacionalista, sobe ao professorado universitário na República democrática que confia em todos os cidadãos igualmente, até naqueles que não sejam democratas. Implacável nas suas atitudes ele irá apontar o caminho do exílio e da deportação a companheiros do mesmo integralismo, como por exemplo Hipólito Raposo e Paiva Couceiro. É a República democrática que confia em todos os cidadãos igualmente, até naqueles que não sejam democratas. E na sua plenitude do poder, como Pombal ou D. João V, não poupará mesmo bispos, como foi o caso de D. António Ferreira Gomes e D. Sebastião Soares de Resende. Os seus mestres do nacionalismo são, ao que nos quer parecer, em França, Georges Sorel e Charles Maurras; em Portugal, o Conde de Samodães e Jacinto Cândido, mas sobretudo o núcleo da «Revista Católica», continuada em Coimbra nos «Estudos». Tão implacável nos seus princípios e na defesa da sua autoridade que o próprio colega de Coimbra, Gonçalves Cerejeira, alçapremado a patriarca de Lisboa, verá pastorais suas censuradas, o jornal onde escrevera e fizera a sua propaganda, as «Novidades», órgão do episcopado, será censurado como os demais; e um dos seus colegas mais chegados, no CADC de Coimbra, Francisco Veloso, terá longas semanas de esquadra, na Ajuda, por ter divergido um dia da opinião e atitudes do Presidente do Conselho. A autoridade não pode ser discutida ainda quando se engana.

«E Oliveira Salazar? Ficou para trás e esperemos que tenha sido um sonho mau»

O culto da autoridade indiscutível

Oliveira Salazar tem uma doutrina e nela o culto da autoridade indiscutível. Desde que essa autoridade seja a nossa. Não é um homem criador, não tem imaginação; a sua exposição não é sempre clara, por falta de transparência; mas para os seus actos não admite nem objecções nem réplicas. Francisco Veloso previra a ocupação dos Açores pelos americanos, a Censura não percebeu, deixou passar, o censor continuou censor e Francisco Veloso foi preso e preso continuou uns tempos ainda depois de os Açores ocupados por tropas americanas.

«A Revolução, fenómeno hodierno, que dura há século e meio e se agrava ainda, trouxe a natureza e fim dele, as ideologias que vão do falso liberalismo ao comunismo. Todas estas envolvem, pelo menos potencialmente, nas raízes, negações do Estado, da Nação e do Direito», escreve o seu evangelista e intérprete, Quirino Avelino de Jesus. E como Salazar tem uma doutrina e nela se integra, é essa doutrina que ele defende e que impõe. Nem pretende sequer a originalidade e a paternidade das mesmas leis que subscreve. Quirino de Jesus as concebe, as faz, as redige, Oliveira Salazar apenas as subscreve e publica no «Diário do Governo». São texto sagrado e assim as impõe.

Para destruir a Revolução maldita que alastrou como nódoa de azeite, depois de 1820 e nos levou o Brasil, ele decreta Portugal eterno e decreta como sendo da «Essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam, exercendo também a moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente».

Tudo isso é transitório, tendo começado com as descobertas, quando a nação estava feita, pois não é? Não, não é. Portugal é eterno, na forma em que o encontrou Oliveira Salazar. E em nome dessa eternidade milhares e milhares de pessoas foram presas, algumas mortas em combate, na polícia, nas cadeias, muitos milhares de cidadãos fugiram para o exílio? Não importa. Perca-se o País, morram milhares de cidadãos, afunde-se uma pátria. Importa é salvar os princípios da autoridade indiscutível do chefe. Para lhe apregoar as virtudes contrata jornalistas como António Ferro e Leitão de Barros, cria até um Ministério da Propaganda e escritores e jornalistas trabalham afanosamente em congressos e seminários, apregoando as glórias e a infabilidade do chefe. Há até quem diga que o País é pequeno de mais para um dirigente tão alto, tão nobre, tão grande.

A queda da cadeira

A tirania é contagiosa e inspira medo. A tal ponto que um dia, quando parecia eternizar-se o homem, ele caiu de uma cadeira. Foi levado para o hospital, como se fora um simples mortal e os médicos o operaram, abrindo-lhe o crânio. Pois nunca Nosso Senhor Jesus Cristo quando andava pela Galileia fora, teve em torno dele multidões tão grandes como aquela bicha interminável que ia de manhã à noite, ao Hospital de Cruz Vermelha, informar-se pessoalmente de como estava o grande homem. Desde o patriarca, a ministros, embaixadores, gente de Lisboa e da província, eram listas e listas; e muita gente de alcúrnia, depois de ter escrito seu nome no rol para a eternidade, não deixava mesmo assim de ver se por ali não estava um jornalista; e achegando-se a ele, dizia: «Eu sou o general...; pedia para não esquecer de pôr o meu nome no jornal!» Ele construiu para a eternidade. Aí está o «Nacionalismo Português» a dizê-lo. A Constituição de 33, o Acto Colonial, de 31, o manifesto e os estatutos da União Nacional, os volumes dos discursos de Salazar, redigidos alguns por Quirino de Jesus, as suas entrevistas a Christine Garnier, a Leitão de Barros, a outros, sobretudo ao nacionalista António Ferro, tudo isso era obra para a eternidade. Salazar seria eterno, como Portugal é eterno. Tão eterno que, numa das suas objurgatórias, ele acentuava: «Já estou farto de dizer à Europa!» E a infeliz Europa não o escutou, como o não escutaram a Índia de Ghandi e Nehru, como o não escutaram Angola e Moçambique, a Guiné.

Nem sequer o escutaram os portugueses que, no ano em que faz cem anos que ele nasceu e a vinte anos da sua morte, entram nessa mesma Europa e como cidadãos da Europa sem deixarem de ser cidadãos portugueses.

E Oliveira Salazar? Ficou para trás e esperemos que tenha sido um sonho mau.

Raul Rêgo

POLÍTICA

Mais crédito à habitação com gasolina mais cara

Depois de ter aumentado ontem o preço dos combustíveis, o primeiro-ministro anunciou esta manhã o alargamento dos limites do crédito bonificado para aquisição de casa própria e a alteração, em princípio já em Outubro, do regime jurídico do arrendamento urbano com principal incidência em Lisboa e Porto. Cavaco manifestou a esperança de se voltarem a ver escritos nos cerca de 50 mil fogos devolutos que há na capital, tendo em conta «o incentivo claro» desta medida, afirmou.

Os novos arrendamentos poderão ser celebrados no prazo mínimo de 5 anos, renováveis, com possibilidade de o valor das rendas ser deduzido no IRS.

Quanto ao crédito bonificado na compra de casa própria, avulta o facto do seu valor poder ir até mais 45 por cento do que o limite anteriormente fixado em Lisboa e Porto e do novo regime alargar de 25 para 30 anos o prazo de financiamento para os jovens. O acesso aos jovens casais, com soma de idades até 55 anos, passa para 60.

O alargamento dos limites dos escalões de crédito de prestações constantes aumenta de 1/4 do salário mínimo nacional, admitindo-se que a prestação mensal possa baixar 34 por cento.

Cavaco anunciou ainda a suspensão da portagem na Ponte 25 de Abril no mês de Agosto.

Rui Pacheco

Cavaco admitiu também que o próximo encontro MPLA - UNITA decorra na primeira quinzena de Agosto

Governo aumentou combustíveis

Os preços de venda ao público dos combustíveis líquidos aumentaram às zero horas de hoje. A gasolina super com chumbo sofreu um acréscimo no seu preço de sete escudos, custando agora 137 escudos por litro. A gasolina normal passou para 135 escudos, a gasolina super sem chumbo manteve-se nos 128 escudos tendo o gasóleo aumentado para os 89 escudos.

As razões invocadas pelo Executivo para o aumento dos preços centram-se «na necessidade imperiosa de manter sob controlo a economia portuguesa com vista à plena participação na construção da União Económica», bem como, a necessidade da «gradual redução do défice orçamental».

O Governo justifica ainda esta medida com a «necessidade de promover alguma contenção dos consumos de combustíveis, uma vez que nos primeiros cinco meses de 1990, e em relação ao mesmo período de 1989, o consumo de gasolina super aumentou cerca de 10 por cento».

Na opinião do dirigente da CGTP-IN, Manuel Lopes, a decisão governamental «terá influência no aumento da inflação. Pode ter alguns efeitos na baixa do défice público, só que este facto se repercutirá em termos inflaccionários porque os preços em geral vão subir». No seu entender, «esta situação coloca o Governo ainda mais longe dos objectivos que havia definido em relação à inflação e terá efeitos negativos nos trabalhadores por conta de outrém».

O economista Vítor Constâncio entende que «o aumento dos combustíveis está relacionado com a derrapagem do défice orçamental e no imediato vai contribuir para agravar a inflação».

Agostinho Roseta disse ao «DL» que a UGT vê «com preocupação este tipo de medidas já que elas geram expectativas inflaccionistas quando o que seria necessário era uma acção concertada visando o seu controlo».

O dirigente do PS, Ferro Rodrigues, afirmou ao «DL» que quem deveria ter anunciado esta notícia era o «doutor Miguel Beleza, mas o Governo quis salvaguardar a sua imagem», e acrescentou que «o País já está a pagar a factura do eleitoralismo».

Enquanto que o ex-ministro das Finanças, Ernâni Lopes se escusou a comentar a decisão do Governo de Cavaco Silva, o economista Mário Baptista considerou que «com esta medida o Governo mostra uma intenção moderada de aumentar os impostos indirectos» e na sua opinião, «a variação de preço não vai baixar o consumo de combustíveis». Em contrapartida, acrescenta: «todas estas medidas desligadas de uma visão global e estruturalizante do combate à inflação são ineficazes».

No Conselho de Ministros de ontem, o Governo decidiu também «antecipar em cerca de nove meses a construção da Circular Regional Interna de Lisboa, CRIL», com vista a criar «novas alternativas à entrada de trânsito na capital», visto que se aproxima a data de entrada em funcionamento da nova auto-estrada Cascais-Lisboa.

Redacção «DL»

FAUL do PS acusa

Governo abandona transportes

O secretário-coordenador da Federação da Área Urbana de Lisboa do PS, António Costa, acusou ontem o Governo de praticar uma política de abandono da área dos transportes, e propôs a concessão a operadores privados de novas linhas de transportes públicos na área metropolitana de Lisboa.

António Costa citou como exemplos a não aquisição de qualquer autocarro para a Carris nos últimos três anos, o mesmo acontecendo na Rodoviária Nacional, nos transportes para Lisboa. O dirigente socialista afirmou que o Governo, «tal como em 1987, anuncia obras que nunca fará», tendo «reservado» ao ministro Ferreira do Amaral para as eleições de 1991, o papel atribuído em 1987 a Leonor Beleza: «verbo fácil, obra curta, propaganda muita».

António Costa

O secretário-coordenador da FAUL incluiu neste quadro «a mirífica solução da linha de Cascais, a linha de cintura, o anúncio da segunda ponte sobre o Tejo entre o Montijo e o Beato», de localização hoje impossível devido à densidade da ocupação envolvente, e a utilização do tabuleiro ferroviário da Ponte 25 de Abril, «que esteve parado durante quatro anos e de que só agora foi encomendado o projecto, que ainda nem sequer existe».

Para o líder da FAUL, a única obra «significativa» foi a pintura da quinta faixa da Ponte 25 de Abril, mas o PS reclama a solução para si, acusando o Governo de a recusar «repetidamente», apenas a aceitando *in extremis* com eleições à vista».

António Costa recordou que em Março de 1987, «a quatro meses das eleições de 19 de Julho», o Governo aprovou «com pompa e circunstância» o que designou como «primeira prioridade do plano integrado dos acessos rodoviários a Lisboa», obras a cargo da administração central da CML mas, três anos depois, nenhuma das obras da primeira fase está concluída, nem as de segunda fase iniciada, com excepção da auto-estrada Lisboa-Cascais.

«Nessa altura, afirmou António Costa, «o Governo fixou calendário: as obras da primeira fase estariam todas concluídas até Setembro de 1990 e as da segunda fase iniciar-se-iam a partir de Janeiro de 1988».

Redacção «DL»

Novo Código da Publicidade vai desafiar concorrência

«A publicidade assume, nos dias de hoje, uma importância e um alcance significativos, quer no domínio da actividade económica, quer como instrumento privilegiado do fomento da concorrência sempre benéfica para as empresas e respectivos clientes», reconhece o primeiro parágrafo do preâmbulo do Decreto-Lei elaborado pelo Governo destinado a substituir o Código da Publicidade em vigor.

Os quarenta artigos deste texto legal merecem, na maior parte dos casos, o aplauso de João Loureiro, presidente da Associação Portuguesa das Agências de Publicidade (APAP), que em depoimento ao DL elogiou a filosofia da parte transcrita do preâmbulo pelo «modo de encarar a actividade publicitária radicalmente diferente da perspectiva ultra-consumerista da lei anterior».

Ainda no preâmbulo, afirma-se que a publicidade «não pode ser vista, numa sociedade moderna e desenvolvida, como um mal menor, que se tolera mas não se estimula, e muito menos como resultante de um qualquer estado de necessidade».

Fontes da oposição que tiveram acesso ao texto que aguarda as assinaturas de oito ministros e a promulgação presidencial contestam o conteúdo do art. 3º deste decreto, nos termos do qual as regras para as emissões de TV incluídas no art. 25º (não aplicáveis «às emissões exclusivamente destinadas ao território nacional e que não possam ser captadas, directa ou indirectamente, em outro ou outros Estados membros das Comunidades Europeias»), alegando que há terras de Espanha onde se vê a programação da RTP. Mas a verdade é que o interior do País recebe muito melhor as emissões de Castela, por exemplo, que as de Monsanto ou do Monte da Virgem, ao passo que os castelhanos são privados das delícias da RTP.

Comparativamente falando

João Loureiro aponta «dois principais pontos negativos» ao novo diploma: «Imprecisão na definição dos contornos da **publicidade comparativa**» e «a saída da CIP e da CCP do Conselho da Actividade Publicitária».

A publicidade comparativa é, recorde-se, a prática comum de campanhas de publicidade que não se ensaiam nada para apontarem a dedo o concorrente que querem abater.

«Todavia, o balanço que a APAP faz deste documento é altamente favorável, sobretudo no acolhimento de regras de ordenação e dignificação da actividade empresarial das Agências de Publicidade, o que justifica uma palavra de muito apreço pelo trabalho desenvolvido pelo actual Conselho de Publicidade e responsáveis governamentais envolvidos na sua preparação e aprovação», defende João Loureiro.

Entre outros pontos positivos especificados pelo depoimento do presidente da APAP salientem-se «a passagem da actividade publicitária para a área governamental da Comunicação Social» e a «introdução de uma definição legal de "agência de publicidade" como a sociedade comercial que tenha por objecto exclusivo o exercício da actividade publicitária».

Governamentalização em causa

Se bem que se aguardem acusações de «governamentalização» desta actividade por parte da Oposição, a verdade é que o principal dirigente da APAP acha que se registou o fenómeno inverso e assinalou, no depoimento que prestou ao DL, ainda no capítulo das medidas positivas, a «desgovernamentalização da aplicação de coimas em matéria de publicidade, que competia ao Secretário de Estado da Defesa do Consumidor e passou a caber a uma comissão presidida por um Juiz».

O acto de beber, no caso das bebidas alcoólicas e exceptuando os menores, passou agora a ser permitido.

Ao leitor em veraneio ou ao seguidor atento da TV, há-de surpreender o nº 3 do art. 7º do novo Código. Reza assim: «Só é permitida a utilização de idiomas de outros países na mensagem publicitária quando esta tenha os estrangeiros como destinatários exclusivos ou principais».

Estão perdoados os cartazes algarvios e condenados alguns anúncios televisivos nacionais? A resposta virá depois das férias dos políticos.

J. I.

Sendo, na verdade, uma deselegância para com Mota Amaral, o convite e a visita de Cavaco à Terceira não é, de forma nenhuma, a razão de descontentamento que se verifica nos Açores

As verdadeiras razões do descontentamento açoriano

Especial DL

A visita de Cavaco Silva à Ilha Terceira realiza-se num ambiente de grande espectativa e rodeada de alguma controvérsia por ter coincidido com o anúncio da recusa do Governo da República em tomar parte numa cimeira com o Governo Regional dos Açores para debater questões de ordem económica e financeira, solicitada em Outubro do ano passado, sucessivamente adiada e só agora cancelada. Simultaneamente, conheceram-se as intenções do PSD de não apoiar, na Assembleia da República, a proposta de revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, elaborada pela Assembleia Legislativa Regional e unanimemente aprovada no parlamento açoriano. Esta posição do PSD segue-se a idêntica atitude assumida pelo Governo da República, depois das alterações terem sido estudadas por cada um dos ministérios e analisadas em Conselho de Ministros.

Por outro lado, e aqui radica grande parte da controvérsa , o Instituto Histórico da Ilha Terceira, autor do convite a Cavaco Silva, é presidido por Álvaro Monjardino, militante do PSD, pertencente a uma ala chefiada por Álvaro Dâmaso e que se opôs a Mota Amaral num recente congresso do PSD dos Açores. Já antes, Álvaro Monjardino se afastara do PSD, ao não aceitar ser candidato às últimas eleições legislativas regionais. Álvaro Monjardino foi presidente da Assembleia Regional dos Açores e ministro adjunto do primeiro-ministro no Governo chefiado por Mota Pinto. Monjardino mantem, um bom relacionamento com o actual ministro da Repúblia para os Açores, general Rocha Vieira, nomeado contra a vontade do PSD dos Açores e de Mota Amaral, com quem mantem relações apenas institucionais.

Mota Amaral queixa-se de ter perdido receitas provenientes dos impostos

Este conjunto de circunstâncias criaram, logo que foi conhecida a aceitação por Cavaco Silva do convite do Instituto Histórico da Ilha Terceira, um clima controverso que muitos apontaram como motivo das queixas açorianos sobre o arranjo financeiro e a revisão do Estatuto. Sendo, na verdade, uma deselegância para com Mota Amaral, o convite e a visita de Cavaco Silva à Terceira não é, de forma nenhuma, a razão de descontentamento que se verifica nos Açores.

Consideramos de toda a conveniência deixar isto bem claro, para que as verdadeiras razões açorianas sejam conhecidas e bem entendidas.

E quais são as razões dos Açores? Em primeiro lugar, a intromissão do Governo da República do Estatuto Político-Administrativo dos Açores foi elaborada pela Assembleia Legislativa Regional em consequência da entrada em vigor da Constituição Portuguesa, última revisão, e da execução de nova legislação fiscal, nomeadamente os códigos do IRS e IRC. Com estas disposições, a Região Autónoma dos Açores perdeu um grande fluxo de receitas, pois muitos impostos passaram a ser liquidados na sede das empresas ou por estas, também sediadas no continente, retidos na fonte, no que toca aos seus empregados. Cerca de setenta por cento das grandes obras de construção civil em curso nos Açores são feitas por empresas continentais. Portanto, os seus impostos e os dos seus funcionários deixaram de entrar nos cofres da Região.

Ao mesmo tempo, por iniciativa do Governo da República, os esquemas de remuneração do funcionalismo público, incluindo médicos e professores, foi alterado. O aumento, cuja justeza não é posta em causa, traduziu-se num créscimo quatro milhões de contos o orçamento regional, sem qualquer contrapartida.

Deste conjunto, resultou um desiquilibrio que o Governo Regional dos Açores pretende corrigir com o arranjo financeiro, proposto aos finais do ano passado, assim como outras medidas a discutir na cimeira entre os dois governos, solicitada, como já dissemos, em Outubro de 1989, sucessivamente adiada e, agora, no mais recente encontro de Cavaco Silva com Mota Amaral, cancelada definitivamente.

Temos portanto confrontos institucionais em que a Região Autónoma dos Açores procura adaptar o seu orçamento a esquemas de receitas aos novos pressupostos colocados pelas mais recentes leis fiscais e determinações constitucionais e encontra a recusa obstinada do Governo da República e do PSD nacional, o mesmo será dizer da Assembleia da República, onde os sociasdemocratas são maioria.

Ao contrário do que algumas fontes tentam fazer crer, a Região Autónoma dos Açores não tem sido um sorvedouro de fundos do Estado. Em 1980, e só para compararmos os últimos dez anos, as transferências do Orçamento do Estado para o Orçamento da Região Autónoma dos Açores representavam 0,5287% das receitas regionais, taxa que baixou em 1990 para 0,2575%.

Enquanto o Orçamento do Estado cresceu 49,48% no que diz respeito à despesa global do Estado, entre 1980 e 1990, as transferências para a Região Autónoma dos Açores somente cresceram 16,35%.

Muitos são os factores economico-financeiros que poderiam ser adiantados para esclarecer a posição desfavorável dos Açores mas tornaria esta crónica demasiada longa.

Um aspecto é importante que fique bem claro. Não foi a deslocação de Cavaco Silva à Terceira a convite de um adversário político de Mota Amaral que desencadeou actual crise. Esta radica-se em causas muito mais profundas, questões de conceito de autonomia que têm muito a ver com o desenvolvimento e progresso dos Açores. Razões que têm o apoio unânime das forças políticas representadas na Assembleia Legislativa Regional, eleita em liberdade pelo Povo Açoriano, e que encontram, em Lisboa, uma barreira intransponível por parte do Governo da República, do PSD e de outros sectores conservadores e centralistas os quais algumas áreas militares se juntam. É uma questão nacional que tem de ser reflectida fora das emoções momentâneas e circunstanciais, com serenidade e sentido ds realidades, pois as sequelas que estas arrastamentos provocam poderão revestir-se de muito gravidade para o conjunto do nosso País.

Gustavo Moura

Martinho desmente acordos com PSD

«Quero garantir-vos» - disse Hermínio Martinho numa conferência de Imprensa - «que não fizemos qualquer acordo, nem sequer contacto-promessa, com qualquer partido em nenhuma área política, interna ou externa. Vamos pois, concorrer às legislativas de 1991, autonomamente, apresentando listas próprias».

Martinho referira, antes, que os seus adversários políticos «têm vindo a patentear notórias inquietações face à forte retoma de credibilidade que o PRD tem vindo a conquistar», para depois criticar a lei das incompatibilidades.

Afirmou que «o perverso clientelismo» que se tem instalado um pouco por toda a parte, acaba de assumir ainda maior relevância com a solução encontrada para o problema das incompatibilidades no exercício de cargos políticos. Para Martinho, «o PSD conseguiu introduzir alterações na lei de incompatibilidades por forma a que fosse legalmente possível o exercício de várias funções com acumulação de vários vencimentos».

O PRD considerou tudo isto «uma clara manobra de diversão», em que o PSD conseguiu deslocar as atenções da opinião pública para o problema circunscrito, do presidente da Câmara do Porto, «logrando, assim, que a generalidade dos portugueses se não tenha apercebido do problema central do lei».

Martinho garante que o seu partido não «não se submeterá a esta solução» e vai apresentar propostas concretas para a combater no reinício dos trabalhos parlamentares. Quanto ao PS, os renovadores dizem que «ingenuamente, ou não», este deixou que esta manobra funcionasse.

Redacção «DL»

OTAN questiona futuro da Europa

Defesa Nacional: que estratégia?

«As Forças Armadas portuguesas podem ser elemento decisivo na política de cooperação e nos novos sistemas de segurança a serem instalados na Europa», afirmou o general Loureiro dos Santos a propósito da nova situação europeia e do papel que cabe aos países da OTAN, no colóquio parlamentar sobre «O futuro da Defesa Nacional num novo contexto estratégico». De acordo com o director do Instituto de Altos Estudos Militares, que orientou a sua comunicação no sentido estreitamente nacional, «o que cada país está, neste momento, a fazer é defender os seus próprios interesses».

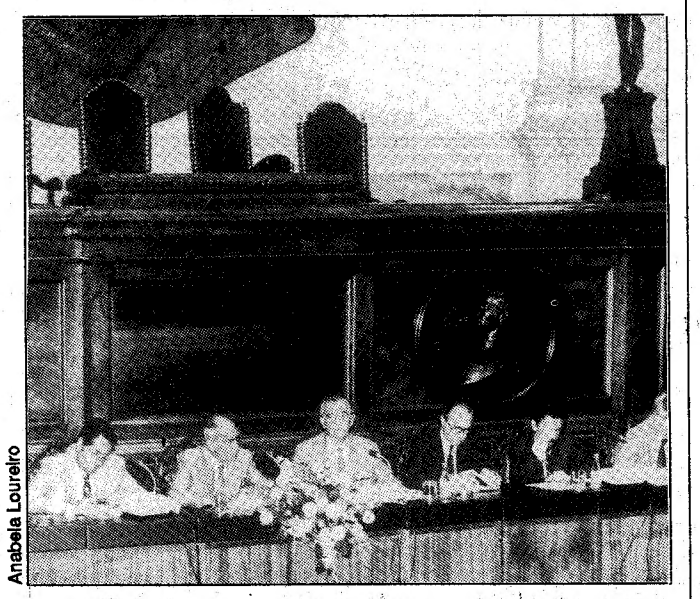
A nova situação criada pela desagregação dos países do Pacto de Varsóvia suscita muitas incógnitas e exige prudência na redefinição dos dispositivos de defesa. Para Loureiro dos Santos, que analisou a questão do ponto de vista estritamente militar e de segurança, houve quem o fizesse privilegiando a componente económica como determinante para o equilíbrio e um novo conceito de relacionamento mundial. É na base daqueles pressupostos que devem ser definidos os conceitos de Serviço Militar Obrigatório e a vantagem de substituição do actual conceito de estratégia de defesa.

Nesse sentido, Loureiro dos Santos defendeu a criação de um núcleo de voluntários profissionais para as Forças Armadas portuguesas para a instrução dos mancebos e definiu um período de cinco a seis meses como base credível para o SMO. O director do IAEM advertiu que este conceito exige ponderação, porque se tornará irremediavelmente mais caro.

A importância do espaço estratégico nacional e a necessidade de valorização da área atlântica, a partir da reestruturação marítima das Forças Armadas, mereceram particular atenção, muito embora não se saiba que peso Portugal terá no novo conceito estratégico e o envolvimento da OTAN em todo este contexto.

O futuro da URSS é a maior das incógnitas, agora que «o período do pós-guerra e da guera fria já pertencem ao passado», como salientou o conselheiro político da URSS em Lisboa. «As perspectivas de progresso no controlo de armas e no desarmamento são agora maiores», frisou, por seu turno, no mesmo colóquio, o conselheiro da Embaixada dos EUA.

Júlio Rodrigues



Anabela Loureiro

Jaime Gama presidiu à mesa que animou o colóquio promovido pela Comissão Parlamentar de Defesa

GamosA

TAPEÇARIAS REVESTIMENTOS

CORTINAS DE BANDAS VERTICAIS ESTORES DE PALITOS

AV. JÚLIO DINIS, 2-C
1000 LISBOA

TEL. 76 90 12

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

SOBRE ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E LEGISLATIVAS

No Vau, gozando férias, o Presidente medita. Pondera a eventualidade da sua recandidatura. Já disse que não era insensível às numerosas e calorosas solicitações nesse sentido. Mas o segredo é a alma dos negócios e nos negócios políticos, como nos de qualquer outro género, é de regra o segredo. Está atento, também, à verdadeira ofensiva em que se transmudou a decisão anunciada, por Cavaco Silva, de não lhe opor candidato por parte do PSD. Fogo sobre o Presidente — é a palavra de ordem. A par dos atiradores experimentados que apontam às confusões de Macau ou aos gastos excessivos de Belém, revelam-se os amadores de tiro ao alvo, os conselheiros bem intencionados, os analistas sagazes que alvitram que Mário Soares terá razões pessoais e políticas para não avançar como candidato a um novo mandato presidencial. E não faltam mesmo os que explicam que uma eleição frouxamente disputada não seria consentânea com o maior protagonismo que se deseja para o segundo mandato presidencial.

Está quebrada quanto à reeleição de Mário Soares a unidade do PSD. Se Cavaco Silva, ao «Público» falando mantém o que ao «Expresso» declarou, e, da ofensiva contra Mário Soares se distanciando, afirma: «Acho que alguns meios de comunicação social são muito injustos para com o Presidente da República»; já Alberto João Jardim não oculta os seus sentimentos: «Não me peçam para ajudar um senhor que durante um mandato de cinco anos não vi qual foi a sua utilidade para o País» e aconselha o eleitorado madeirense a que fique na cama no dia das eleições presidenciais.

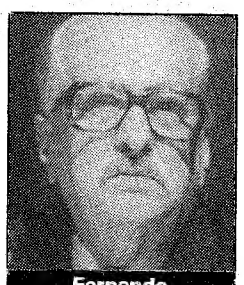
É sabido que Jardim se considera um potencial candidato. Houve tempo em que esta sua ambição teve acolhimento em meios de centro-direita. Mas, hoje, tal como a discreta disponibilidade de Daniel Proença de Carvalho, a hipótese Jardim carece de credibilidade. O PSD não tem candidato. O PRD consulta as bases para ter tempos de antena que lhe proporcionem lugares de deputados. O CDS conforma-se com a pré-candidatura do deputado europeu Francisco Lucas Pires. A UDP procura tirar partido do candidato que se proclama animado da «coragem de ser solidário». Os pequenos partidos enfrentam dificuldades de ordem vária. E os ecologistas, unidos ou divididos, mais divididos que unidos, diligenciam aproveitar uma tribuna para a propaganda do ideário ambientalista.

Não são de excluir outras candidaturas. A monárquica impõe-se à atenção do eleitorado pela incontestável originalidade. Também neste caso, explorando a oportunidade republicana das eleições presidenciais, é das eleições legislativas que se trata.

Só o Partido Socialista tem candidato a Belém. E boa parte dos ataques e críticas a Mário Soares têm por objectivo atingir Jorge Sampaio. Nas *presidenciais* são visadas as *legislativas*. Tanto numas como noutras é o problema do poder que está em jogo. E o problema do poder joga-se entre o Partido Social Democrata (PSD) e o Partido Socialista (PS), entre Aníbal Cavaco Silva e Jorge Sampaio. É provável que o PSD não conserve a maioria parlamentar absoluta, mas é possível que o PS, registando novos sucessos, na sequência do êxito nas eleições autárquicas, não obtenha a maioria absoluta. A maioria parlamentar absoluta não é condição necessária do governo democrático. Mas o actual primeiro-ministro tem da vida democrática uma noção muito particular, pessoal. Confunde uma «comodidade» do exercício do poder, com uma necessidade. Na entrevista ao «Público» (14-7-1990) disse: «Penso que é muito importante que saia das próximas eleições um Governo com maioria absoluta. Se não for o PSD, então eu preferia que um outro partido tivesse essa maioria.»

Claro que, noutro passo da citada entrevista, Cavaco Silva afirmou: «O PSD não põe a hipótese, neste momento, de não conseguir a maioria absoluta.» Ora, não só «põe a hipótese», como admite a possibilidade de vir a precisar de uns votos na Assembleia da República. Essa razão do *flirt* com o PRD, que, aliás, vem sendo correspondido. E para a necessidade de um complemento parlamentar é evidente que os *renovadores* têm preferência sobre os *centristas*.

Também não é verdade que, para o caso do PSD não alcançar nas eleições legislativas de 1991 maioria absoluta, Cavaco Silva preferisse que «um outro partido tivesse essa maioria». Porque esse «outro partido» só poderia ser o Partido Socialista e todos temos presente o que Cavaco Silva e aqueles que falam em nome do PSD, dizem, por toda a parte e em todas as oportunidades, do Partido Socialista. Não vamos repetir essas alegações de virulento polemismo e de sombria crítica, e não podemos deixar de apreciar como de hipocrisia política esta preferência. Na realidade, para o PSD, o Partido Socialista é o adversário principal, o concorrente ao Governo, o competidor directo na corrida para a maioria parlamentar. A mudança de atitude em relação a Mário Soares reveste-se de um duplo objectivo: *a*) é preciso, de qualquer modo, afectar a projecção política, o prestígio nacional, a popularidade do Presidente da República, *b*) é preciso evitar que a reeleição do homem que fundou e dirigiu o Partido Socialista constituia um impulso decisivo para os socialistas alcançarem a maioria parlamentar.


Fernando Pitelra Santos

Não menor hipocrisia política é a daqueles que, prodigalizando salamaleques a Mário Soares, lhe dizem do seu temor relativamente ao êxito contingente da candidatura, o procuram sensibilizar para os perigos que o espreitam, o alertam para a desmobilização que poderá resultar de não surgir um antagonista válido. No próprio terreno socialista haverá quem não esteja desinteressado de uma desistência de Mário Soares. A hipótese sorri como abertura a ambições que se não ignoram.

No avanço lento, coleante, sinuoso, para a concretização do seu projecto pessoal, Francisco Lucas Pires veio ultimamente alinhar na falange dos críticos de Mários Soares (no «Expresso», 21-7-1990). Para ele a eleição presidencial tem uma «função nacional», é necessário evitar que, com a reeleição de Mário Soares, se reafirme «uma falsa união nacional presidencial que não pode ter nenhum objectivo claro e mobilizador quando, às portas de 1992, o país precisa de despertar e não de adormecer; contribuir para um maior entendimento do centro e da direita quando a liberalização económica e política, a concertação social e a democratização regional ainda mal arrancaram e precisam, como nunca, de um bloco político de apoio, deliberado, consciente e homogéneo; e, por último, poder inspirar uma nova plataforma nacional em termos de relações, quer com a nova Europa quer com a nova África, quando as plataformas existentes a este respeito entre o Presidente e o Governo todos os dias mostram brechas.»

A esta apreciação negativa de uma reeleição de Mário Soares, acrescenta Francisco Lucas Pires outros juízos desfavoráveis: a questão de Carlos Melancia, os «jogos de sombra» com o Primeiro-Ministro, o erro do centro e da direita em apoiarem a recandidatura. Considere-se que Lucas Pires está a par da ofensiva contra Mário Soares e se movimenta nos bastidores de um processo em que os *renovadores democráticos* se integraram e do qual participam alguns dos *socialistas* que brilharam no MASP. O Primeiro-Ministro não parece interessado na candidatura do deputado europeu Lucas Pires, mas compreendeu já que o apoio relativo à recandidatura de Mário Soares aumenta os riscos de insucesso do PSD, nas eleições legislativas e de que nada servirá diminuir, quantitativamente e qualitativamente, uma vitória de Mário Soares, se não tiver conseguido, em relação à Câmara Municipal de Lisboa, bloquear ou ultrapassar Jorge Sampaio.

As eleições — as presidenciais e as legislativas — são um todo, condicionam-se reciprocamente. E para os socialistas, as eleições legislativas, ganham-se ou perdem-se na Câmara Municipal de Lisboa.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Manuel Villaverde Cabral:

(...) O que espanta mais, porém, não são as miseráveis condições de habitação da população recentemente imigrada. Num país de crescimento económico tardio e precário, o fenómeno não é inabitual, infelizmente. O que constitui o traço distintivo da falta de modernidade e faz de Lisboa uma cidade do Terceiro Mundo é a flagrante complacência das elites perante a contiguidade física da opulência e da miséria. É o apartamento de luxo e o hotel de cinco estrelas com vista deslumbrante para os bairros de lata ou para as ruas esburacadas com os seus decorativos caixotes do lixo a transbordar de imundície. A complacência terceiro-mundista não se caracteriza só pela falta de ética, mas também de estética! (...)

26.JUL.90

Diário de Notícias

De um artigo de Romeu de Melo

(...) A nossa época assistiu ao que pode chamar-se a grande contradição existencial da cultura: embora estando impedida de gerir os seus meios, ela viu-se compelida a colaborar na consumação de fins que eram frequentemente contrários aos seus mais arreigados princípios éticos e projectos vitais. A sua ausência do poder executivo, tornava-a apadrinhadora de equívocos e abortos intelectuais, de contrafacções artísticas e de experiências literárias frustres, de descobertas potencialmente destrutivas e de soluções monstruosas nos terrenos político e militar.

A cultura, cuja realização objectiva, na sua fase terminal, assentava na vida espiritual e nas qualidades humanas ligadas àquela dimensão, acabou por ficar ao serviço de projectos subsidiários da teratologia política e social, e ainda da própria mediocridade e vulgaridade estética e intelectual. Por outras palavras, a cultura veio a presenciar o espectáculo de negar-se a ela própria sob formas inculturais, e participou na edificação de experiências sociopolíticas negativas e de eventos económicos de natureza deletéria. (...)

26.JUL.90

CORREIO da manhã

De um artigo de Ramiro Carola:

(...) Para quem não esteja de má fé, os inquestionavelmente relevantes serviços que a Igreja Católica tem ao longo dos séculos prestado a Portugal não podem ser ignorados. Para já não referir a actividade notável das Misericórdias por esse País fora (espoliadas pela revolução abrilina), da acção educacional dos colégios, da acção meritória das obras assistenciais, aos desprotegidos, aos marginalizados, aos sem tecto, atente-se bem e tão-só nas gerações e gerações de adolescentes e jovens oriundos de famílias sem recursos que ao longo dos tempos só nos Seminários encontram acolhimento, desenvolvem os seus talentos, no estudo e na sã disciplina, e depois os põem ao serviço do País. Seja como sacerdotes, na sua missão evangelizadora; seja como profissionais esforçados e competentes nas suas diversas áreas de acção. (...)

26.JUL.90

Tempo

De um artigo de Nuno Krus Abecasis

(...) O que na verdade se está a verificar hoje, e ainda bem, é a falência total do socialismo em si mesmo, de que o comunismo não é mais do que uma perversão mais gravosa. Do que os povos se estão a dar conta, é que não é o gregarismo, que ignora as potencialidades individuais de cada homem, que pode conduzir a humanidade a um mundo novo, mais justo, mais equitativo, mais solidário, mais feliz e mais pacífico. Pelo contrário, é o homem, que ao desenvolver todas as suas potencialidades, ao tornar-se mais homem, como lhe pediu o santo padre, ainda há poucos anos, há-de tornar o próprio Mundo mais humano e por isso mais feliz e atento às necessidades de cada um.

26.JUL.90

FORUM

OS RELÓGIOS FALANTES

PORTUGAL/BRASIL: MAIS ACÇÃO COMUM

Falar hoje das relações Portugal-Brasil não pode ficar-se pela repetição de alguns grandes princípios ou pela invocação de meros sentimentalismos. Há, assim, que evitar a todo o custo relativamente ao espaço cultural luso-brasileiro (e por extensão ao espaço da língua portuguesa ou da lusofonia) qualquer tipo de patriotismo retrospectivo — uma vez que a autêntica riqueza desta «Comunidade» em permanente construção só poderá estar na *acção* que formos capazes de pôr em prática. E se se tem de falar de *acção*, a verdade é que da língua à economia, passando pelas Universidades e pelos contactos empresariais e associativos há que recorrer ao método das coisas feitas, à via gradual de uma comunicação que se possa traduzir em melhor conhecimento mútuo e em criatividade comum.

Escrevo estas linhas em S. Paulo no decorrer do que pode ser o começo de uma forma nova de diálogo entre a Europa e a América Latina, e logo, entre Portugal e o Brasil. Com efeito, julgo que o I Forum Euro-Latino-Americano, em que participo, ao congregar políticos, universitários, empresários, jornalistas, pode constituir um passo importante para que as tendências integracionistas que se vão sentindo na América do Sul (a partir sobretudo do triângulo Brasil-Argentina-Uruguai) se afirmem em ligação mais estreita com a Europa — e, mais concretamente, com os países da Europa que mais persistentemente têm chamado a atenção dos seus parceiros, às vezes demasiado distraídos para esse tema, para a necessidade de uma abertura atlântica diversificada e enriquecedora. É evidente, porém, que uma tal abertura não deve esquecer a força de atracção, que não pode ser menosprezada, dos Estados Unidos nem a expressão crescente da multipolaridade planetária. Os novos elos entre pólos diversificados serão assim cada vez mais biunívocos — envolvendo mais intercâmbios mutuamente enriquecedores e cada vez menos a inexorabilidade da exploração ou dos domínios neo-imperiais... Isso é especialmente nítido no caso da América Latina — desde que não se caia na tentação de tratar os diversos países da mesma região como se fossem confundíveis uns com os outros ou como se os fenómenos concretos de integração política e económica correspondessem a processos globais e instantâneos. O gradualismo europeu constitui um ensinamento que não pode deixar de ser seguido noutras experiências — do mesmo modo que importa afastar todas as tentações paternalistas de países de fora da região que se queiram arvorar em «casamenteiros»... Como afirmou Celso Lafer: «Na multipolaridade dos anos 90, que perdeu o centro estruturador anteriormente dado pelas relações Leste-Oeste, actuarão ainda mais forças centrípetas e centrífugas. Estas poderão ensejar uma certa subelevação dos particularismos e isto na medida em que ocorrer dificultará a tessitura de uma ordem internacional não necessariamente violenta da composição de conflitos e interesses. Estes riscos de uma maior anarquia na vida internacional têm como contrapeso as realidades de um mundo interdependente, que faz repercutir nos países e regiões o que acontece nos demais.

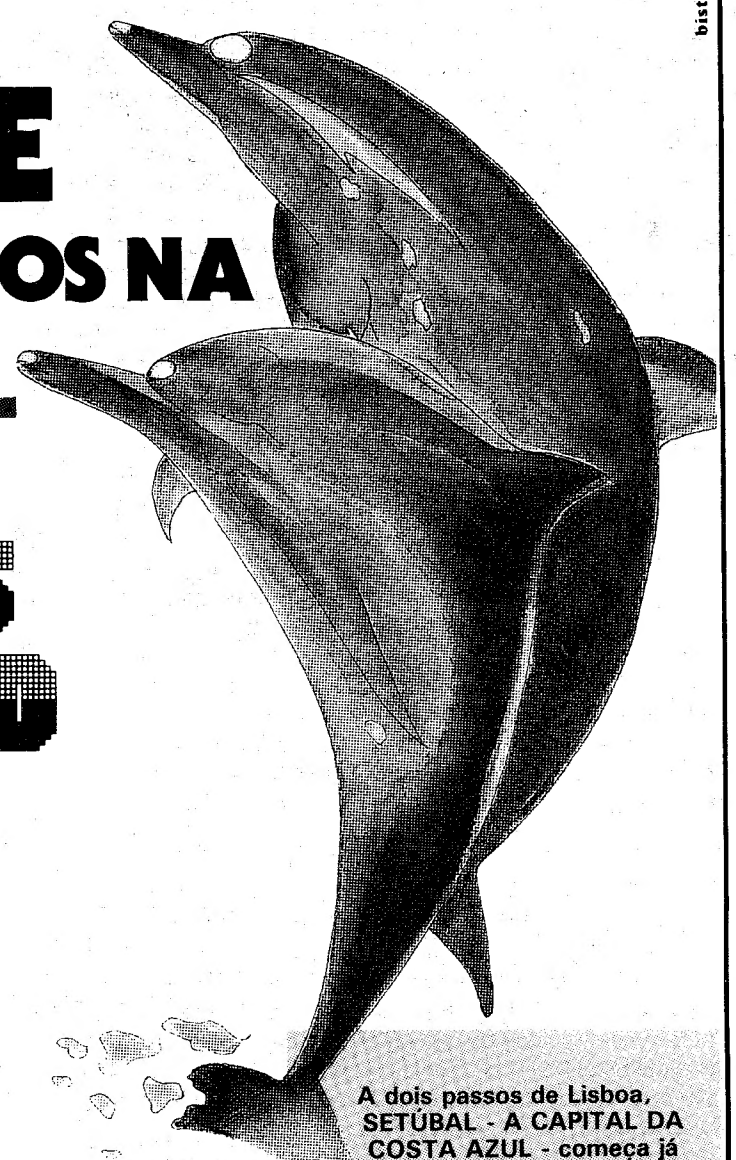
Esta repercussão representa uma força centrípeta a contra-arrestar as centrífugas e dará margem de consolidação, na agenda internacional, em meio à especificidade dos interesses, a *temas globais* como a questão da democracia, a dos direitos humanos, a da eficiência competitiva, a dos desequilíbrios comerciais e financeiros, a dos movimentos migratórios e de refugiados, a das drogas, a do desarmamento e a do meio ambiente.» (*Revista da Indústria*, FIES P, n.º 26, 2.º Trim. 1990, p. 40) Importa, pois, que os fenómenos de integração e de intercâmbio tenham antes do mais em consideração as especificidades das diversas regiões e pólos de interesse. Daí a importância de se salvaguardar a diversidade e as distâncias, a autonomia e a conflitualidade — para que as acções comuns não se baseiem em equívocos ou visões idílicas, única forma de serem duradouras e de conduzirem à complementaridade indispensável entre equidade e eficácia. Como afirmou o professor Miguel Reale: «nós seremos obrigados a superar um pouco certa vaidade que está inerente ao princípio de autodeterminação (nós na Europa falaríamos da necessidade de partilharmos a soberania com outros parceiros europeus, sem esquecer o princípio angular da subsidiaridade), mostrando que seremos obrigados — como os demais países o serão — a chegar a um acordo que transcenderá uma decisão puramente unilateral dos problemas no que se refere aos valores de carácter planetário.» (Idem, p. 44) Depois das fases do Direito Internacional baseado na coexistência das nações e da cooperação internacional — é chegada a fase da integração, que será feita de coexistência entre movimentos centrífugos e centrípetos, que tenderão inexoravelmente a congregar esforços e a consolidar espaços de criatividade e de troca de bens e de experiências, de saberes e de valores. Só nesse sentido se terá de falar na necessidade de mais acção comum, de mais diálogo fecundo, de mais e melhor consciência do que nos une e do que nos divide. É recomeço da vide. É o eterno em causa. Imhistória que está que a coragem porta, afinal, nosso convívio! entre para o finito no poema — como o in-Alexandre O'Neill.

Guilherme d'Oliveira Martins

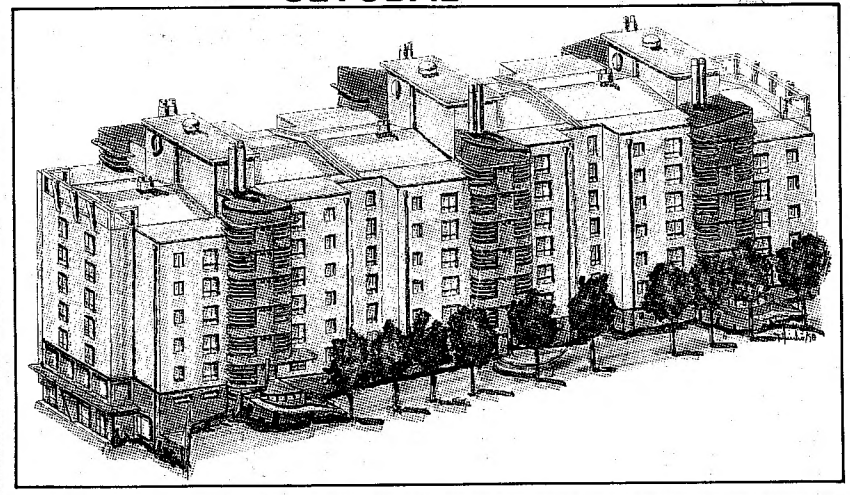
bisturi

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO



SETÚBAL



A dois passos de Lisboa, SETÚBAL - A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO!
Já lhe chamam SILICON BAY...
E com razão ...OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!
AS TORRES DO SADO - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM INVESTIMENTO CERTO, COM VALORIZAÇÃO GARANTIDA.
Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A.

MESMO NO — CORAÇÃO — DA CIDADE!

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto móvel Telefone 065/721144 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27 - 1.º Esq. — 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

INTERNACIONAL

Mais de 40 países analisarão efeitos do desarmamento na economia mundial

Conferência da ONU vai reunir-se em Moscovo

Os representantes de mais de 40 países vão reunir-se a 13 Agosto na capital soviética para discutir os efeitos das medidas de desarmamento sobre a economia mundial, anunciou o secretário-geral adjunto da ONU para os Assuntos de Desarmamento, Yasushi Akashi.

A conferência, organizada pelas Nações Unidas e pela Fundação Soviética para a Paz, será inaugurada pelo ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze. Durante cinco dias o encontro debaterá os problemas práticos colocados pelos ajustamentos económicos necessários à reconversão da indústria militar.

Com o desanuviamento do clima internacional e a «detente» Leste-Oeste, as perspectivas de limitação dos armamentos são maiores do que nunca e torna-se necessária a concretização de outras reduções importantes antes da conclusão das próximas negociações de Viena sobre as forças convencionais na Europa, segundo Akashi.

O alto funcionário da ONU sublinhou que vários países deverão recorrer à imaginação para reciclar os seus trabalhadores formados pelas indústrias militares, em consequência da redução dos orçamentos militares, e devido aos cortes no pessoal militar.

A conferência de Moscovo é a primeira do género organizada pelas Nações Unidas, na qual participará também a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os Estados Unidos, que desmobilizaram 2,8 milhões de militares após a guerra do Vietname, têm uma enorme experiência a compartilhar com as outras nações sobre os problemas de conversão, concluiu Akashi.

NATO favorável

A Aliança Atlântica entretanto acolheu sem surpresa a anunciada redução de tropas britânicas, mas disse que espera que Londres consulte e informe os restantes membros da Aliança sobre a concretização desta medida.

«Acolhemos favoravelmente a decisão do Reino Unido e o compromisso de que consultará os restantes membros da Aliança à medida que for pondo em prática esta decisão, que permite adaptar as suas forças armadas à evolução da situação internacional», disse um porta-voz da Aliança.

Segundo a mesma fonte, as autoridades britânicas informaram o secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, da sua decisão antes de a terem anunciado na Câmara dos Comuns.

O ministro britânico da Defesa, Tom King, deu a conhecer aos deputados, na quarta-feira, o conteúdo do programa que prevê a redução do exército britânico em 18 por cento, o que corresponde a 57 mil homens, nos próximos cinco a sete anos.

Por outro lado, o primeiro de trinta comboios de viaturas que vão evacuar a totalidade das armas químicas norte-americanas estacionadas há 20 anos na RFA, deixou a base de Clausen, a oeste da RFA, sob a supervisão do exército e polícia dos EUA e da RFA.

Uma fila de 80 veículos numerados, que atingia sete quilómetros, iniciou a sua marcha, sem que se tivesse registado qualquer manifestação da população, sobretudo dos ecologistas, como se previa.

Redacção DL/AFP

B R E V E S

Os «escândalos angolanos» e o «Público»

Na sua edição de hoje, o matutino «Público» reage às acusações de «sensacionalista» e «mercantilista» feitas pelo órgão oficioso de Luanda, «Jornal de Angola», relativamente a uma reportagem publicada no passado dia 13, sobre casos de corrupção em que estão implicadas várias individualidades daquele país. O «Público», que refere o compromisso para com os seus leitores, diz que a publicação dessas informações foi de «oportunidade estritamente jornalística e não de oportunidade e conveniência política de quem quer que seja». Sublinha que não «inventou» os factos dados a lume, mas que eles foram o resultado de uma séria investigação. Em jeito de recado, acrescenta que as preocupações manifestadas por Luanda «deveriam reflectir-se também na conduta das personalidades envolvidas em situações menos claras e regulares.

FAV reivindica atentado contra Hans Neusel

O atentado à bomba que na sexta-feira passada, em Bona, feriu ligeiramente o Secretário de Estado da RFA, Hans Neusel, foi reivindicado pela organização terrorista de esquerda, Fracção Armada Vermelha (FAV). Esta identificação foi feita através de uma carta deixada nas proximidades do local do atentado.

Ministros da CEE decidem rectificação do Orçamento

Os ministros do Orçamento da CEE, reunidos em Conselho, poderão decidir, ainda hoje, se vão ou não apresentar recurso ao Tribunal de Justiça das Comunidades contra o Parlamento Europeu, por esta instituição ter alterado o montante das receitas previstas no orçamento rectificativo e suplementar deste ano.

OPEP quer aumentar o preço do petróleo

Com o Iraque e o Koweit empenhados em apaziguar o clima de tensão que reina entre estes dois Estados do Golfo Pérsico, os treze ministros da Organização de Países Produtores de Petróleo (OPEP) entraram hoje no segundo día da actual ronda de negociações, a decorrer em Genebra, sem se ter ainda chegado a um acordo quanto ao preço do barril de petróleo a adoptar por este cartel de produtores.

Segundo o ministro venezuelano, Celestino Armas, está a ser examinada a possibilidade de aumentar o preço de referência, actualmente na casa dos 18 doláres por barril, para um valor que deverá oscilar entre os 20 e os 25 doláres. O preço final será certamente o resultado de um compromisso entre os Estados que desejariam ver o preço do barril a 25 doláres, como é o caso do Iraque e da Líbia, e os Estados que reclamam aumentos moderados, tal como o Koweit e os Emirados Arábes Unidos.

Este preço de referência ditado pela OPEP só terá algum significado se as quotas de produção dos vários Estados membros forem respeitados, o que nem sempre se verifica. No entanto, e no que diz respeito ao compromisso assumido perante os outros Estados membros, já se terá alcançado um acordo estipulando a quantidade de crude que cada país pode produzir.

Redacção DL/ AFP

José Agostinho

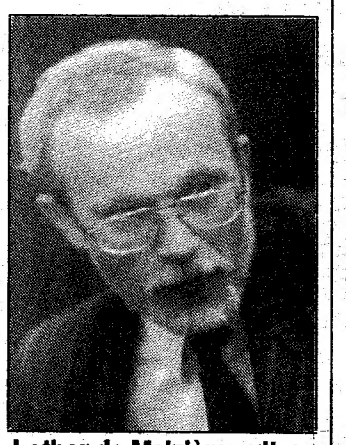
Eleições alemãs só depois da unificação

Sociais-democratas ganham braço de ferro em Berlim

Os partidos representados nas coligações de Governo em Bona e Berlim Oriental chegaram ontem à noite a um acordo sobre a questão das eleições. Este acordo não só viabiliza a actual coligação governamental na RDA como prevê, também, que as primeiras eleições legislativas da futura Alemanha unida se realizem num só território e segundo a mesma lei eleitoral.

O fim do impasse negocial foi anunciado pelo ministro alemão-federal do Interior, Wolfgang Schaueble, após uma reunião, em Bona, das comissões parlamentares da RDA e RFA para a unificação. Sob a ameaça de ruptura da coligação, o primeiro-ministro da RDA e líder dos democratas-cristãos, Lothar de Maizère, cedeu às pressões dos sociais-democratas e liberais e retirou a sua exigência de que as eleições se realizassem separadamente nos dois territórios antes da união política, prevista para o dia 2 de Dezembro.

No entanto, ainda não se chegou a acordo quanto à percentagem mínima de votos que os partidos terão de obter para conquistar uma representação parlamentar. Recorde-se que na RFA a fasquia é colocada nos cinco por cento, prevendo-se que, se esta regra for mantida, alguns partidos com representação parlamentar na RDA, como os ex-comunistas, perderão esse estatuto.



Lothar de Maizière evitou a queda do seu Governo

Ao evitar a proliferação de pequenos partidos com representação parlamentar os principais beneficiados são os sociais-democratas, que desta maneira evitam uma maior divisão da esquerda, e os liberais da RFA, a que pretence o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, que vêem alargada a sua base de apoio afastando-se da zona perigosa dos cinco porcento.

Esta questão que ainda se encontra por resolver será estudada na próxima terça-feira numa reunião entre democrata-critãos e liberais da RFA, prevendo-se desde de já um tratado inter-alemão sobre a lei eleitoral que os dois parlamentos, reunidos em sessão extraordinária, deverão ractificar antes do fim de Agosto.

Redacção DL/AFP

Seixal

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
DIVISÃO DE DESPORTO

Largo dos Restauradores, 21 — 2840 SEIXAL
Telefones 2 21 17 58 - 2 21 35 24
Telex 43794 CAMUSE P
Fax 2222296

TORNEIOS INTERNACIONAIS

À semelhança do sucedido em 1989, vão-se realizar 4 Torneios nas modalidades de Andebol, Basquetebol, Futebol e Hóquei em Patins, em que as equipas mais representativas do Concelho terão oportunidade de competir com outras, nacionais e estrangeiras, de projecção e prestígio reconhecidos.

Jacarta enfrenta nova rebelião independentista

Cinco batalhões de tropas indonésias foram enviados para a província de Aceh, onde ex-militares auxiliados pela população civil estão rebelados contra Jacarta, pedindo a secessão. A rebelião, considerada a pior dos úlltimos dez anos, causou pelo menos 40 mortos entre os civis e um número indeterminado entre os soldados. O Governo indonésio considera que o movimento rebelde é formado por criminosos vulgares ligados ao tráfico de marijuana e promete suprimi-lo até ao final do ano.

«Fizemos um estudo e chegámos à conclusão que oito em cada dez habitantes da província apoiam a rebelião, mesmo que o façam passivamente», afirmou um trabalhador dos Registos Civis de Aceh, região situada no extremo norte da Samatra.

Embora os considere criminosos comuns, sem qualquer ligação com eventuais sectores independentistas com simpatias entre a população local, Jacarta tem ordenado uma dura repressão ao movimento. As forças militares vigiam as vias de comunicação, tendo bloqueado a principal estrada de ligação à região. Os soldados transportam em camiões abertos os membros do movimento rebelde que capturam, apontando-lhes armas à cabeça para mostrarem aos habitantes locais a sorte dos insurgidos.

Numa carta divulgada num jornal da província, um grupo auto-denominado Frente Nacional da Aceh Samatra afirma que mata soldados indonésios e espiões do exército como parte da sua luta pela secessão da Indonésia.

Analistas políticos consideram que acusação do Governo de que se trata de criminosos comuns não faz sentido, já que a população tem permitido que eles se refugiem no interior da província, dando-lhes bom acolhimento. Segundo esses analistas, terá havido uma espécie de fusão entre os ex-militares que iniciaram a rebelião, que têm armas mas não têm uma causa pela qual devem lutar, e a população, que não tem armas mas luta pela independência do Aceh.

Redacção «DL»/Lusa

A guerrilha e o Governo salvadorenho deram ontem um importante passo para a paz ao assinarem o primeiro acordo em dez anos de guerra civil . O cessar-fogo poderá ser em Setembro

Acordo em El Salvador sobre Direitos Humanos

Pela primeira vez em dez anos de guerra civil, o Governo de El Salvador e a guerrilha da Frente Farabundo Marti de Libertação (FLMN) chegaram a acordo. Ontem, em São José da Costa Rica, as duas partes concordaram em respeitar os Direitos Humanos, pondo fim às «desaparições, sequestros e torturas», aos esquadrões da morte e à impunidade dos militares. Uma nova reunião ficou marcada para a segunda metade de Agosto, estando o cessar-fogo previsto para 15 de Setembro.

Este acordo sobre Direitos Humanos era considerado como o principal obstáculo ao entendimento entre guerrilha e Governo e só foi conseguido após seis dias de intensas negociações, com a mediação do representante da ONU, Álvaro de Soto. As duas partes já se tinham encontrado em Genebra, em Abril, Caracas, em Maio, e em Oaxtepexque, no México, sem que se tivesse chegado a nenhuma conclusão.

De Soto propos um acordo, que será supervisionado no local por uma missão da ONU, prevendo que guerrilheiros e exército adoptem «medidas imediatas para evitar todos os actos contra a vida, a integridade, a segurança e a liberdade das pessoas» e que não sejam mais permitidas prisões arbitrárias, sem respeito pelas normas legais. O chefe da delegação da FMLN, o comandante Shafick Handal, considerou que o acordo fez com que «o processo de negociações saísse do impasse», acrescentando que o Governo reconheceu implicitamente que actualmente «os direitos e as liberdades constitucionais não são respeitadas».

Handal disse, no entanto, que os salvadorenhos não devem entrar já em euforia, porque o acordo tem que se traduzir em factos, sobretudo o fim da impunidade dos militares e a dissolução dos esquadrões da morte, numa sociedade que continua a ser dominada pelo exército.

Nova ofensiva da FMLN ?

Se o acordo for respeitado, na segunda metade de Agosto, a FLMN e o Governo (representado pelo ministro da Justiça, Oscar Santamaria) vão voltar a São José da Costa Rica para negociar prioritariamente a depuração e a restruturação das Forças Armadas, uma questão complexa que os guerrilheiros consideram essencial para a assinatura de um cessar-fogo a 15 de Setembro e para a entrada da FLMN ns vida política do país em Junho do próximo ano.

Mesmo tendo se chegado a um primeiro acordo para a paz, a guerra que em dez anos causou cerca de 70 mil mortos e danos materiais incalculáveis continua presente. Durante as negociações, rumores insistentes davam como certa uma nova ofensiva militar da FLMN, no género da lançada em Novembro passado contra São Salvador.

Na altura morreram mais de três mil pessoas, entre as quais sete padres jesuítas assassinados a sangue-frio por um esquadrão da morte, onde se suspeita estarem integrados membros do exército.

Redacção «DL»/AFP

Encontro entre Coreias produz poucos resultados

O histórico encontro que ontem se realizou entre os primeiros-ministros da Coreia do Norte e a Coreia do Sul , na localidade fronteirija de Panmunjom, o primeiro desde o fim da guerra, em 1953, poderá ter poucos resultados práticos e dificilmente será o prelúdio de uma reunificação, consideram diversos observadores. A prová-lo está o fracasso de duas tentativas de passar das palavras aos actos. Hoje de manhã, não houve acordo entre os dois países sobre as condições para que uma delegação de Pyongyang se reunisse com um grupo dissidente sul-coreano, ao mesmo tempo que se mantem a recusa de abertura temporária das fronteiras em Panmunjom e da realização de um festival pan-nacional em Agosto, projectado pela Coreia do Norte.

Como pontos positivos ficam os novos encontros, ontem decididos, a realizar-se entre delegações chefiadas pelos dois primeiros-ministros, previstos para 4 de Setembro em Seul e 16 de Outubro em Pyongyang. Mesmo servindo para aliviar a tensão entre as duas Coreias, não ficou muito claro o que pode ser negociado, já que nem o Norte, considerado um dos últimos bastiões da ortodoxia estalinista, nem o Sul, decididamente pró-ocidental, capitalista e autoritário, parecem, querer abrir mão dos seus princípios.

Nas mínimas tentativas de contacto entre os coreanos surgem inúmeros entraves que impossibilitam a realização da aproximação. Uma delegação de Pyongyang, que pretendia reunir-se com uma coligação dissidente do Sul para discutir a realização de um comício pró-unificação em Panmunjom, não conseguiu chegar a acordo sobre pormenores como deslocações e acomodações com as autoridades de Seul e foi impedida de atravessar a fronteira. As duas partes terminaram o encontro com recriminações mútuas, tendo os norte-coreanos advertido que o caso poderia afectar as futuras relações inter-coreanas.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

O aperto de mão entre os chefes das delegações parece ter tido como único resultado prático a promessa de novos encontros

Esclarecimento da Embaixada Norte-Coreana

O «Diário de Lisboa» publicou, no passado dia 20, na página 11, uma notícia sobre a questão coreana, baseada em informação de agências noticiosas e intitulada «Coreia do Norte recusa abrir fronteira». Sobre esse título inserimos, no dia 25, uma nota de Redacção correctiva. Recebemos, agora, uma carta da Embaixada da Coreia do Norte em Lisboa.

A missiva rejeita a veracidade do título referido, afirmando que ele é «...totalmente diferente da posição em que a República Democrática da Coreia insiste quanto ao problema da abertura de Panmunjom». Acrescenta-se que «...para o «Diário de Lisboa» poder assumir uma correcta compreensão sobre esse problema, esta Embaixada envia um exemplar da declaração publicada no dia 20 de Julho pelo Comité da República Popular Democrática da Coreia para a Reunificação Pacífica da Pátria».

A declaração do referido Comité não rejeita a abertura da fronteira mas põe condições à Coreia do Sul a cumprir antes de que se efective essa abertura.

A condição mais frequentemente mencionada no documento, mas não a única, é a de que o Governo de Seul anule a Lei de Segurança de Estado sul-coreana, a que as autoridades de Pyonyang chamam «A Grande Muralha Política» entre as duas Coreias.

Afirma o documento norte-coreano que essa lei permite a prisão dos coreanos do sul que visitem a Coreia do Norte. Diz, ainda, o texto enviado pela Embaixada norte-acoreana em Lisboa que o Governo de Seul deve «...pelo menos libertar, antes de 15 de Agosto, os visitantes à parte Norte que se encontram detidos e encarcerados...».

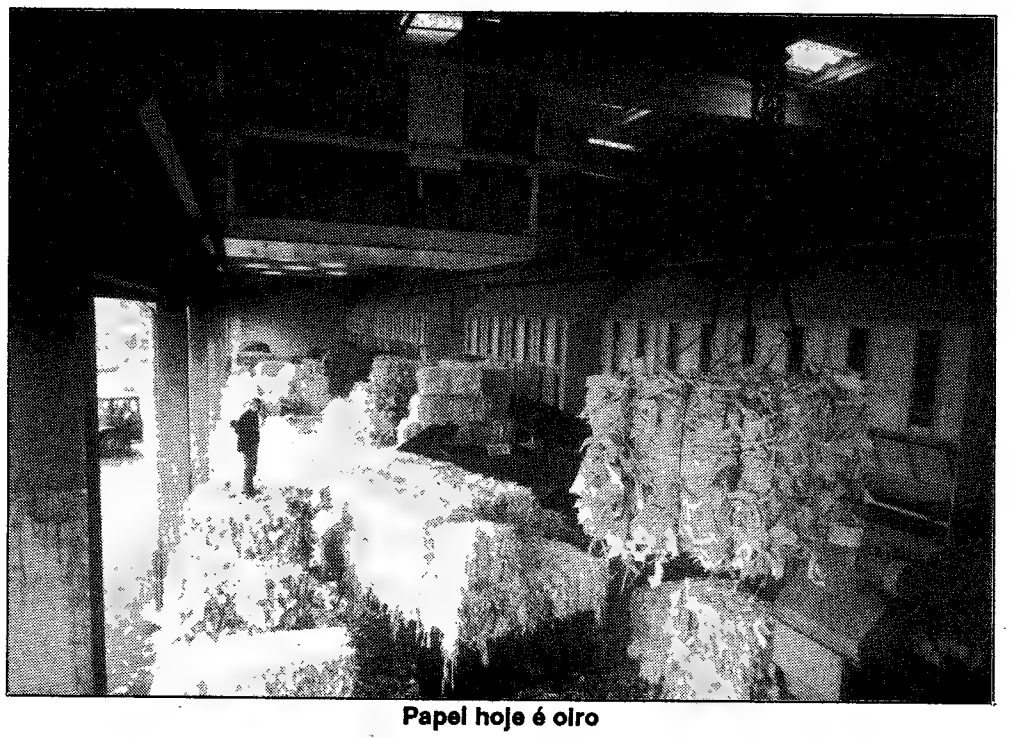
Discurso comerativo da revolução cubana

Castro isola-se cada vez mais

O Presidente cubano Fidel Castro acusou a Espanha de ser «cúmplice do imperialismo americano» na sua campanha contra Cuba e evocou a possibilidade de ruptura das relações diplomáticas com Madrid. Ao discursar durante três horas para uma multidão calculada em cerca de 100 mil pessoas em Havana, Castro criticou violentamente «o encorajamento» para sair do país dado por Espanha aos refugiados que se encontram na embaixada de Madrid em Havana. «O presidente George Bush tem uma obsessão doentia pelo regime comunista da ilhas e a Espanha através da arrogância e da presunção tornou-se cumplice dos EUA», afirmou Castro no seu discurso comemorativo do 37º aniversário da revolução cubana. Ironico e provocador, Castro anunciou que deixará sair do país todos os cubanos que o desejarem, excluindo os que ainda se encontram nas embaixadas ocidentais. Para o efeito sugeriu aos Governos europeus, qualificados «campiões dos Direitos Humanos», que se pusessem de acordo e abrissem «um, dois, três ou mais escritórios para atender os pedidos de cubanos que querem emigrar». Aos EUA, o chefe de Estado cubano sugeriu o envio de barcos e vistos de entrada para recolher os eventuais dissidentes. Castro anunciou também que Cuba recusará a ajuda da Cruz Vermelha Internacional para socorrer os refugiados nas embaixadas, e respondeu à possibilidade de suspensão do programa de cooperação com a Espanha com um seco «anulemna».

Vidrões, papelões e plasticões

Um convite à economia



Papel hoje é oiro

Assim não dá

Livrar-se do lixo, do seu lixo, sempre foi uma das preocupações da sociedade de consumo. Eliminá-lo, num passe de magia, de modo a não estorvar, partindo do princípio de que constitui um espectáculo desagradável à vista e degrada o ambiente. Soluções improvisadas como as das lixeiras a céu aberto, são cada vez mais impensáveis no mundo civilizado. Os aterros sanitários, para além de ocuparem demasiado espaço, comportam uma série de inconvenientes com incidência nos solos e lençóis freáticos. Quanto à incineração da matéria residual urbana, adoptada por diversos países europeus, também não se revelou um método isento de prejuízos, na med-da em que gera fumos altamente poluentes. Numa pespectiva nilista, conclui-se que estamos metidos num beco sem saída: que o lixo, de uma maneira ou de outra, nos persegue. Na nossa fantasia configura-se um cenário aflitivo, contra o qual a lógica científica se insurge; resta-nos, portanto, acreditar que a reciclagem resolve o problema com a maior das limpezas.

No caso do vidro e do papel não há dúvida de que resolve. Com o plástico já não é tanto assim, embora este material figure no programa nacional de reciclagem das embalagens de líquidos alimentares que a Secretaria Nacional do Ambiente e Recursos Naturais pretende pôr em marcha, tentando convencer o sector comercial e industrial do valor de tal acção para a economia nacional. «Até agora a biodegradação do plástico consiste em reduzi-lo a moléculas invisíveis a olho nu. Continua a existir sob a forma de uma poeira, susceptível de contaminar a água, a fruta e os vegetais. Todavia, recolhem-se as garrafas de plástico, o velho PVC (policloreto de vinilo) que, submetido à moagem, se tranforma num pó.« A solução mais honesta será fazer desse pó novos produtos de plástico», afirma o ecobiólogo Paul de Graauw, um especialista na área dos impactes ambientais.

Compete-lhe prever os resultados, a prazo, dos reflexos no meio ambiente dos grandes empreendimentos que violam as leis da Natureza, e introduzir nos relatórios decorrentes do estudo «as necessárias recomendações de medidas compensatórias e minimizadoras do provável choque». Graças ao seu parecer foi travado o projecto da marina de Tavira que, segundo ele, ia destruir as zonas húmidas onde certas espécies de aves, protegidas a nível europeu, se alimentam e nidificam. Reprovou também a hipótese de alargamento do Campo de Tiro de Alcochete, alegando colisão com a reserva do estuário do Tejo.

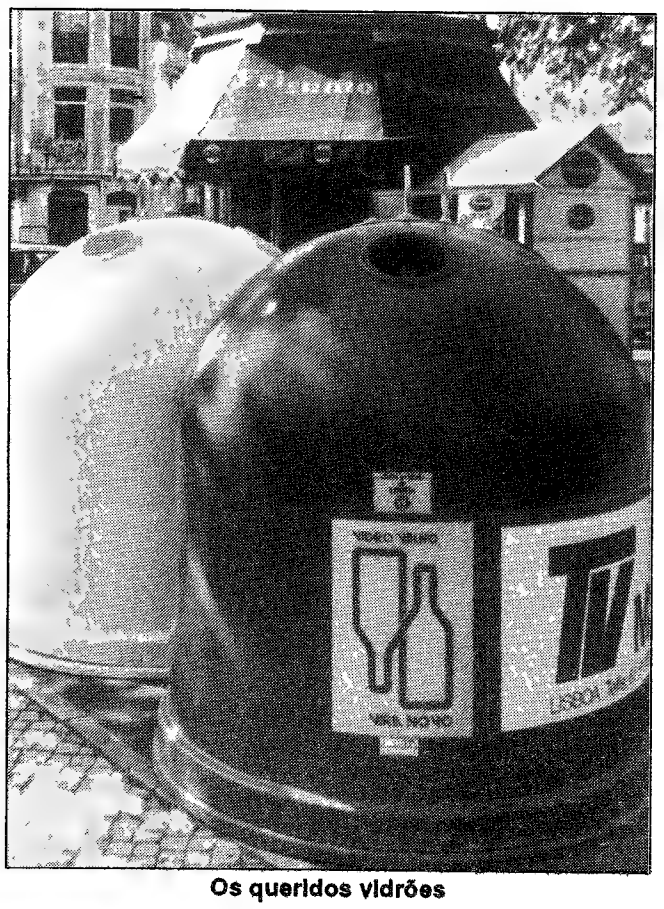
O aproveitamento do papel

Este holandês, colaborador de Macário Correia, montou num gabinete do Serviço Nacional de Parques, departamento a que pertence, um serviço interno de consumo do papel reciclado. Qualquer papel, por mais insignificante que seja, não se perde. Não se lhe atribui o desprezível destino de lixo, é selectivamente separado e enviado para a fábrica de Benavente onde se sujeita à reciclagem. «Desde 19 de Julho de 1988 até hoje já recolhi 8500 quilos», informa Paul de Graauw. Ninguém desconhece que o papel usado vale dinheiro; daí o afã dos idosos que, durante a noite, passam a pente fino os caixotes do lixo.

Com efeito, há uma «mafia» que controla o mercado do papel velho, e se a Câmara Municipal de Lisboa ainda não seguiu as pisadas da de Oeiras, colocando nas ruas os chamados «papelões», deve-se à pressão desses recolhedores que não querem ver o seu lucro transferir-se para os cofres municipais. Empenhadas em transmitir à opinião pública uma imagem ambientalista, acrescenta o técnico, as autarquias deveriam estabelecer um compromisso com as pessoas que vivem da recolha do papel. No mercado já circulam envelopes, sacos, bobines gigantes de papel branco, papel de escrita, guardanapos e rolos de papel higiénico bastante apresentáveis. «O papel higiénico fabricado em Benavente não se diferencia do da Renova que não renova absolutamente nada. Perto de 80% da produção é exportada para Espanha. Aqui o mercado ainda se retrai perante as propostas alternativas.»

Analisemos as vantagens da recuperação do papel. Atendendo ao aspecto económico, argumenta-se que o papel reciclado tem um preço mais baixo do que o papel virgem, e compreende-se porquê. O acto de produzir papel na base do próprio papel limita a importação de madeira. Ainda no âmbito da poupança, verifica-se que reciclar papel implica um menor gasto de energia. Depois, o motivo fundamental, com suficiente capacidade para desarmar as teorias opostas: é desnecessária a exploração intensiva da floresta, porque uma tonelada de papel reciclado evita o sacrifício de 15 a 20 árvores. «Sem discutir a importância da celulose na economia portuguesa, ninguém minimamente responsável deixará de admitir a leviandade com que se destroem os recursos hídricos, solos agrícolas, montados de sobro e azinho, olivais, medronhais, pastagens e madeiras nobres.»

Apela-se ao civismo dos nossos compatriotas, sugerindo-lhes que deitem para os «papelões» revistas e jornais velhos, embalagens, toda a papelada sem interesse que só atrai aqueles irritantes bichinhos com o nome de traças.



Os queridos vidrões

Vidro velho, vidro novo

Infelizmente, em Portugal, a recolha selectiva dos detritos urbanos ainda não alcançou as metas desejáveis, e as mentalidades e os hábitos impedem que as coisas tenham um curso mais veloz. Os primeiros testes foram desenvolvidos pela Câmara Municipal de Oeiras, concelho pioneiro na reciclagem de materiais, com contentores aptos a receber o vidro usado. Vidro velho, vira novo — eis a palavra de ordem da campanha. Amplio o sentido da mensagem, lembrando que com o «vidrão» se poupa um dinheirão.

Ouvimos Manuel Faião, secretário-geral da Associação dos Industriais do Vidro de Embalagem que reúne cinco das seis empresas do sector. «Sem referir os propósitos puramente ecológicos, na decisão dos industriais, com vista ao reaproveitamento das embalagens perdidas, pesa o factor económico. Claro que se reflecte no preço de custo: para produzir uma tonelada de vidro novo basta uma tonelada de vidro velho, em vez de uma tonelada e 200 quilos de matéria-prima, o que se traduz numa economia de 20 por cento. Permite ainda uma significativa redução no consumo de energia eléctrica e de fuel, o combustível por excelência da indústria vidreira. Se utilizarmos o casco, já não se precisa de estragar um areal ou uma montanha para extrair o calcário, a tal matéria-prima.» Após o arranque da Câmara de Oeiras, outras autarquias se apressarm, em todo o território nacional, a tomá-la como exemplo. Balanço: 7500 toneladas de vidro recolhido, o que proporcionou aos produtores uma economia de 60 mil contos.

Embora longe do satisfatório, este esforço merece elogios. «Nós, portugueses, somos muito cépticos. De início reinava o desânimo, desconfiava-se que as populações não iam corresponder ao apelo, mas os resultados obtidos ultrapassaram largamente as previsões. O público tem de estar motivado, por isso resolvemos aliar a reciclagem a obras de carácter social, em particular de protecção à criança.» Logo se aproveitou a maré para publicitar as vantagens do vidro. Higiénico, impermeável, transparente, estável, eterno e não poluente. Não apodrece, não arde, não enferruja, não se altera. Porém, sendo a única embalagem verdadeiramente segura requerida pelos produtos alimentares, não conseguiu deter a invasão do plástico. «Dizia-se que o vidro era frágil e pesado, quando a tendência actual é torná-lo mais leve e durável. Perdemos quase totalmente a batalha dos iogurtes e do leite, no campo das águas minerais regista-se uma ligeira quebra, mas no que respeita aos azeites, compotas e vinho somos os preferidos. Ora, o vidro já vem da antiguidade, está provado que é a melhor embalagem dos produtos alimentares.»

Atraso fatal

As fábricas consomem o casco industrial e as garrafas com retorno, enquanto as de tara perdida, desde o desaparecimento dos sucateiros que faziam uma ronda doméstica, iam parar às lixeiras. Com os vidrões aumentaram as possibilidades de recuperação. «Convém que as pessoas lancem nos vidrões apenas as garrafas. Restos de lixo acumulado, pedras e metais prejudicam os fornos que custam centenas de milhares de contos. Carecemos de estações de tratamento do vidro, mas não podemos arcar com uma responsabilidade dessas. O nosso sector fez grandes investimentos, estamos preparados para o confronto europeu, garanto-lhe que não receamos os efeitos da integração na CEE. O único problema é o peso da mão-de-obra que, a médio prazo, será reconvertida, conforme os casos».

O sistema de reciclagem, com 2392 vidrões implantados sobretudo na zona Litoral, pois o Interior do País ainda não possui uma rede de recolha eficiente, salvo num ou outro centro urbano, abrange 74 autarquias. Quanto à tese de que as sociedades não se podem dar ao luxo do desperdício, as estatísticas europeias ainda remetem Portugal para a cauda. É a fatalidade do atraso, uma evidência inegável.

Lourdes Féria

QUOTIDIANO

BREVES

«Génios» precoces discutidos em Lisboa

O Centro Português de Criatividade, Inovação e Liderança (CPCIL) vai realizar, de 8 a 10 de Agosto, um seminário relativo à «importância social do atendimento aos sobredotados». Estarão presentes representantes do Conselho Mundial para as Crianças Sobredotadas e Talentosas e do Conselho Europeu para a Sobredotação. O seminário pretende dar resposta a três questões: quem são os sobredotados, como apoiá-los e o que perde Portugal com a indiferença a que os vota.

Cursos de férias para emigrantes

Um curso de férias, organizado pela Sociedade de Língua Portuguesa, a funcionar durante o mês de Agosto, vai ministrar gratuitamente conhecimentos de Língua Portuguesa, História, Geografia, Literatura, Teatro, Música e Cinem, a estrangeiros e filhos de emigrantes.

Exposição de pintura sobre o ambiente

Uma exposição de pintura organizada pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza e pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, sob o tema « Paisagens e Fauna de Áreas Protegidas» estará patente ao público a partir do próximo dia 30 e até dia 2 do mês de Setembro, em Terras de Bouro. Na exposição serão apresentados trabalhos de Alfredo da Conceição.

Ensino Básico usufrui de 2 milhões de contos

O pelouro da educação da Câmara Municipal de Lisboa elaborou um plano de intervenção, no montante de 2 milhões de contos, destinado à recuperação e melhoria de 38 estabelecimentos de Ensino Básico. Em 1991, o plano vai englobar 47 intervenções, prevendo-se, para 1992, cerca de 35 obras de recuperação nas 124 escolas primárias, a funcionar a partir do próximo ano lectivo. Até final de 1990, iniciar-se-ão obras de «pequenas reparações» em mais de 18 escolas,

Costa e Silva deixa Portugal

O embaixador do Brasil em Lisboa, Alberto da Costa e Silva, vai abandonar o nosso País, motivo pelo qual o Elos Clube da Comunidade Lusíada o homenageia com um jantar no próximo dia 30. Costa e Silva entrou para o Elos em 1963, e é elista honorário.

Paz no autódromo

A portaria que suspende a requisição do Autódromo do Estoril foi hoje pulicada no «Diário da República. A decisão foi tomada porque «já foi possível garantir mais do que estritamente se visava alcançar com a requisição», e «está devidamente salvaguardado o interesse público e nacional».

Hospitais de Coimbra avançam com programas de transplantes

Os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) vão arrancar com os transplantes de vários orgãos, procurando dar prioridade às transplantações do fígado e da medula — disse, ontem, à Lusa, o presidente do conselho de administração.

Dentro desta linha de actuação, Linhares Furtado, o pioneiro dos transplantes renais em Portugal, deverá ser nomeado coordenador científico geral da área de transplantes.

Os HUC esperam receber, em 1991, uma dotação do material indispensável à realização dos transplantes hepáticos, que terão como principal responsável o cirurgião Castro e Sousa.

O primeiro transplante hepático foi feito nos HUC, em 1988, em condições não totalmente satisfatórias, tendo desencadeado alguma tensão entre cirurgiões que partilhavam diferentes pontos de vista sobre o assunto.

Hospital Universitário de Coimbra

Os Hospitais da Universidade de Coimbra gozam de estatuto de ponta nesta matéria, tendo sido o primeiro estabelecimento a efectuar transplantes renais, em 1969.

Nessa altura, a equipa de Linhares Furtado procedeu à transplantação de um rim de um dador vivo e, em 1980, transplantou o primeiro rim extraído em Portugal a um cadáver.

Na última década, fizeram-se nos HUC cerca de 200 transplantes renais, tendo sido igualmente esta unidade a que forneceu o primeiro coração transplantado em Portugal.

Dentro de algum tempo, os HUC poderão começar a efectuar transplantes cardíacos. Actualmente, privilegiam as operações de coração aberto.

No âmbito da desburocratização de serviços

CML vai melhorar atendimento público

A descentralização do atendimento público nos serviços da Câmara Municipal de Lisboa vai começar a 24 de Agosto, com a abertura de quatro novos locais onde será possível tratar de assuntos e documentos que, até agora, exigiam deslocação aos Paços do Concelho.

Designados por Serviços de Atendimento Municipal (SAM), os novos departamentos da Câmara de Lisboa foram ontem apresentados aos órgãos de Comunicação Social, durante uma cerimónia realizada num deles, situado na rua Pascoal de Melo.

«Os SAM são um dos projectos do plano de eficácia, transparência e desburocratização que a autarquia lisboeta pretende levar a cabo», explicou o responsável directo pelos novos serviços, José Afonseca.

Anselmo Aníbal, vereador do pelouro da modernização administrativa da CML, que presidiu à sessão, disse, na altura, que «os cidadãos são cada vez mais exigentes», pelo que «o município precisa ainda de mais postos de atendimento».

Referindo-se aos novos serviços, situados no Chiado, S.Bento, Estefânia e Campo de Santa Clara, afirmou que «não haverá diferença entre o atendimento prestado actualmente nos Paços do Concelho e o que será feito nos novos locais».

Os SAM têm também como objectivo informar os cidadãos dos departamentos da autarquia onde deverão dirigir-se para tratar de assuntos fora do âmbito daqueles serviços.

Mais informação sobre os Açores

O subsecretário da Comunicação Social do executivo açoriano assinou ontem, em Ponta Delgada, em representação do Governo Regional, um protocolo com a agência de notícias Açorpress, para distribuição de noticiário regional às comunidades no estrangeiro.

Joaquim Machado realçou, na ocasião, a importância que os emigrantes têm para o processo autonómico, considerando que elas «são o maior apoio vindo do exterior».

O dirigente disse justificar-se, por isso, um «relacionamento cada vez mais constante e profundo» com os emigrantes.

O director da Açorpress, Gustavo Moura, realçou o importante papel que a agência tem desenvolvido nas comunidades e anunciou que ela pretende enviar para o Porto a sua produção noticiosa que já é enviada para Lisboa.

Ao abrigo do protocolo assinado ontem, a agência comprometeu-se a garantir um fluxo regular de notícias para as comunidades, assegurando o Governo Regional os custos de telecomunicações e parte dos encargos endossados aos clientes.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/172

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV para o PT n.º 1929 na Herdade da Sanguinheira de Baixo, com 928 m e origem no apoio n.º 3 da linha para o PT n.º 1802, na freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE SOR durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 20 de Julho de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«D. Lisboa», 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/181

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, para o PT 1698 com início no apoio 4 da linha para o PT 625 e término no PT 1698 da Ribeira de Arronches, com 5871 metros, nas freguesias de Alegrete e Reguendo, no concelho de Portalegre.

Linha aérea a 30 kV, para o PT 1700 com início no apoio 21 da linha para o PT 1698 e término no PT 1700 em Vale Lourenço com 39 metros, freguesia de Alegrete, concelho de Portalegre.

Linha aérea a 30 kV, para o PT 1699 com início no apoio n.º 10 da linha para o PT 1698 e término no PT 1699, em Vale Lourenço, com 13 metros, freguesia de Alegrete, concelho de Portalegre, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Maio de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/356

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV para PT n.º 1716 na Herdade das Alcarias, com 1398 m e origem no apoio n.º 19 da linha para o PT n.º 265, na freguesia e concelho de Sousel, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SOUSEL durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 20 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«D. Lisboa», 27/7/90

Estado sem técnicos na 2.ª feira

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado convocou uma paralisação geral nacional dos seus associados para o próximo dia 30, «na previsão de que as greves em curso não sejam suficientes para demover o Governo», afirma a organização em comunicado.

Os quadros técnicos estão esta semana a cumprir formas de luta - greve de zelo e paralisação de uma hora por dia, com «adesão superior a 85 por cento» - devido à recusa do Governo em apresentar uma proposta de descongelamento de dois escalões do novo sistema retibutivo da Função Pública «capaz de satisfazer as reivindicações mínimas», lê-se no comunicado da estrutura sindical.

No contexto da negociação, o STE não aceitou que se «retomasse a prática habitual de penalizar os quadros face à generalidade dos trabalhadores da Função Pública».

O STE apresentou ainda queixa à Organização Internacional do Trabalho (OIT), «devido à atitude da secretária de Estado do Tesouro, que suspendeu unilateralmente as negociações, não aceitando as propostas de continuação do diálogo» feitas pela organização sindical.

IPPC e Enatur recuperam património

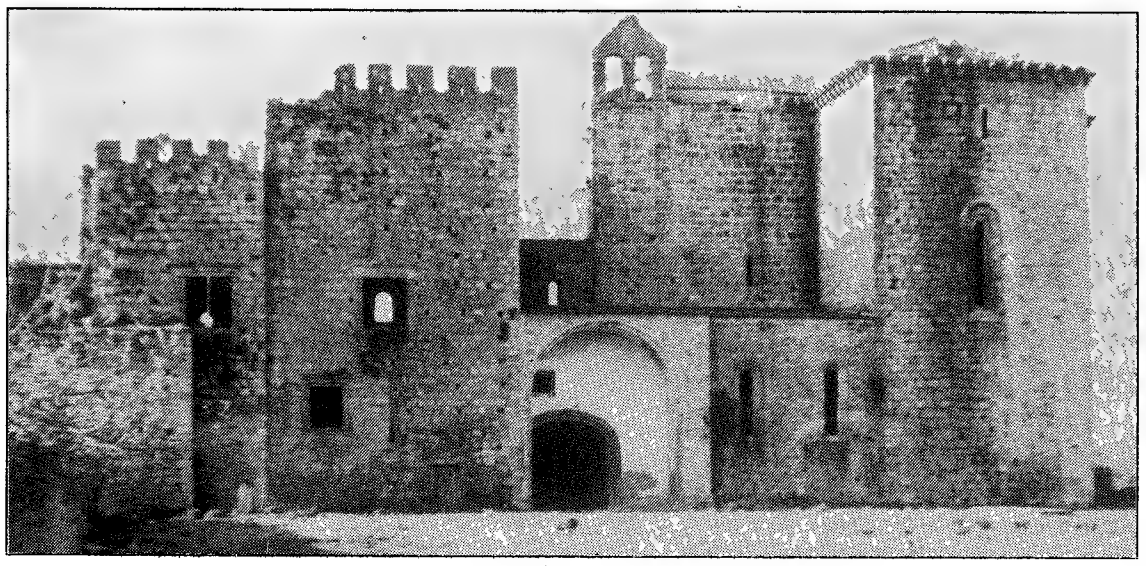
O Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e a Empresa Nacional de Turismo (Enatur) celebraram, no Palácio da Ajuda, um contrato para a recuperação de monumentos e edifícios de interesse público.

O Mosteiro da Flor da Rosa (Crato), o Convento de São Francisco (Beja), o Convento de Cristo (Tomar), o Mosteiro de Tibães (Braga) e o Convento da Saudação (Montemor-o-Novo) foram os monumentos que, na sequência de estudos técnicos, o IPPC e a Enatur seleccionaram para recuperação, adaptação e utilização como pousadas.

O contrato, além de prever a recuperação de edifícios de valor arquitectónico e histórico, irá permitir, também, a construção de novas pousadas, devidamente enquadradas nas zonas onde vierem a ser implantadas.

O presidente do IPPC, Antero Ferreira, explicou que é da responsabilidade da Enatur a condução e dinamização do projecto, cabendo ao IPPC o acompanhamento e fiscalização, de modo a salvaguardar «interesses culturais, arquitectónicos, estéticos e históricos envolvidos».

Antero Ferreira salientou que o IPPC e a Enatur se comprometeram a desenvolver «todas as diligências», junto de entidades públicas e privadas, no sentido de ser garantido o «zeloso cumprimento» dos objectivos do contrato assinado.



O Mosteiro da Flor da Rosa, no Crato

Formação profissional condiciona desenvolvimento de Gouveia

Um empresário de Gouveia, José Guerrinha, anunciou a criação local de cursos profissionais ligados ao turismo e ao artesanato, entre outros sectores, como forma de reter a população estudantil.

Membro da Comissão Instaladora da Associação de Desenvolvimento de Gouveia, Guerrinha considera que a permanência da juventude no concelho serrano depende do empreendimento urgente de acções de formação profissional.

Sem essas iniciativas, segundo o mesmo responsável, não será possível o desenvolvimento da zona, mantendo-se o êxodo da parte escolarmente mais bem sucedida da sua população estudantil, estimada em 20 mil indivíduos, a maioria pertencente ao escalão etário dos 15 aos 24 anos e ao ensino secundário.

Cultura regional e Património são outras matérias a leccionar num projectado Instituto de Gouveia, de acordo com José Guerrinha, que previu ainda a criação de uma área dedicada à informática e à gestão, possivelmente para funcionar já em Setembro próximo.

Redacção «DL» / Lusa

O GRUPO D'ARTE MÓVEIS, CONFIANÇA FOI CLASSIFICADO O QUE MAIS BARATO VENDE EM RELAÇÃO PREÇO/QUALIDADE. E GANHOU O PRÉMIO INTERNACIONAL DE QUALIDADE.

D'ARTE MÓVEIS CONFIANÇA

MÊS

FANTÁSTICO?

DESCONTOS

A prestações e sem juros

10 A 50%

GRANDE VARIEDADE DE MOBILIÁRIO DE ESTILO E MODERNO

LOJAS DARTE MÓVEIS, CONFIANÇA

ODIVELAS — Rua Alfredo Ruas, 50 — Pedernais — Telefones: 9326054-9326058
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Telefone: 2769001
LISBOA — Estrada de Benfica, 174-176 — Telefone: 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125-127 — Telefone: 530076
LISBOA — Hipermercado Ibérico — Telefone: 7595959
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Telefone: 3522662
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, 92-A — Telefone: 2077237
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, Lote 80 — Telefone: 741699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40 — Telefone: 2301197
MEM MARTINS — Rua da Azenha, 3 — Telefone: 9217570
CAMARATE — Rua Cidade de Lisboa, Lote 6 — Telefone: 9475311
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, 3 — Telefone: 2475289
AMORA — Marco Severino, Fogueteiro, Centro Comercial — Telefone: 2523415

LOJAS PICA-PAU

QUELUZ — Av. Elias Garcia, 74-B — Telefone: 4363679
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Telefone: 4945691
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Telefone: 9217234

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lote 4 — Telefone: 9475311
CAMARATE — Rua Avelino Salgado de Oliveira, Lote 1 — Telefone: 9474528

QUOTIDIANO

Acordo social a médio, prazo em discussão

CGTP e UGT: duas vozes agora para uma só em Setembro

A CGTP e a UGT decidiram ontem enfrentar juntas o Governo e as confederações patronais, na próxima reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, a 4 de Setembro. Mas, até lá, «cada central apresentará autonomamente os seus contributos para que o PESAN possa ser melhorado», declarou ao DL Rui Santos Alves, da UGT.

A cimeira de ontem entre os responsáveis máximos de cada central sindical, que decorreu na sede da CGTP, terminou com uma «declaração conjunta», na qual se analisa a evolução da situação social e económica do país e se apresentam « hipóteses de acção comum». A intenção, segundo Torres Couto, é que o movimento sindical se apresente aos parceiros sociais com «uma só voz».

No entanto, até se chegar ao 'uníssono', cada organização trabalhará sozinha: «Cada uma das centrais entregará, de forma autónoma, até ao dia 20, (prazo dado pelo ministro das Finanças), os seus contributos para que o PESAN do Governo possa ser melhorado, sem interligação entre si», disse Rui Santos Alves, acrescentando que isso não põe em causa que «depois do dia 20 nos voltemos a encontrar como fizemos ontem».

Manuel Lopes, da CGTP, afirmou, por sua vez, que «após o dia 27, altura em que o Governo deverá fazer chegar aos parceiros sociais a sua reformulação do PESAN, as duas centrais deverão encontrar-se para analisar quais as evoluções feitas e discutir uma posição conjunta para 4 de Setembro».

Pela primeira vez, UGT e CGTP abandonaram o terreno neutro do CPCS e reuniram-se na sede da Intersindical.

Generalidades antes das quantificações

«O texto final sintetiza, da forma mais feliz possível, o que se passou na reunião. Discutiram-se conceitos genéricos em que estamos de acordo, não se entrando em particularidades, e por isso não deu para ver se havia desacordos», afirmou ao DL Rui Santos Alves.

Também Manuel Lopes expressou ao DL a mesma opinião: «Foi um encontro onde se defeniu um conjunto de aspectos importantes, mas não se quantificou nada relativamente aos valores do salário mínimo, pensões de reforma ou crescimento dos salários reais, que são reivindicações comuns. Mas isso poderá acontecer, não está posta de parte a hipótese de as duas centrais apresentarem na próxima reunião do CPCS um documento conjunto, já com aspectos quantitativos».

Para Rui Santos Alves, o importante da reunião - a primeira realizada na sede de uma das organizações - «é dizer, relativamente ao PESAN, que o movimento sindical está disponível para negociar um acordo social de médio prazo, com contrapartidas para os trabalhadores. Caso não se chegue a acordo, não queremos ser responsabilizados por isso, pois temos uma posição proponente. Esta é uma forma de 'picar' os empresários, que têm tido um comportamento muito incorrecto no CPCS».

«Estamos disponíveis para negociar um acordo, desde que ele venha no sentido do crescimento e desenvolvimento da nossa economia e que não castigue os trabalhadores, que têm sido sempre os prejudicados e a quem se têm pedido todos os esforços», disse manuel Lopes, acrescentando:

«Tudo faremos para que haja acordo com os restantes parceiros sociais, ou só com o Governo. Não excluimos ninguém, mas se as confederações mantiverem a mesma posição que têm tido até aqui, poderemos negociar com o Governo».

As centrais sindiciais deixaram muito claro que o Governo, se quiser um acordo, tem que se apressar pois, como disse Manuel Lopes, «só negociaremos qualquer coisa que tenha repercussões no Orçamento do Estado (OE), não nos bastam boas intenções».

Torres Couto e Carvalho da Silva explicaram mesmo que a última palavra relativamente ao OE é a da Assembleia da República, o que implica a responsabilização de todas as forças políticas... e não se sabe qual delas será Governo depois das eleições.

Declaração conjunta parte da UGT

A «declaração conjunta» que resultou da reunião de ontem entre os responsáveis máximos das duas centrais «teve por base um texto que a UGT levou para propor», afirmou ao DL Rui Santos Alves, acrescentando que ao documento inicial «juntaram-se ideias nossas e da CGTP».

No texto, as centrais concluem que «a actuação firme e decidida do movimento sindical torna-se, dia a dia, mais necessária face ao agravamento das desigualdades sociais, ao surgimento de novas formas de pobreza, à persistência do trabalho infantil, ao agravamento da precaridade de emprego», a que se junta a «impune violação das normas legais ou contratuais reguladoras das relações de trabalho», com «certos sectores do patronato (privado e público) ensaiando estratégias visando a segmentação do emprego, a individualização das relações salariais e a desregulação selvagem, visando pôr em causa direitos essenciais dos trabalhadores e limitar ou impedir o exercício da actividade sindical».

A obstrução à negociação colectiva e o crescimento económico que não tem revertido a favor dos trabalhadores são críticas que as centrais fazem. Afirmando «a sua disponibilidade para um processo de negociação séria de um acordo social de médio prazo», consideram «a proposta do PESAN insuficiente nuns aspectos e inadequado e mesmo inaceitável noutros».

A redução e organização do tempo de trabalho (máximo de 40 horas semanais), a reforma do sistema de Segurança Social (participação na sua gestão), crescimento dos salários reais e aproximação aos europeus são reivindicações constantes na «declaração conjunta».

Elsa Andrade

Segurança Social nas Casas do Povo

Os Centros Regionais de Segurança Social passam a poder abrir «serviços locais» em instituições públicas ou privadas, «qualquer que seja a sua natureza», determina um decreto-lei publicado, hoje, no Diário da República.

O diploma, do Ministério do Emprego e da Segurança Social, regulamenta as formas de implantação dos «serviços locais» nas Casas do Povo, especificando que a sua instalação «não determina a transição para a titularidade dos centros regionais de segurança social» do património daquelas casas, salvo quando «já não disponham de órgãos constituídos nos termos legais».

Novo estatuto das Casas do Povo

Um outro decreto-lei, também publicado hoje, redefine o estatuto das Casas do Povo, garantindo a sua autonomia e o seu carácter «vitalizador de uma sociedade civil livre e responsável». O diploma «acautela ainda, dentro dos limites legais, as justas expectativas dos trabalhadores das Casas do Povo, quer dos que se encontrem em situação profissionalmente activa, quer dos que reúnam condições legais para aposentação ou reforma».

ECONOMIA

Enquanto ministro do Comércio e Turismo defende internacionalização, os empresários passam a contar com apoio para o desenvolvimento no exterior

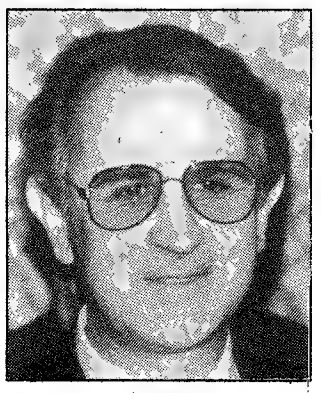
Investir no estrangeiro tem linha de crédito

Os empresários portugueses que queiram investir no exterior dispõem, a partir de agora, de uma linha de crédito especial de dois milhões de contos, para além de se habilitarem a um prémio para a melhor estratégia empresarial de internacionalização. Estas são algumas das medidas contidas num pacote de apoio à expansão da economia nacional, preparado pelo Ministério do Comércio e Turismo e aplicado pelo Banco de Fomento e Exterior (BFE), que visa a abertura de novos mercados para os produtos portugueses.

No decurso de uma conferência de Imprensa que decorreu na quarta-feira em Lisboa, presidida por Faria de Oliveira, ministro do Comércio e Turismo, foi igualmente anunciado que os investidores no estrangeiro contam também com os mecanismos de apoio já existentes, nomeadamente o NIDE - Novo Instrumento para o Desenvolvimento das Exportações, que é gerido pelo ICEP, bem como com o reforço do esquema de seguro de investimento directo no exterior, por parte da Companhia de Seguros de Risco (Cosec).

Conforme o anunciado, a linha de crédito que será aberta pelo BFE destina-se à realização ou aquisição de capital social de empresas com sede no estrangeiro e que tenham por objectivo a promoção da venda, no exterior, de produtos de origem nacional e a instalação ou aquisição de unidades produtivas noutros países, quando integradas em estratégias de produção ou de mercado que defendam os interesses portugueses.

O montante estabelecido do crédito poderá ser alargado, segundo disse João Salgueiro, presidente do BFE, caso se justifique, sabendo-se já que os empresários que recorram a esta linha de crédito terão um prazo máximo de sete anos, conforme as operações propostas e tendo por garantias as normalmente praticadas pelo Banca.



Faria de Oliveira promete apoios

A selecção e classificação das candidaturas ao prémio para a melhor estratégia empresarial será da responsabilidade de um juri formado por representantes de asociações empresariais de âmbito nacional, bem como do ICEP e do próprio BFE.

Cooperar com África

O ministro Faria de Oliveira defendeu, por outro lado, que o aumento do peso relativo da economia portuguesa, a nível internacional, passa pela internacionalização das empresas nacionais e pelo aprofundamento da cooperação com os países lusófonos.

Segundo disse, depois da apresentação do novo pacote de apoio ao investimento, no que se refere a esses países, com destaque para Angola e Moçambique, o Governo «vê com muito interesse a aposta em investimentos produtivos, em posição muitas vezes maioritária».

De alguma forma fora de sintomia com outros sectores, no que se refere ao investimento em África, nomeadamente com afirmações de governantes dos países lúsófonos, que advogam a formação de empresas mistas, o ministro do Comércio e Turismo admitiu a possibilidade de as empresas portuguesas investirem nesses países sem se associarem ao capital local, o que dependerá do que classificou como o «interesse que daí advir para os investidores portugueses».

Redacção «DL»

Acordo luso-espanhol sobre transeuropeias

Um projecto conjunto vai ser apresentado em Setembro em Bruxelas. Prevista uma ligação Porto-Lisboa-Madrid em comboio de alta velocidade e uma auto-estrada que ligará as duas capitais

Portugal e a Espanha chegaram a acordo quanto às grandes infra-estruturas a implantar e a desenvolver na península Ibérica no domínio das redes transeuropeias. Um plano conjunto vai ser apresentado em Setembro à Comissão Europeia.

Este plano incide sobre cinco áreas: auto-estradas e vias rápidas, caminhos-de-ferro de alta velocidade e de velocidade acelerada, portos e aeroportos, infraestruturas energéticas (gás e electricidade) e redes físicas de telecomunicações que permitam os serviços telemáticos e a passagem à futura banda larga.O acordo resultou de um encontro entre os ministros portugueses do Planeamento e das Obras Públicaas, respectivamente, Valente de Oliveira e Ferreira do Amaral, e espanhol das Obras Públicas, Saenz Cosculluela.

No final da reunião, Valente de Oliveira disse que foram já seleccionados os eixos rodoviários que vão ligar Portugal e Espanha ao Norte e Centro da Europa. Aliás, foram as redes ferroviárias e rodoviárias que dominaram o encontro.

Ferreira do Amaral considerou de importância estratégica a auto-estrada Lisboa-Madrid, com prolongamento para o Norte-Atlântico (San Sebastian-Bordéus-Tours-Paris), bem como a ligação ferroviária em alta velocidade entre Porto, Lisboa e Madrid.O ministro português disse rejeitar qualquer hipótese desta ligação passar por Sevilha, defendendo que a ligação a Madrid deve partir do Entroncamento e dirigir-se directamente para a capital espanhola.

BREVES

Os Dois Cavalos também se abatem

Termina hoje, definitivamente, a produção dos «2CV» da Citroen, viatura que apenas estava a ser industrializada em Portugal, onde, na linha de montagem de Mangualde, desde Fevereiro de 1988, foram construídas 31 930 unidades, a uma média de 85 por dia.

Sonae instala em Viseu um hipermercado

A Câmara Municipal de Viseu e o grupo Sonae acordaram na instalação naquela cidade de um hipermercado da cadeia Prisunic. É a primeira fase de um projecto que prevê ainda a instalação de outros empreendimentos.

Empresários brasileiros em Castelo Branco

Uma delegação de empresários brasileiros esteve recentemente no distrito de Castelo Branco para analisar no local as possibilidades de investimento. A delegação foi chefiada por José Araújo Lima, presidente do Clube de Empresários do Brasil.

CEE: proposta melhoria de transportes fluviais

O euro-deputado português Coimbra Martins apresentou no Parlamento Europeu uma proposta de resolução que defende a adopção de medidas comunitárias para melhorar as infra-estruturas de transporte de mercadorias por via fluvial, bem como o seu suporte logístico e telemático, posição competitiva e qualidade dos serviços.

Air Atlantis transporta mais passageiros

Durante o primeiro semestre deste ano a Air Atlantis transportou 186520 passageiros nos 2004 voos realizados, o que representa um aumento significativo da sua actividade. Nas partidas de Portugal esse aumento foi de 63 por cento e nas do estrangeiro são de salientar as de Espanha (mais 197 por cento), Itália (mais 152 por cento), Escandinávia (mais 137 por cento), Suíça (mais 96 por cento) e Alemanha (mais 25 por cento).

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$35	49$35
ALEMANHA FED. (marco)	87$05	88$25
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$039	4$289
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$70	125$20
(notas de 5 a 1000)	123$20	125$70
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$385	1$505
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$35	144$85
(notas de 5 a 1000)	141$85	145$35
FINLÂNDIA (marka)	37$10	37$70
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$20	78$30
IRLANDA (libra)	234$55	238$55
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$897	$952
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	257$10	261$60
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$55	104$05
VENEZUELA (bolívar)	2$532	3$332

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

INATEL
TURISMO SOCIAL

Informam-se os associados que existem lugares vagos para as seguintes excursões:

- FIM DE SEMANA QTª DO PICADO - 11 e 12/8 - 12.100$00
- FESTAS DA AGONIA (BRAGA/VIANA) - 17 a 20/8 - 16.200$00
- ALMOÇO REGIONAL NO CANGALHO - 19/8 - 2.800$00

- CASTELLON (ANDORRA) - 23/8 a 3/9 - 72.500$00
- PALMA DE MAIORCA (VALENCIA) - 24/8 a 4/9 - 81.900$00
- SALOU-COSTA DOURADA - 25/8 a 3/9 - 61.000$00
- MARROCOS-CIDADES IMPERIAIS - 30/8 a 8/9 - 82.700$00
- JUGOSLAVIA - C.ADRIATICO - 5 a 12/9 -
- AGUARELA BRASILEIRA (2 VAGAS) - 11 a 27/9 - 290.000$00
- ITALIA MONUMENTAL - 15 a 30/8 - 132.400$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS:
Calçada de Santana, 188 — 1198 LISBOA CODEX
Tel. 83 68 71 — E NAS DELEGAÇÕES DISTRITAIS

No Centenário da Morte de Van Gogh (1853-1890)

O Artista incompreendido pe

Faz hoje cem anos que Vincent Van Gogh atentou contra a própria vida, vindo a morrer dois dias depois, no dia 29 de Julho de 1890, apenas com 37 anos de idade.

Ao comemorar-se o centenário da sua morte, é justo evocar a vida e a obra do grande pintor holandês, que é um caso histórico e paradigmático do artista incompreendido pela sociedade do seu tempo.

Vincent Van Gogh nasceu no dia 30 de Março de 1853. Seu pai era pastor protestante, pelo que recebeu uma educação religiosa. Sendo o mais velho de seis irmãos, cedo começou a trabalhar no comércio, dos 16 aos 20 anos de idade. No comércio, o seu irmão mais novo Théo viria a ser um «marchand» de arte, em Paris. Entre Théo e Vincent manter-se-ia uma profunda e exemplar relação de amizade, pela vida fora, através de uma intensa correspondência, que viria a ser reunida em livro, com o título «Cartas a Meu Irmão Théo».

Aos vinte e poucos anos, Van Gogh passa seis meses a recopiar citações da Bíblia e, em 1878, frequenta uma Escola de Evangelistas Missionários, em Bruxelas.

Em 1879-80, cumpre uma missão de pastor protestante, vivendo no meio dos mineiros e acabando por ser expulso dessa missão pela Igreja oficial, que o consi-derava demasiado arrebatado na defesa dos seus ideais de justiça social.

Aos 30 anos de idade, predispõe-se a exprimir o seu estado de revolta através do desenho e da pintura. A sua actividade febril acentuar-se-á nos últimos quatro anos de vida, em Paris e em Arles, onde realiza o conjunto mais significativo da sua obra, cujo total é cerca de 850 pinturas e cerca de mil desenhos.

Durante toda a sua vida vende apenas uma pintu-ra, passa fome, tem crises de depressão nervosa e acaba por se suicidar, no dia 27 de Julho de 1890, morren-do dois dias depois, no hospital, onde foi internado de urgência. Por ironia do destino, hoje, a pintura de Van Gogh é a mais cara do mundo e está a fazer a fortuna de alguns milioná-rios. A mesma sociedade burguesa, que repudiou a sua obra, consagra-lhe um Museu em Amesterdão.

O drama de Van Gogh

O «Caso Van Gogh» representa o drama do homem e do artista inconformista, que se sente excluído de uma sociedade que não aceita o seu trabalho e faz dele um inadaptado, um candidato à loucura e ao suicídio.

Preocupado com a condição e o destino da Humanidade, Van Gogh desmascara a hipocrisia burguesa e interroga-se, angustiado, sobre o significado da sua própria existência. Naturalmente, vive no meio das vítimas, no meio dos trabalhadores explorados, no meio dos componeses e dos mineiros, cuja fome e miséria retrata em tons sombrios e com profundo sentimento comunitário, inspirado em Daumier e Millet. Pinta por desespero e por revolta, ao sentir a necessidade de dizer o que o inquieta, face a situações de injustiça social. É assim a sua primeira época, na Holanda, seu país natal.

Aos trinta e três anos de idade, em Maio de 1886, parte para Paris e aí conhece os Impressionistas. Torna-se amigo de Toulouse-Lautrec. Pinta nus femininos, auto-retratos, paisagens e flores. Não se contenta com a decomposição da cor-luz impressionista de Pissarro e a técnica pontilista de Seurat e Signac. É sensível às estampas japonesas, de cores lisas e contrastantes. Van Gogh quer exprimir, através do contraste das cores complementares, *«as terríveis paixões humanas»*, pelo que o seu cromatismo tímbrico é violento.

Expoente máximo do expressionismo «fauve»

O seu cromatismo tímbrico é violento e, consequentemente, associa-se à deformação intencional da imagem, tornando-se o iniciador do Expressionismo «fauve», que viria a influenciar Vlaminck, Picasso e tantos outros, seus continuadores, como Munch, Ensor, Kokoschka, Nolde, Kirchner e Soutine. Vlaminck chegou a afirmar a Matisse, quando o conheceu em 1901, que gostava mais de Van Gogh que do seu próprio pai.

O Expressionismo pode ser definido como uma forma de arte que dá primazia às reacções emotivas do artista, que tenta pintar não a realidade objectiva do mundo, mas a realidade subjectiva dos sentimentos, fazendo da pintura uma outra realidade, porventura mais intensa que a realidade circundante.

Na série de auto-retratos, que Van Gogh realiza em Paris, em 1886-88, é o olhar penetrante e inquietante que nos fixa, num rosto de barba ruça e hirsuta, modelado com curtas e nervosas pinceladas de cor vibrante. É o olhar que se interroga e nos interroga sobre a sua e a nossa condição humana. Há algo de obsessivo na sua expressão, simultaneamente dura e terna, melancólica e agressiva, ansiosa, tímida e sensual.

As suas composições florais de Paris são exercícios de estilo, que lhe permitem investigar a sumptuosidade da cor matérica, mais de acordo com o seu temperamento que as subtilezas impressionistas. O ideal humanístico do Expressionismo de Van Gogh remonta a Rembrandt e Delacroix, seus pintores favoritos.

«Não ficaria surpreendido se os Impressionistas começassem brevemente a criticar o meu processo de trabalho, que deve muito mais às ideias de Delacroix do que às deles, porque em vez de reproduzir exactamente o que vejo, uso mais arbitrariamente a cor para me expressar com violência».

Desenhar com a cor

Delacroix era para Van Gogh o grande exemplo da possibilidade de «conjugar a cor com a forma», isto é, de desenhar directamente com a cor e transformar assim a pintura numa escrita de pinceladas dinâmicas, engendradas pela energia vitalista e o ritmo do próprio acto de pintar.

«Eu vejo expressão e até alma em toda a Natureza, como, por exemplo, nas árvores, açoitadas pelo vento».

«Quando trabalho no local, procuro fixar no meu desenho o essencial e depois encho as superfícies limitadas pelo contorno com tons uniformemente simplificados, em que exagero propositadamente o valor das cores». «Falo na simplificação das cores, segundo o costume japonês... Pois os japoneses (...) dispõem tons simples uns junto dos outros, traços característicos, que fixam movimentos ou formas».

«Aquilo que eu encontro de belo em Delacroix é que ele deixa sentir a vida das coisas, a expressão e o movimento».

«Este problema (de combinar a forma com a cor) depende, assombrosamente, da relação directa que há entre o desenho da forma e o pincel. Considerar o desenho e a cor como uma só coisa. Desenhar com a cor. Começo a aplicar essa técnica com a mesma facilidade com que se escreve. As pinceladas sucedem-se umas às outras como as palavras de um discurso ou de uma carta».

A força expressiva da cor solar de Van Gogh viria a revelar-se no sul da França, no Midi, em Arles, nos dois últimos anos de vida. «Não se sabe se é verde, azul, violeta, rosa ou cinzento», olhando o céu e o mar do Midi. Curiosamente, as grandes planícies lhe recordam a Holanda. São grandes extensões de campos, a perder de vista, verdes e amarelos. Mas aqui há calor e êxtase solar.

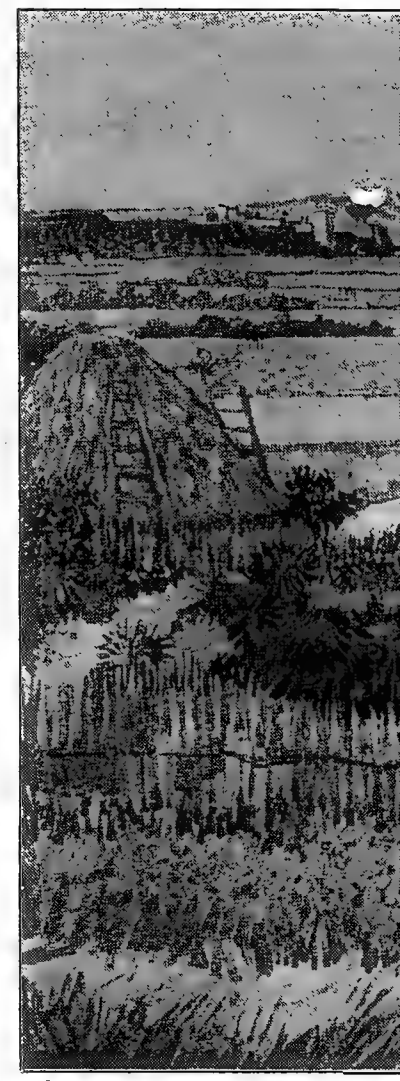
Van Gogh volta a ser o pintor da vida campestre. Em «O Semeador» (1888) há um exagero deliberado na representação do disco solar, pintado de amarelo, num céu verde luminoso, e na representação, em primeiro plano, do vulto humano do semeador e da grande árvore oblíqua, em tons escuros.

Percursor da «Action Painting»

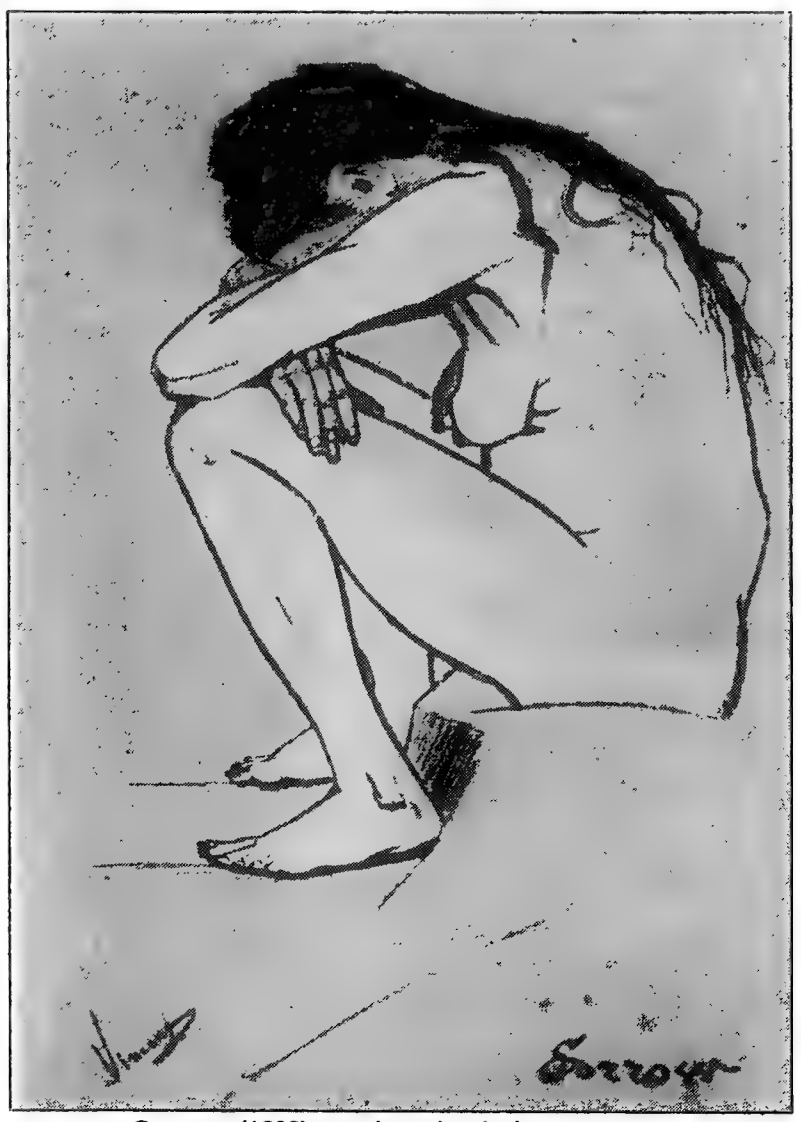
Em Arles, Van Gogh compreende que a sua pintura é um signo gestual que, ao captar e ao apropriar-se do conteúdo essencial da vida, se manifesta contra tudo o que oprime e aliena o homem.

O que Van Gogh quer é que a sua pintura seja um facto vivo e autêntico. Por isso, ele vive a cor, a matéria, a pincelada, o traço ou o desenho como características específicas da sua própria pintura, onde ele se projecta inteiramente, onde ele se auto-retrata. Mesmo quando retrata o outro, é sempre na base da afectividade humana. E, em qualquer dos casos, é sempre de Van Gogh que se trata, seja qual for o tema que a sua pintura aborde. Ao arredondar e tornar ondulante a estrutura rígida e geométrica de uma catedral, pintada em 1890, ou ao povoar de corvos negros o céu azul intenso, em contraste com o intenso amarelo de um vasto campo de trigo, último quadro que pintou, poucos dias antes de se suicidar, a pintura de Van Gogh é um grito lancinante de cor, matéria e ritmo convulsivo.

A sua paleta adquire tal autonomia e intensidade cromática que, ao utilizar as cores complementares, designadamente o azul e o amarelo, o vermelho e o verde, a sua pintura vibra e, por influência desses fortes contrastes cromáticos, deforma intencionalmente a própria imagem, que se torna tão excitante como a



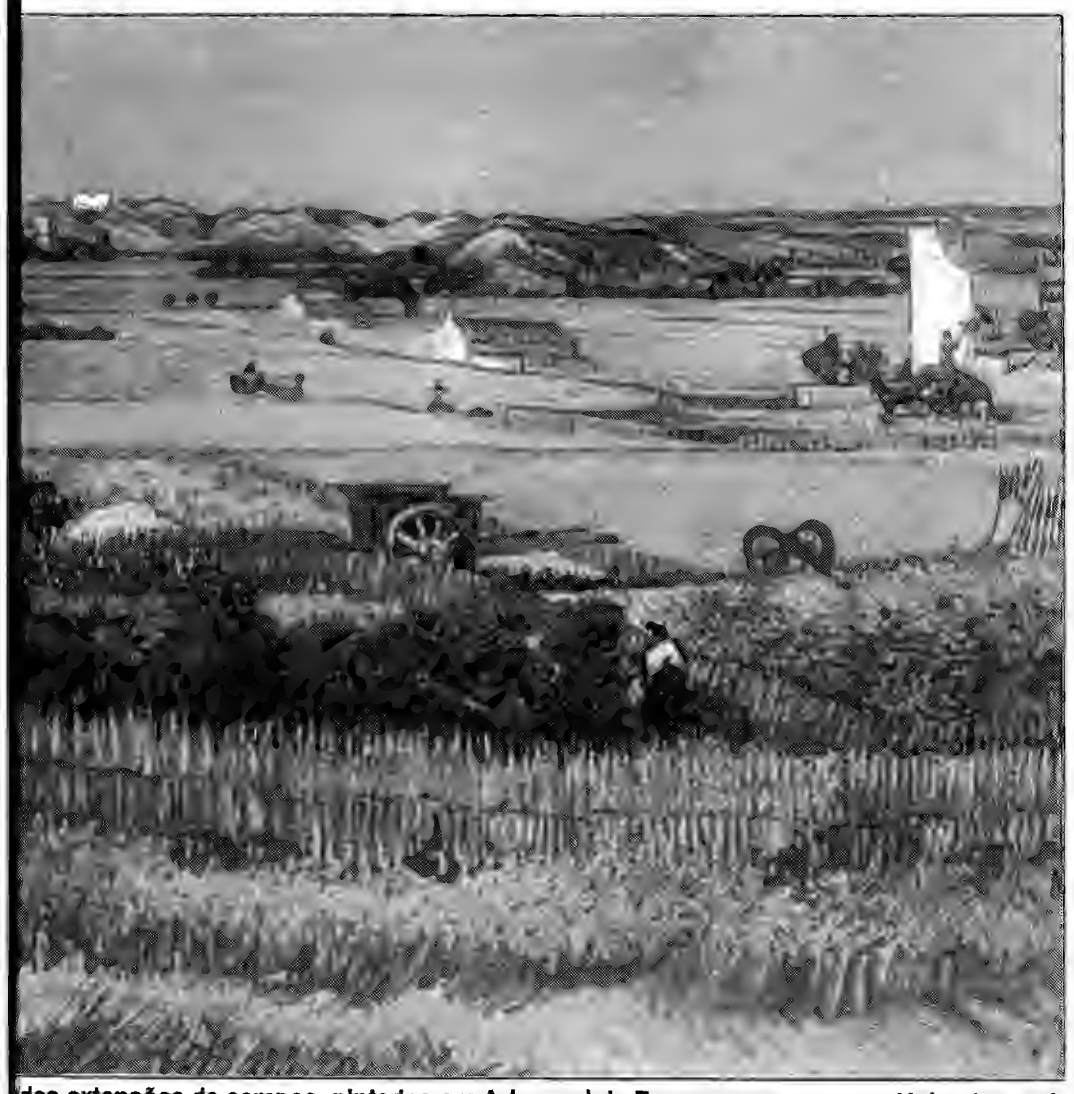
«La Crau» (1888): Grandes exte



«Sorrow» (1882): um desenho da época negra que exprime solidão e angústia

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

pela sociedade do seu tempo



des extensões de campos, pintados em Arles, sul de França, que evocam a Holanda natal

«Auto-retrato com a orelha cortada» (1889)

«Os girassóis» (1888): a cor matérica, mais de acordo com o seu temperamento que as subtilezas impressionistas

ria,
o
sti-
ró-
se
de
mo
é
vi-
al-
de
eja
na
on-
es-
ica
em
os
so,
so
po
ue
de
an
nte
on-
tal
de
as
le-
o
o
e,
es
le-
a
se
à

própria vida. Não há distanciação entre o que ele sente, pensa e faz. Nisso, ele é um verdadeiro percursor da «action painting» do expressionismo neo figurativo e abstracto de Pollock e De Kooning.

Efectivamente, a imagem global da pintura de Van Gogh deriva da conjugação de um conjunto de forças, que são a vibração cromática, o ritmo convulsivo e acelerado da pincelada, a matéria espessa e opaca da tinta, e os contornos irregulares de uma intencional deformação expressionista.

Na pintura de Van Gogh, a imagem resultante é um conjunto de signos animados por uma vitalidade febril. A matéria pictórica adquire uma existência autónoma, exasperada, quase insuportável; o quadro não representa, é. O pintor projecta-se nessa realidade, de uma forma tão evidente e peremptória, quanto lúcida, apaixonada e trágica.

Não confundir loucura e génio: «A arte é a boa saúde!»

Aquele que não é capaz de se exprimir, de acordo com os seus anseios mais profundos, pode enlouquecer ou morrer.

«Aquele que encontrou a Arte, está meio curado» - Nadir Afonso. «A Arte é a boa saúde!» - Ives Klein.

Isto, a propósito de Van Gogh que sempre se exprimiu de acordo com os seus anseios mais profundos e, nos momentos de intensa lucidez, foi quando foi mais inovador, enquanto, nos momentos de crise de depressão nervosa, foi quando foi mais convencional.

Aliás, Van Gogh tinha plena consciência da sua doença, cujos sintomas remontam à época negra, que viveu entre os mineiros, quando foi pastor protestante e expulso dessa missão pela Igreja oficial, muitos anos antes de vir a ser hospitalizado, em Arles.

Todos sabemos que a vida de Van Gogh não foi fácil: sofreu privações materiais, passou fome e foi vítima da incompreensão da sociedade do seu tempo. Mas o génio solitário do grande pintor holandês superou todas essas dificuldades, através da pintura, que assumiu inteiramente, com paixão e lucidez.

Muito se tem especulado sobre a loucura de Van Gogh, sem tentar perceber que o génio do artista se manifestou mais plenamente quando não acometido pela doença.

A sua primeira crise violenta foi em Arles, no dia 25 de Dezembro de 1888, quando cortou a sua própria orelha, com uma navalha, após acalorada discussão com o seu amigo e pintor Paul Gauguin, com quem partilhou o *atelier* durante dois meses. A incompatibilidade de temperamentos dos dois artistas motivou a súbita partida de Gauguin, o que agravou a situação. Van Gogh foi muito sensível a essa ausência. Pintou um auto-retrato com a orelha cortada e pintou a cadeira onde Gauguin se sentava.

A partir de então, sucedem-se períodos de crise, alternados com outros de intensa lucidez. Os seus quadros mais convencionais são pintados sob a vigilância do guarda do hospital. Os seus quadros mais inovadores são pintados quando o artista se sente em plena forma de saúde física e psíquica. Num período de euforia criativa, chegou a pintar setenta telas em setenta dias.

No dia 8 de Julho de 1890, pinta o seu último e genial quadro «Campo de trigo com corvos». No dia 27 de Julho de 1890, suicida-se com um tiro no peito. Internado de urgência, resiste dois dias e morre no dia 29 de Julho de 1890. Profundamente chocado, poucos meses depois, morre o seu irmão Théo, o seu melhor amigo, que sempre o apoiou moral e monetariamente, dentro das suas modestas possibilidades.

Hoje, a obra de Van Gogh é homenageada em todo o mundo. Em Portugal, além de uma série televisiva holandesa sobre a obra e a vida do pintor, decorre uma exposição de cartazes internacionais, em homenagem a Vincent Van Gogh, na Casa Serralves do Porto.

Eurico Gonçalves

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-E Processo 1/42

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 10 KV, para o PT 276 com início no apoio 26 da linha 1088 Torres Vedras — Monte Redondo e término no PT 276, Lapas Grandes, concelho de Torres Vedras, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-E Processo 1/44

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 10 KV, n.º 369/R-30 com início no apoio 6 da linha 359/R-3 e término no PT 278 no Casal do Concelho, com 242 m. na freguesia de A-dos-Cunhados concelho de Torres Vedras, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-E Processo 1/45

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 10 kV, 361/23, com início no apoio n.º 19 da Linha 361/R-7 e término no PT 279 na quinta do Nanjapão, com 1367 m, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 20 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«D. Lisboa», 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-B Processo 1/47

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 10 KV, 1088/R-24, com início no apoio 7 da linha 1088/R-14 e término no PT 280-TVD na Quinta da Messejana com 640m, na freguesia do Maxial concelho de Torres Vedras, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL de Torres Vedras durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/81

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kV, com início no apoio n.º 9 da linha entre o apoio 27 da linha para o PT de Malpique e o apoio 30 da linha para o PST 1044 do CIM e término no PT da Estação Elevatória de Água do Carvalhal, com 12 metros, na freguesia de Santa Margarida da Coutada, no concelho de Constância, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CONSTÂNCIA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/93

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., direcção Op. Distribuição Telo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30 kV, para o PT da Paroma, com início no apoio 12 da linha para o PT 495 e término no PT da Paroma Sociedade de Produtos Aromáticos, Lda, com 158m, na freguesia e concelho de Benavente durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/95

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kV, com início no apoio n.º 1 da linha para o PT da Sociedade das Silveiras, Lda e término no PS 249 que alimenta o PT da Sociedade das Silveiras, Lda, com 1004 m, na freguesia de Samora Correia concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/96

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30 kV, para o PT da Metalúrgica Benaventense, com início no apoio 12 da linha para o PT 495 e término no PT da Metalúrgica Benavente, com 158 m, na freguesia e concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«D. Lisboa», 27/7/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/98

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30 kV, para o PT 464 com início no apoio 4 da linha para o PT da Sociedade das Silveiras e término no PT 464, no Bairro da Esteveira, com 254 metros, na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Julho de 1990

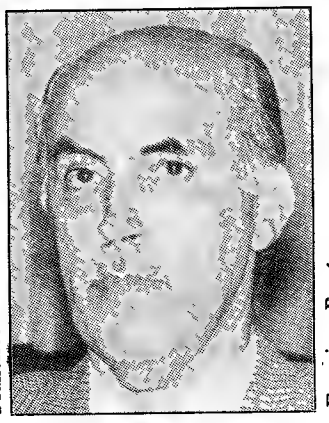
Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«D. Lisboa», 27/7/90

CULTURA

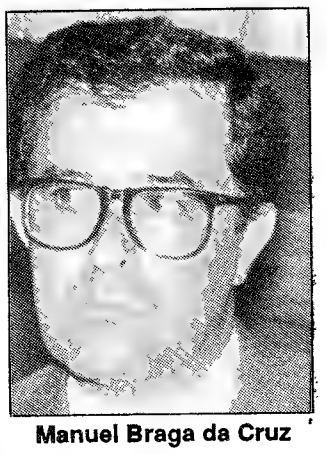
Sala cheia, debate vivo, foi assim ontem a sessão da tarde do ciclo de cinema que o DL está a organizar com o apoio da Cinemateca.O Tempo do Mundo Português é os anos 40 e no colóquio com os historiadores foi possível chegar a uma conclusão.Estes filmes, com destaque para os documentários, são uma fonte histórica importante, mesmo se eles atestam que entre a realidade que o país vivia há meio século e a imagem que queria dar de si próprio há apenas uma simples coincidência

Mário Mesquita



Francisco Paraíso

Luís de Pina



Francisco Paraíso

Manuel Braga da Cruz

A história, a realidade e a falsificação delas

Subordinada ao tema «Documentários de Actualidades» teve lugar mais uma sessão do ciclo «Lisboa e a Exposição do Mundo Português», uma iniciativa do «DL». Foram exibidos 22 documentários praticamente inéditos, a que se seguiu um debate com os historiadores Fernando Piteira Santos, Manuel Braga da Cruz e Fernando Rosas, tendo também participado Luís de Pina, da Cinemateca e o director do «DL», Mário Mesquita, como moderador.

Foram projectados documentários de curta duração (com a excepção de três, um pouco mais longos: «As Comemorações do XX Aniversário da Revolução», «Futebol no Estádio Nacional: O XIX Portugal-Espanha» e «Visita a Portugal do Generalíssimo Franco»), os chamados jornais de actualidades («Jornal Português» como eram designados nos anos 40) que tinham uma certa tradição em Portugal vinda do tempo da I Guerra Mundial, disse Luís de Pina.

«Este debate foi organizado a partir de uma ideia da jornalista Marina Tavares Dias, especialista em olisipografia», explicou o director do DL, no início do debate. «Espero que os documentários projectados propiciem uma reflexão acerca da História dos Anos 40 e, também, sobre a imagem em movimento, o cinema, enquanto fonte histórica e forma de reconstrução da realidade».

As finalidades propagandísticas dos documentários foram claramente identificáveis não só por todos os espectadores como também foram salientadas pelos participantes no debate, apesar de, como Fernando Piteira Santos afirmou, termos visto «imagens de Portugal, e não apenas imagens do Portugal de Salazar.

«A Exposição do Mundo Português», em 1940, foi o pretexto para a comemoração não só da fundação da nacionalidade e da libertação do jugo espanhol. Mas ela foi também, para Salazar, uma necessidade política, um homem previdente que pensava nela com dois anos de antecedência. Efectivamente, no «Diário de Notícias» de 27 de Março de 1938 foi, por si, assinada uma nota onde delineava politicamente e escolhia os locais onde devia decorrer o evento.

«Tratava-se para Salazar não apenas de uma comemoração histórica e de uma afirmação cultural da nação em face de um mundo conturbado, mas também de chamar a atenção para um país que não se queria envolver na guerra. Porque uma coisa eram as simpatias ideológicas e outras eram as razões de Estado a que o Governo fascista de então estava atento», referiu Piteira Santos.

O mesmo historiador afirmou que, na Exposição, se realizou o «milagre» de, em termos artísticos, ter sido possível utilizar simultaneamente o passado mais arcaico (representado por Júlio Dantas, presidente da Comissão Executiva dos centenários) e as correntes mais modernas (o caso de Almada Negreiros).

Referindo-se especificamente aos documentários e aos seus objectivos de propaganda, aquele autor terminou a sua intervenção referindo que a história de um país nunca pode assentar, como assentava a do antigo regime em Portugal, na mentira: «E uma das suas características é que ele baseava, o seu quotidiano, na mentira histórica».

Surrealismo e propaganda

Este último aspecto foi vincado na intervenção de Fernando Rosas: «O que me chamou mais a atenção no conjunto de filmes que vimos foi um certo tom surrealista, o que nos conduz das relações da propaganda com a realidade para o papel destes filmes junto da opinião pública portuguesa e a forma de conduzi-la a certos resultados, por contraste com as realidades históricas que subjazem ao que é mostrado».

Fernando Rosas ilustrou a sua observação utilizando o documentário relativo à visita de Franco ao nosso país em 1949. Através das imagens e da narração, o cidadão comum, desconhecedor do estado das relações entre Espanha e Portugal, e tendo em vista as manifestações populares e a solenidade das cerimónias oficiais, não se apercebe da tensão existente, na realidade, entre os dois países.

A situação era difícil durante a II Guerra Mundial, existindo mesmo uma forte facção, dentro do franquismo falangista (com planos realizados pelo Estado-Maior espanhol) favorável à anexação de Portugal.

Por outro lado, Franco visitava o nosso país na tentativa de dissuadir Salazar de aderir à NATO. O facto de não ter conseguido dialogar com Salazar conduziu à existência de queixas diplomáticas afirmando a Espanha que a visita do «Generalíssimo» se tinha tratado de uma burla.

Para Manuel Braga da Cruz os filmes apresentados cobriam um período demasiado dilatado (1940-1949) para poderem ser analizados com homogeneidade: «Cobrem um acontecimento que abanou profundamente a sociedade e o regime, que operou modificações sociais, económicas, culturais e políticas significativas. Com a guerra passa-se para um novo tipo de modelo eleitoral, político-partidário e de justiça política. Muda, inclusivamente, a própria concepção do partido da União Nacional.

Àquele historiador impressionou, nos documentários, a saliência dada, em quase todos eles, às Forças Armadas e à Igreja: «Penso que não é por acaso, já que ambas constituíram de forma desigual dois grandes pilares do regime. A instituição militar está na sua origem. A Igreja imprime-lhe uma orientação ideológica geral.

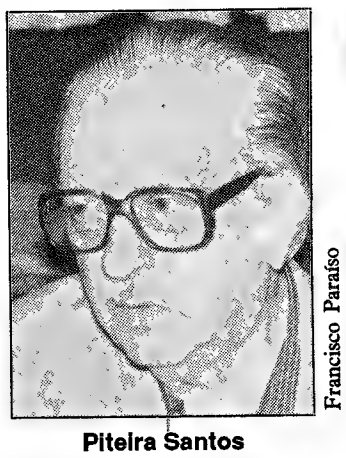
«São documentos "domésticos", muito à nossa maneira de ser, ainda hoje, que atestam a natureza conservadora, os laivos tradicionalistas do regime, excepção feita ao filme sobre «O Primeiro Rallye Internacional de Lisboa», que introduz uma nota de modernidade, preocupação que começou a fazer-se sentir a partir dos anos 50, no pós-guerra.

«Olha-se para estes documentos e tem-se a sensação que são filmes de propaganda de Portugal como país de ordem, o que aconteceu até 1945. A partir daí verifica-se um grande desejo de desenvolvimento e modernização», concluiu Braga da Cruz.

Luís de Pina afirmou que os documentos exibidos foram escolhidos na óptica da propaganda, do acontecimento e da manifestação. Acrescentou que existem na Cinemateca mais jornais de actualidades que podem ser visionados pelos estudiosos, facto que já se tem verificado.

A sessão terminou com a intervenção de vários espectadores, sendo curioso realçar a presença de Manuel Marques, barbeiro de Salazar, que interveio em defesa deste último. Não foi o barbeiro de Salazar o único elemento do público a intervir. Várias pessoas animaram o debate e ao DL foi mesmo feita um pedido: que se revelasse que o antigo Arquivo do Serviço de Estrangeiros está metido num sotão destinado a ser em grande parte destruído. Aqui fica o alerta que sendo de um participante no colóquio de ontem o é também do DL. No fundo, o que está em causa é perceber que a História não se faz sem fontes e a destruição destas pode criar irreversíveis «brancos» no nosso conhecimento do passado. O ciclo organizado pelo DL pretendeu fundamentalmente isto, dar a ver o passado para podermos melhor entender o presente e preparar o futuro. Estes filmes dos anos 40, mormente os documentários quase inéditos que ontem foram exibidos, são uma fonte histórica importante. O público que tem acorrido às sessões do ciclo, e que ontem praticamente enchia a sala, temno compreendido.

Mário Rocha



Piteira Santos

Francisco Paraíso

Fernando Rosas

BREVES

As sessões finais do ciclo DL/Cinemateca

O ciclo de cinema que o DL tem estado a organizar com o apoio da Cinemateca prossegue hoje e termina amanhã. Os últimos filmes desse Tempo do Mundo Português - os anos 40 - são os seguintes: «Os Vizinhos do Rés do Chão» (1947), de Alejandre Perla, hoje às 18 e 30; «Fado» (1947), de Perdigão Queiroga, hoje às 21 e 30; «Sol e Toiros» (1949), de José Buchs, amanhã às 15 e 30; documentários, amanhã às 18 e 30; e «Cantiga da Rua» (1949), de Henrique Campos, amanhã, às 21 e 30.De todas estas sessões finais destaque-se a de amanhã às 18 e 30, preenchida com a exibição de três documentários raramente vistos. Trata-se de «Exposição do Mundo Português», de Carneiro Mendes (1940); «Lisboa e os problemas do seu acesso», de Leitão de Barros (1944); e «A aldeia dos rapazes da rua», de Adolfo Coelho (1947). A sessão dura exactamente 58 minutos.A Cinemateca, entretanto, encerra para férias, reabrindo a 3 de Setembro. E reabre bem: com a retrospectiva de Federico Fellini, a que se seguirão duas outras, as de Michael Powell e Frank Capra.

Hoje há fado de Coimbra no Clube dos Jornalistas

Luís Góis, António Bernardino e Silva Marta, com acompanhamento à guitarra de Octávio Sérgio e à viola de Durval Moreirinha, vão esta noite cantar o fado coimbrão, pelas 21 e 30, à nova esplanada do Clube dos Jornalistas. Para acompanhar a preceito a sessão haverá serviço de sardinhas assadas e febras na brasa. Programas semelhantes animarão os serões das sextas-feiras do clube, durante o Verão.

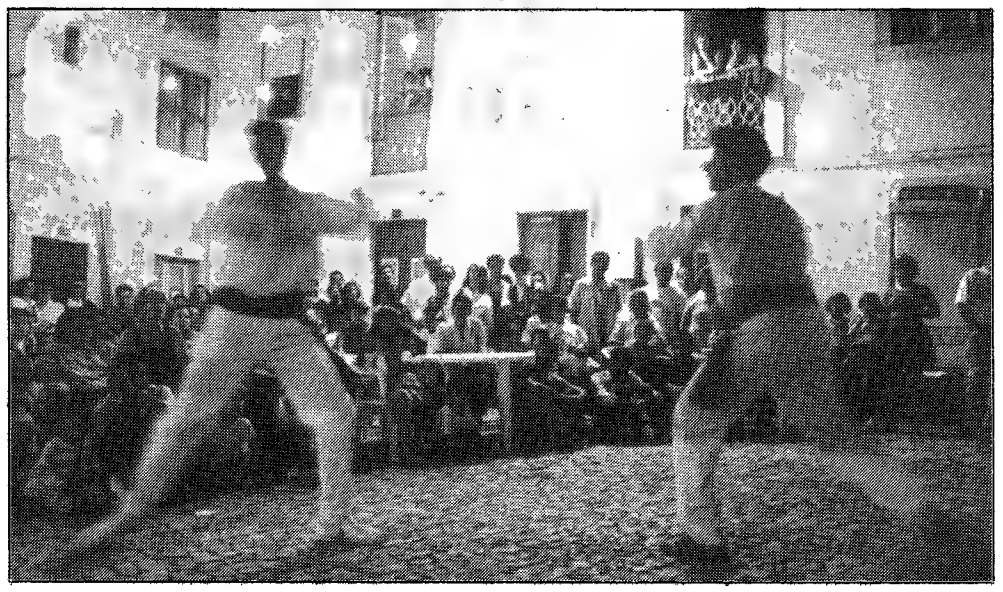
PS não gostou da entrevista de Santana Lopes à RTP

Em nota da Federação da Área Urbana de Lisboa ontem divulgada, o Partido Socialista acusa Pedro Santana Lopes de usar o seu cargo como «trampolim para mais altos voos».Reagem os socialistas à recente entrevista que o secretário de Estado da Cultura concedeu ao programa «Primeira Página» da RTP afirmando, designadamente: «Não podemos deixar de manifestar a nossa preocupação pela forma por um lado auto-suficiente e centralista, por outro inconsistente e até leviana, como são abordadas questões tão importantes para a cidade de Lisboa como a da animação ribeirinha e da recuperação do Parque Mayer, ou projectos de grande responsabilidade como o da vida cultural durante os seis meses da presidência da CEE a exercer por Portugal em 1992, e o da organização de Lisboa "capital europeia da Cultura", em 1994.»

Dias e noites almadenses

Também a festa acaba

As duas últimas noites almadenses apresentaram, também elas, propostas diversificadas. No dia 19, quinta-feira, a Regie Sinfonia, do Porto, apresentou-se como um notável instrumento musical com obras de Mozart, Haydn e Mendelssohn. Uma vez mais o público resistiu a um recinto fechado, a sala da Incrível, comprovando o seu relativo desinteresse por espectáculos aí apresentados. O facto do mesmo ter sucedido em relação a espectáculos de teatro, leva a presumir que não se tenha tratado de qualquer alergia à música clássica. O que, aliás, seria uma injustiça dada a qualidade do trabalho apresentado pela orquestra portuense.



O Pátio das Comédias: quase como há três séculos

Nessa mesma noite, voltámos ao palco do Palácio da Cerca para rever «A Castro», de António Ferreira, pelo Teatro Ibérico, desta vez sem o actor Álvaro Faria. Já me referi aqui a este epectáculo pelo que convém evitar novas referências que, infelizmente, não podiam deixar de ser desagradáveis.

No dia 20, sexta, último da VII Festa de Teatro de Almada com o colectivo Margen a apresentar, pelas ruas da cidade velha, um cortejo intitulado «Redoblando», pretexto para uma pequena festa, com música, canções, gigantones, e muitos curiosos que acompanhavam o animado desfile. Este terminou junto do Palácio da Cerca como desfecho antecipado e adequado da Festa.

Por último, e no Palco do Palácio, a Companhia de Teatro de Almada estreou o seu novo espectáculo, o arranjo de Virgílio Martinho de dois textos de Gil Vicente, «O Velho da Horta» e «Quem Tem Farelos?», subordinados ao título único «Amor a Quanto Obrigas».

Entende-se, claramente, o que levou a cerzir estes dois textos vicentinos, o próprio título o diz. Não apenas o Amor mas o ridículo que pode provocar, ou a que pode obrigar. Neste caso, o ridículo atinge duas maneiras de amar, ou do fingimento do amor, a de um velho convencido, a de um jovem enfatuado. O trabalho, de resto, acentua no velho da horta esse lado cretino da personagem - o seu lado fársico -, esquecendo o que nela podemos ver duma certa angústia da velhice solitária. Mas tanto nesse, como no outro caso, a opção é clara e eficazmente assumida. Significa isto que o actor Vítor Gonçalves neste seu primeiro traballho de encenação (suponho), um trabalho de alguma criatividade, apresentado com rigor, justifica que nele possamos depositar, como fiz em relação ao actor, largas esperanças.

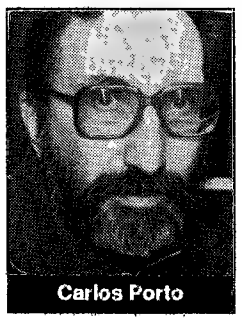
O mesmo poderemos dizer em relação a Paula Adriana que criou um cenário que não só permitiu o jogo das personagens requerido pela encenação como joga ele próprio através de elementos móveis que permitem uma transparência e uma multiplicação de usos de grande inventividade. Mesmo que se admita que Joaquim Benite não deixou de andar por lá, não se pode deixar de ter em conta o aparecimento de novos criadores, como é o caso do encenador e da cenógrafo e também excelente figurinista do espectáculo vicentino de Almada. Sem esquecer os jovens com bons trabalhos no que se refere à interpretação, Ana Nave, Carlos Sebastião, Fernando Jorge, Josefina Correia, João Paulo Santos, bem acompanhados pelos menos jovens Manuela Cassola e João Azevedo.

Ver este Gil Vicente, na companhia de 800 espectadores interessados, foi uma das alegrias que este festival nos proporcionou. Ainda por cima um Gil Vicente bem trabalhado por Virgílio Martinho (para quando um original, Virgílio?) com a colaboração de Joaquim Benite (boa ideia a da evocação de conhecidas personalidades, maneira de actualização do texto sem o forçar), com um bom trabalho de jovens e de todos. Um Gil Vicente a provar manter-se o seu teatro altamente produtivo.

E amanhã?

No fim do espectáculo, Joaquim Benite fez os agradecimentos e as despedidas da praxe e o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Almada garantiu o interesse da autarquia pela Festa, de acordo com o interesse da população de Almada.

A quem lhe perguntou, e que vamos nós fazer amanhã, Joaquim Benite respondeu: amanhã atravessamos o Tejo e vamos ver Els Comediants. Era isso na véspera do espectáculo dos catalães no Terreiro do Paço. Foi o que aqui fizemos, como aqui se contou, sem por isso esquecermos as excitantes noites almadenses.



Carlos Porto

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

sextas e sábados às 21.45 h
domingos às 16 h

Amor a quanto obrigas

Gil Vicente

Adaptação
VIRGÍLIO MARTINHO

Encenação
Vítor Gonçalves

Cenografia e Figurinos
Paula Adriana

Intérpretes

ANA NAVE · CARLOS SEBASTIÃO · FERNANDO JORGE
JOÃO AZEVEDO · JOÃO PAULO SANTOS · JOSEFINA CORREIA
MANUELA CASSOLA

Subsídio S.E.C./ C.M.A. Apoio TECHNAL

Companhia de Teatro de Almada

Rua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

Despertar ao vivo esta manhã no Rossio

Decorreu esta manhã, no Rossio, mais um Despertar ao Vivo, da Rádio Renascença. No palco montado na praça nobre de Lisboa, actuaram vários artistas, entre os quais Rui Veloso, Paco Bandeira, Marina Mota, João Braga e Nuno da Câmara Pereira. O Depertar ao Vivo prosseguiu depois no Parque Eduardo VII, com um festival de paraquedismo, seguindo-se um almoço em Setúbal, onde, logo à noite, no pavilhão do Vitória local se realiza um festival desportivo.

A SEMANA

Haja um dia...

Sexta, dia 20

Se a cultura é um mercado, estamos com poder de compra; se é uma mentalidade, estamos cá com um poder de venda... da honra e das consciências, que só visto, contado não se acredita. Cola-se-nos aos dedos o dinheiro em corrupções às centenas, é o que dizem os jornais, mas de que serve dizer, se já ninguém se escandaliza. Um ex-membro do Governo com a corda na garganta em manchete, ou o fax de Macau lá dentro, nas interiores, não passam de «faits-divers». Notícia é, numa discoteca da Costa, a final para o título de Miss T-Shirt Molhada. Para molhada, molhada e meio, vai daí uma concorrente, zás, despiu mas foi a T-Shirt, para ver se ganhava assim. E ganhou... que neste país do vale tudo, os honestos o que são é parvos, aprende-se de pequenino.

E à parte isto? À parte isto e do trivial, sacamos mais 20 mil à Europa para recuperação da Mouraria, a Veiga Beirão como escola continua, há em Cascais o «Rei Lear», mais teatro em estreia por aí, Jazz num Dia de Verão, outras músicas por todo o lado, só em S. Carlos é que não, que os músicos estão todos em greve, e há uma grande confusão com o Centro Cultural de Belém. Fica bem ou mal ali — ninguém sabe. Entretanto, o centro cresce em altura e o arquitecto diz que, mesmo com mais dez metros, os Jerónimos ainda se vêem. Donde?

Vida e morte em *post-scriptum:* casa aos 77, com noiva de 36, Gene Kelly, nos States: morre aos 67, na Arménia, das sequelas de 15 anos de prisão, Sereguei Paradjanov.

Sábado, dia 21

Começa, na Cinemateca, ciclo de cinema DL; há pela primeira vez ópera na Cornucópia, e, no Terreiro do Paço, é o show de Els Comediants que, mesmo sem ser um êxito, prova que aquela praça pode ser algo mais que um parquímetro municipal.

Morre Joe Turner em Paris e não dá a mecha para o sebo em Berlim o concerto de The Wall no muro, que as receitas ficam aquém das despesas.

O resto (por cá) é música, mesmo se a música na bola é outra com a história do alargamento. E por falar em alargamento, há mais dois: o da Avenida da Índia, vão-se uma árvores para passar mais uns carros; e o das Necessidades, o alerta é de um edil, aflito com o bocado da Tapada a menos, se sempre forem para a frente as obras do Instituto de Defesa Nacional.

Domingo, dia 22

Isto é como o outro que diz: o mundo é uma aldeia global. Assim: Prince em Madrid, músicos do Japão em Colares, jazz nos Salesianos, Minnelli e Bresson na TV e por falar em cinema, afinal sempre vai haver o Festival da Figueira da Foz com homenagem a André Delvaux.

Entretanto, Agustina (no «DN») diz como sábia que é, ou se quiserem, feiticeira: «*Nesta Primavera pluralista corremos o risco de ficarmos todos de acordo (...). Disse Heráclito que um dia tudo será fogo: não diz que tudo se torna em massa tenra e tarte de maçã (...). Os artistas, que eram um pouco de azougue nas veias esclerosadas da civilização, desaparecem também num mar de azeite.*»

Segunda, dia 23

Assim sendo, haja parabéns a você, para o caso, a Amália e Maria João Pires, fazem anos hoje as duas, uma canta, a outra não, passa o dia com a família.

Começa mais um festival de música (o de Sequeira Costa), vamos ter um comboio Eça de Queiroz para nos levar a Paris de França em menos de 24 horas e só o Ministério da Educação é que é desmancha prazeres Em férias sai-se com esta: na Universidade para cada vaga há dois candidatos, aprende-se na aritmética que, assim, metade vai ficar de fora.

Terça, dia 24

Festivais, musicais e outras coisas que tais é o que se queira. Hoje, porém, o que se quer é ler e reler a entrevista de Abelaira ao «JL». É o melhor texto do dia, é o melhor da semana, que este Sócrates português, com obstinada paciência, não desiste de — pela dúvida — pôr este País a descobrir-se a si próprio, mesmo se o País não está nessa e Abelaira é forçado a concluir que «*isto está um bocado chato*» e Cavaco «*representa apenas o mundo vazio e a mediocridade em que nós todos estamos a viver — e por isso é capaz de estar certo*».

Quarta, dia 25

Certo ou errado, a verdade é que um português em cada cinco sofre da doença do medo (dizem os psiquiatras), se calhar é porque trabalhar de mais faz mal à saúde (diz a CEE, assim como quem descobre a Lua).

Por cá, os músicos de S. Carlos descobrem outra coisa: muita parra, pouca uva... a da SEC; o teatro vai para obras e para o ano ninguém sabe como é. Saber sabe a TV galega. Ontem, em Santiago, deu-lhe uma de galaico-português, gritou «viva Portugal», Amália foi a vedeta da festa.

Quinta, dia 26

Há jazz no Estoril, a Filarmónica de Moscovo nos Jerónimos, anuncia-se a reedição da obra literária completa de Irene Lisboa, a CML diz não ao projecto Colombo, vai à vida o «papagaio» da Avenida... que luxo, hoje são só boas notícias. Haja um dia...

Rodrigues da Silva

Um grande concerto ontem, apesar da má acústica

A Orquestra Filarmónica de Moscovo nos Jerónimos

É da sabedoria das nações, ou uma verdade de Monsieur de la Palisse, que não se pode ter tudo na vida. As pequenas-grandes consolações raramente se usufruem em plenitude, isto é, na totalidade das diferentes implicações. O concerto de ontem no Mosteiro dos Jerónimos recordou-o mais uma vez.

A amenidade da noite, a que não faltou sequer uma brisa discreta e refrescante, a beleza do cenário (o maravilhoso claustro), a actuação de um grande pianista (Sequeira Costa) e de uma Orquestra de primeira ordem (a Filarmónica de Moscovo) sob a direcção de um regente de superior envergadura (o maestro Dimitri Kitaenko) constituíram um conjunto de factores extremamente favoráveis a vivências de excepcional quilate.

E elas não deixaram, evidentemente, de ser gratificantes em altíssimo grau para as muitas centenas de musicófilos que acorreram a esse recinto de Belém, sagrado, há muito já, lugar maior, e definidor como poucos, da nossa identidade histórica e cultural.

O único senão, mas de algum peso, consistiu nas condições acústicas do local, que não permitiram a tal usufruição cabal de um concerto, de facto, admirável. É que não pôde captar-se em toda a dimensão, naquelas circunstâncias, o fluxo sonoro riquíssimo desencadeado pelos intérpretes referidos, conjungando-se, de princípio a fim, numa exibição magistral e cheia de *elan*.

Na verdade sentiu-se, por hipótese, a falta de uma concha acústica que simultaneamente concentrasse o projectasse o caudal, ora subtil ora sumptuoso, das ondas musicais ali mesmo desencadeadas. Sem dúvida que não foi possível àqueles milhares de pessoas saborear plenamente uma das virtudes mais indiscutíveis do organismo orquestral de Moscovo que agora nos visita: a beleza e a pujança das sonoridades conseguidas de maneira paradigática e tão característica. Elas chegaram aos nossos ouvidos como que filtradas, deixando-nos uma sensação excessiva de distância, roubando-nos, portanto, muito da multiplicidade de cambiantes coloríticos e de volume, que se adivinhavam ser de uma grande diversidade. O mesmo deve dizer-se a respeito do piano e da execução, ao mesmo tempo musculada e matizada, de Sequeira Costa.

Mas não sejamos ingratos para o também muitíssimo de gratificante que, não obstante, se tornou largamente perceptível ao auditório, porventura com alguma diferenciação, consoante o ângulo do recinto em que o ouvinte se encontrasse instalado. E, antes de mais, é indispensável apontar a precisão de uma *performance* orquestral exemplar, mas sem prejuízo da maleabilidade do discurso, e a pastosidade de uma sonoridade como que «redonda».

A linha interpretativa presente ao longo do concerto foi de um grande equilíbrio e de um bom-gosto que não tolheu uma fundamental expressividade que reinou como uma constante estilística criteriosamente aplicada a cada uma das obras do programa, ao fim e ao cabo tão diferenciadas no seu «ethos».

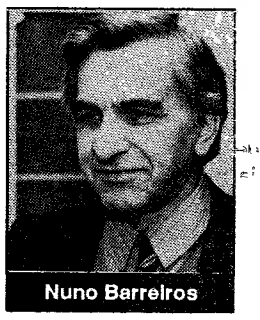
Prova insofismável de uma tradição bem arreigada — captada e apurada por uma Orquestra com um trajecto já amplo (foi fundada em 1925) e pelo maestro Kitaenko, que se afirmou de uma personalidade voluntariosa mas sensível a valores estéticos suficientemente ponderados, caldeando o rigor construtivo e a ductilidade expressiva.

As versões apresentadas tiveram veemência, mas também finura, foram animadas de um lirismo nunca a traço grosso mas não deixaram de frisar com a-propósito a componente fortemente dramática na *Sinfonia Patética* de Tchaikowsky. O andamento inicial desta resultou bem vincado nos contrastes e não faltou vigor electrizante ao «Allegro molto vivace». Importa, porém, salientar muito especialmente o fluxo emotivo — mas nunca melodramático — que se desprendeu dessa impressionante elegia que é o «adagio lamentoso» final. De finura também e jogo contrastante se revestiu a concepção da *Sinfonia Clássica* de Prokofieff, aliás levada, de uma maneira geral, num andamento relativamente mais moderado do que é habitual, pelo menos cá por estas bandas do Ocidente.

A partitura de Prokofieff foi talvez a que mais se ressentiu das condições acústicas do recinto, dado o tipo de orquestração em filigrana, soberba de resto, que a distingue.

Sequeira Costa, no *3.º Concerto* de Rachmaninoff, impôs-se como o pianista completo e no apogeu da sua compleição de intérprete de alto estofo, que nunca recorre a efeitos meramente para a galeria e sabe manter o justo equilíbrio entre uma «seriedade» modelar e um discurso rico de flutuações em que a componente «clássica», nele essencial, não impede uma veemência de acentos exaltados e, românticos até, se quiserem. Tenho ouvido Sequeira Costa em muitas interpretações de antologia, e a de ontem pertence, sem dúvida, ao número daquelas em que esta classificação é de justiça.

O público saudou-o calorosamente, como lhe competia. Igualmente caloroso foi nos aplausos à Orquestra Filarmónica de Moscovo e ao maestro Dimitri Kitaenko. Foi, de facto, uma embaixada cultural de grande nível este concerto dedicado à música russa e soviética e que marcou, em letra maiúscula, o XVI Festival da Costa do Estoril.



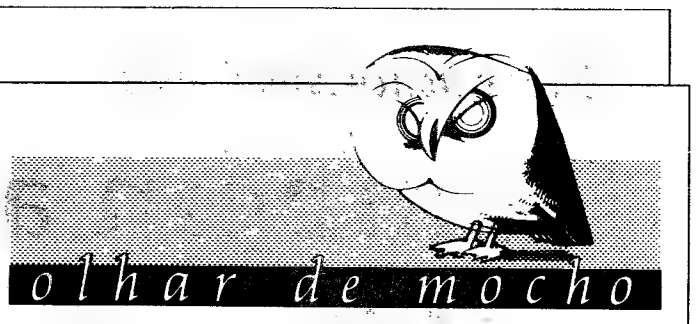
Nuno Barreiros

Europália 91

Cultura portuguesa em «síntese»

Foi ontem assinado no Palácio da Ajuda um acordo de edição entre a Imprensa Nacional/Casa da Moeda e o Comissariado para a Europália 91-Portugal. O acordo permitirá a publicação de uma colecção de volumes, num total de 11, denominada «Sínteses da Cultura Portuguesa - Europália 91».

Os volumes serão editados simultâneamente em francês e em inglês para apresentação no Festival Europália, mas pretendem constituir igualmente um importante contributo para as acções da política cultural portuguesa no estrangeiro, segundo nota divulgada pelo Gabinete de Informação da Europália.



Inflação

Chamar «reportagem» e «debate» ao programa *Hora da Verdade* que ontem à noite passou no 2 é, no mínimo, inflacionismo literário e televisivo. Como se o tema da criminalidade das noites lisboetas e dos dias alfacinhas ainda não estivesse esgotado à saciedade quer directa quer indirectamente. Indirectamente significa que já vimos aquilo tudo em séries americanas, em filmes de Chicago, em telejornais do dia-a-dia onde se fala da droga e ilhas adjacentes. Para que uma brincadeirazinha de televisão se possa chamar «reportagem» exigem-se «mínimos» (como nos Jogos Olímpicos) que garantam ao espectador ir assistir a coisa nova. Reportagem foi, por exemplo, o excelente programa sobre a CIA do dia anterior, e os responsáveis da RTP deveriam zelar para que quando em horário nobre e espaço amplo se fala de um tema, não se sugira logo, irmos assistir à exibição do produto de qualidade que a palavra «reportagem» implica. E aqui abra-se um parêntesis para referir que originalidade haveria se, por exemplo, o tema do Zé do Telhado fosse retomado em perspectiva moderna. O Camilo nas suas «Memórias do Cácere», os filmes dos anos 40, poderiam constituir mola de arranque para esclarecer a criminalidade portuguesa, caso em que teríamos ocasião para reportagem e assunto para debate. Insiste-se: o crime à portuguesa com Camilo, a cadeia da Relação do Porto e o lendário Zé do Telhado, daria uma boa reportagem, macaquear o *Hill-Street* faz aumentar ainda mais a inflação dos vocábulos televisivos.

«A barafunda é geral» — desabafou no filme introdutório um dos participantes das cenas de violência. Creio que o título é o mais adequado para qualificar todo o programa. De facto, tudo foi metido na mesma panela: crimes ocasionais, crime profissionalizado, crime causado pela toxicodependência e bairros de lata. Torna-se, obviamente, difícil vislumbrar veia jornalística de abordagem de um problema. Acresce a nauseabunda voz-off que acompanhou o filme a par e passo, misturando pseudo apelos éticos com uma mal disfarçada complacência na exploração do fadinho nacional. Afinal, tudo isto é triste, tudo isto é fado. Curiosamente até um dos entrevistados desmascarou a pseudo análise metafísica que os autores do programa pretendiam quando chamaram «Violência Urbana» à sessão: «isto é normal, agora estamos na CEE.»

Depois chegou a hora da verdade da discussão: cenário clássico. Um guarda da PSP, dois médicos, um coitadinho, um avô.

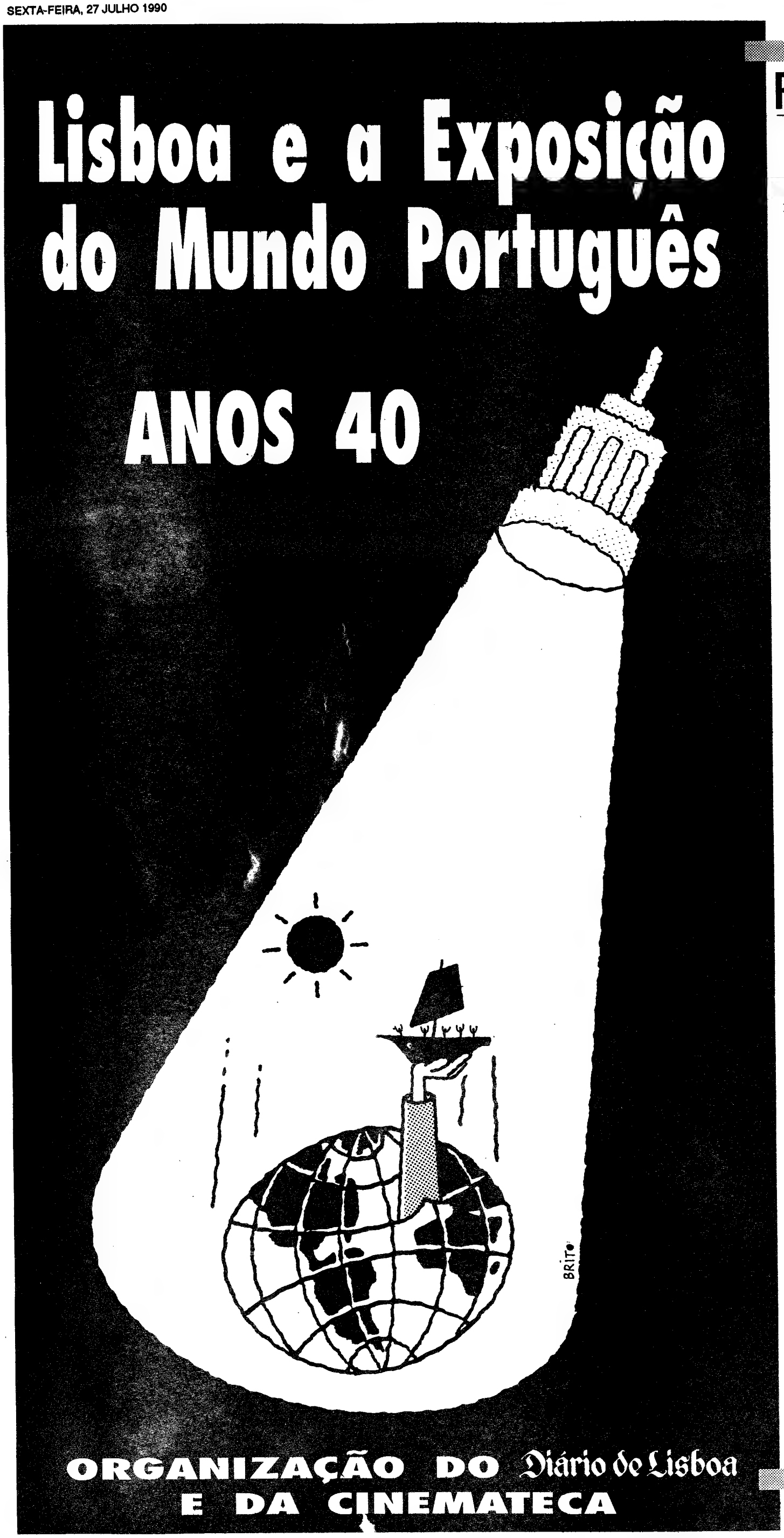
Voltámos a escutar, pela voz de um especialista, a teoria da droga: as pessoas drogam-se, depois ficam dependentes, depois roubam para comprar mais droga. A moderadora pretendeu saber: «o que é que se pode fazer e como?»

Haverá alguém que no final do programa tenha ficado mais esclarecido? Duvida-se. Se a droga gera toxicodependentes, programas deste género correm o sério risco de gerar alergias crónicas às reportagens televisivas deste tipo. A inflação está galopante e incontrolável. Que venha o Zé do Telhado depois das anunciadas férias, férias que nós, espectadores, bem merecemos.

José Sousa Monteiro

Lisboa e a Exposição do Mundo Português

ANOS 40



ORGANIZAÇÃO DO Diário de Lisboa
E DA CINEMATECA

PROGRAMA

SÁB., 21, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS/1941
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO NACIONAL/1944
de António Lopes Libeiro

A MORTE DO ENG.º DUARTE PACHECO/1944
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PAI TIRANO/1941
de António Lopes Ribeiro
c/Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, Graça Maria, Teresa Gomes

SEG., 23, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FEITIÇO DO IMPÉRIO/1940
de António Lopes Ribeiro
c/Alves da Cunha, Madalena Sotto, Luís de Campos, António Silva, Ribeirinho
- só banda imagem -

SEG., 23, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PÁTIO DAS CANTIGAS/1941
de Francisco Ribeiro (Ribeirinho)
c/António Vilar, Ribeirinho, Vasco Santana, António Silva, Graça Maria

TER., 24, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O CORTEJO HISTÓRICO DE LISBOA/1947
de António Lopes Ribeiro

LISBOA DE HOJE E DE AMANHÃ/1948
de António Lopes Ribeiro

TER., 24, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O COSTA DO CASTELO/1943
de Arthur Duarte
c/António Silva, Maria Matos, Milú, Fernando Curado Ribeiro

QUA., 25, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
UM HOMEM ÀS DIREITAS/1944
de Jorge Brum do Canto
c/Barreto Pereira, Julieta Castelo, Carmen Dolores, Maria Matos, Virgílio Teixeira

QUA., 25, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O LEÃO DA ESTRELA/1947
de Arthur Duarte
c/António Silva, Erico Braga, Milú, Maria Eugénia, Fernando Curado Ribeiro

QUI., 26, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DE ACTUALIDADES DOS ANOS 40
Seguido de debate com:
César de Oliveira
Fernando P. Santos
Fernando Rosas
Manuel Braga da Cruz

QUI., 26, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A MENINA DA RÁDIO/1944
de Arthur Duarte
c/Maria Eugénia, Fernando Curado Ribeiro, António Silva, Maria Matos, Ribeirinho

SEX., 27, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
OS VIZINHOS DO RÉS-DO-CHÃO/1947
de Alejandro Perla
c/António Silva, Fernando Curado Ribeiro, Eunice Muñoz, Milita Meireles

SEX., 27, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FADO/1947
Perdigão Queiroga
c/Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira, Vasco Santana, António Silva

SÁB., 28, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
SOL E TOIROS/1949
de José Buchs
c/Manuel dos Santos, Leonor Maia, Ana Paula, Erico Braga

SÁB., 28, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DOS ANOS 40

SÁB., 28, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
CANTIGA DA RUA/1949
de Henrique Campos
c/Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues, Maria Olguim

CINEMATECA PORTUGUESA

DESPORTO

Ao vencer ontem a Espanha por 2-1, a selecção lusa de juniores irá discutir, no próximo domingo (jogo que a RTP-2 transmitirá em directo a partir das 15 horas), com a União Soviética a posse do título europeu

Juniores: Europa a seus pés

Mais um marco histórico foi ontem colocado pelos nossos futebolistas da selecção «Sub-18», ao vencerem, com mérito inquestionável, a sua congénere em encontro a contar para o Europeu da categoria e que teve como árbitro um indivíduo húngaro de nome Spassov que muito se esforçou para que os comandados dos mestres Carlos Queiroz e Nelo Vingada não marcassem presença em mais uma final europeia.

O futebol agressivo da equipa portuguesa começou por confundir a defensiva de Espanha, que não encontrava o antídoto adequado para anular os rápidos e bem interpretados contra-ataque lusos, nos quais Gil e João Pinto I tinham intervenção decisiva.

Enquanto a Espanha procurava resolver os seus problemas através de esquems pouco ortodoxos, com a bola sucessivamente pelo ar, a facilitar a missão da defesa portuguesa, a equipa comandada por Carlos Queiroz orientava o seu objectivo produzindo lances de excelene recorte técnico.

O primeiro golo português, obtido aos 33 minutos por *João Pinto I* aproveitando da melhor maneira um excelente passe em profundidade de Paulo Torres, veio incutir na equipa a dose de confiança suficiente para ganhar a serenidade necessária.

Os espanhóis, cientes da sua inferioridade técnica, tentaram então inverter a supremacia então na posse dos portugueses, aumentando a velocidade do seu futebol, com o veloz e hábil Cuellar a causar problemas inesperados à defesa lusa. A maior pressão ofensiva dos espanhóis seria premiada, aos 40 minutos, com o golo do empate. *Maurício foi o seu autor, ao tirar partido de um ressalto resultante de um remate de Manolo que Brassard não segurou, apertado por outro adversário. Por instantes pensou-se que Portugal iria ceder, em consequência do inesperado golpe. Mas isso não se verificou, antes pelo contrário, já que os jovens comandados por Carlos Queiroz continuaram a executar modelarmente as instruções do seu técnico.*

A amostragem do cartão amarelo a Jorge Costa, num lance em que apenas se verificou alguma virilidade, não afectou, contrariamente ao que se poderia esperar o defesa português que já tinha visto um cartão no encontro com a Hungria, o que o afastava desde logo da final.

A excelente colocação da defesa lusitana continuou a manifestar a sua correcção, e os agora intensos ataques espanhóis esbarravam nessa muralha quase inexpugnável. Dessa atitude resultaria o golo do triunfo português, quando em mais um dos constantes contra-ataques com que a equipa porguguesa brindava a formação de Jesus Pereda, Figo conseguiu isolar-se, e calmamente rematou sem apelo. Faltava um minuto para se esgotar o primeiro tempo, e esse foi um factor decisivo nas pretensões da Espanha, que regressou às cabinas pouco depois, sem poder responder de imediato a um tal golpe, que depois se confirmaria fatal.

A Espanha reiniciou a partida com uma alteração no seu xadrez: o defesa Pietro foi rendido pelo médio Torres, que foi ocupar a posição de Velasco, tendo este recuado para lateral-direito. Jesus Pereda decidira, assim, aumentar a pressão ofensiva da sua equipa, pois que o tempo escasseava e para atingir a final a solução apontava para aí.

Depois de Figo ter desperdiçado uma oportunidade, rematando ao lado, a equipa portuguesa seria confrontada com um obstáculo de todo inesperado: a saída forçada de Jorge Costa, por ter sido admoestado com segundo cartão amarelo, num lance em que o árbitro usou de excessivo rigor.

Com cerca de 40 minutos por jogar, tudo seria agora de temer. Porém, Carlos Queiroz. demonstraria mais uma vez possuir uma visão excepcional dos problemas do futebol moderno, ao encaminhar os seus pupilos para uma atitude de firmeza total perante um golpe infeliz.

Portugal passou a encarar a situação com serenidade, ciente de que só assim seria possível atingir o objectivo desejado. Nunca perdendo de vista o contra-ataque, a formação lusa obrigou o seu adversário a cuidar da sua baliza como o havia feito antes.

Os acontecimentos não corriam favoravelmente aos espanhóis, cuja lucidez se esgotava ao correr dos ponteiros. A virilidade aumentou, e Peixe seria uma das vítimas dessa dureza. Mas sem consequências gravosas para a equipa, que continuava a manifestar um elevado espírito de entreajuda, servindo-se de uma «fórmula mágica» chamada colectivismo.

O último quarto de hora de jogo foi arrazante para a equipa portuguesa, que nem por isso deixou de pressionar sobre a defesa espanhola, cumprindo na íntegra o plano previamente estabelecido, embora nele não estivesse, certamente, contemplada a saída prematura de Jorge Costa.

O desagrado de Queiroz

«*Toda a equipa portuguesa jogou muito bem, mas quem esteve muito mal foi o árbitro. É inacreditável a forma como escolhem árbitros tão fracos para conduzir jogos das meias-finais do Europeu. Isto era uma meia-final e merecia outra arbitragem*, afirmou Carlos Queiroz.

Quanto ao encontro, o técnico nacional afirmou ter-se tratado de uma partida «*tremenadmante difícil, mas muito bonita de se ver, o que só dignifica o futebol júnior*», salientando também que a expulsão de Jorge Costa obrigou a uma alteração estratégica, com a equipa a jogar em contra-ataque.

«*Portugal praticou um futebol de melhor qualidade e criou maiores oportunidades. É verdade que tivemos sorte nos últimos minutos, quando os espanhóis tiveram duas oportunidades de golo, mas também fomos infelizes em não marcar em jogadas de baliza aberta*», acrescentou.

Perante péssima arbitragem do húngaro Lube Spassov as equipas alinharam assim:

ESPANHA; Júlio Iglésias; Cuellar, Prieto (Esteban Torre, 45 m), Gallardo e Santi; Delgado, Manolo, Maurício e Velasco; Alfonso e Luís Cuellar.

PORTUGAL: Brassard; Abel, Rui Bento, Jorge Costa e Paulo Torres; João Pinto II (Luís Miguel, 58 m); Peixe e Figo; Gil, João Pinto I e Paulo Pilar (Álvaro, 75 m).

No capítulo disciplinar Delgado, Santi, Jorge Costa, Luís Miguel e Alfonso viram a cartolina amarela, tendo Jorge Costa sido expulso em virtude de ter sido contemplado com o amarelo no encontro com a Hungria.

E agora venham os soviéticos.

Diamantino regressa às origens

O futebolista Dimantino que desde 1977 representou o Benfica e do qual se desvinculou recentemente por indicação do técnico Eriksson, rubricou contrato com Vitória de Setúbal por um período de três anos. Recorde-se que Diamantino Miranda (completa 31 anos no próximo dia 3 de Agosto) iniciou a sua carreira no clube sadino actuou no Boavista e no Amora e foi internacional «A» 22 vezes.

Entretanto Rui Masside que transitara de Setúbal para o Sporting de onde se transferiu para o SP. Braga regressa, igualmente, ao Vitória de Setúbal.

Joaquim Gomes: primeiro a vestir a camisola cor do sol por «obra e graça» de ter vencido a anterior edição

Prólogo na Avenida da Liberdade

Volta: primeira pedalada em Lisboa

Pela primeira vez, desde há vários anos, a prova-rainha do ciclismo português começa em Lisboa e termina no Porto. Depois de «fechada» durante longo tempo ao ciclismo, a capital foi final de uma etapa em 1989, e este ano o primeiro líder da prova será «coroado» no «coração» de Lisboa no domingo à tarde.

O prólogo, um contra-relógio por equipas a disputar a meio da tarde num circuito entre a Av. da Liberdade, Restauradores e Marquês de Pombal, com a meta junto do Monumento ao Soldado Desconhecido, dará início à Volta, que termina a 15 de Agosto na cidade da Maia (Porto).

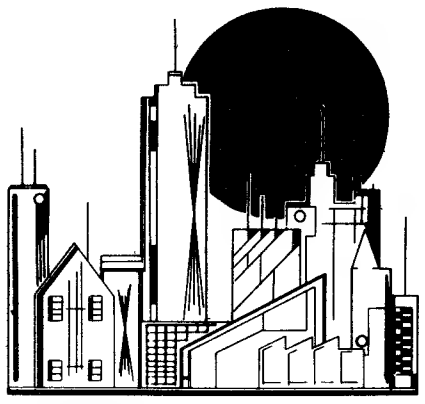
A Volta, organizada pela empresa do «Jornal de Notícias» do Porto, terá este ano um pelotão com 110 ciclistas de 11 equipas, que irão percorrer 2332 quilómetros divididos em 17 etapas.

Entre as equipas inscritas, na principal prova do calendário velocipédico nacional contam-se três espanholas, todas elas recheadas de bons ciclistas — a Seur, Festina/Lotus e a Royal.

Dos 30 ciclistas das equipas estrangeiras, destacam-se Francisco Espinosa (vencedor de duas etapas na Volta de 1989), Jorge Perez Rojas, Rafael Garcia e Miguel Vos (Seur), Jesus Blanco Villar, Jose Luis Garica e Roberto Torres (Festina/Lotus) e o australiano Neil Stephens, o chefe-de-fila da Royal, que mostrou, já nas estradas portuguesas, ser um excelente rolador, e é um dos fortes candidatos à vitória.

Entre os concorrentes portugueses contam-se cinco ciclistas que ganharam já a Volta a Portugal: Manuel Zeferino (Recer/Boavista), em 1981, Marco Chagas (Orima/Cantanhede), o recordista que triunfou em 1982, 83, 85, 86, o veterano Venceslau Fernandes (Alguerra/Componauto), em 1984, Manuel Cunha (Avibom/Valouro/Lousa) em 1987 e Joaquim Gomes (Sicasal/Acral) na anterior edição.

Tudo está montado para a caminhada dos gloriosos atletas que a partir de domingo, irão passar à soleira de muitas portas por esse Portugal e o «DL», representado pelo nosso companheiro Neves de Sousa, estará com eles.



Somos uma firma de mediadores oficiais, urbanismo e construção. Existimos para o servir. Praticamos ideias e conceitos renovados e actualizados. Resolvemos o seu problema quanto a terrenos, viabilidades de construção, loteamentos, legalizações, compra e venda, registos e administração geral.

urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

VENDEMOS

Nos melhores locais de Lisboa, Almada, Sesimbra, Seixal, Setúbal, Costa de Caparica, Albufeira, Portimão, etc..., etc... ANDARES, MORADIAS, LOTES URBANIZADOS, QUINTINHAS, HERDADES, LOJAS NOVAS OU USADAS PARA VENDA OU TRESPASSE, UNIDADES INDUSTRIAIS BEM LOCALIZADAS e também nos melhores locais de LISBOA, prédios devolutos com projecto aprovado para escritórios, habitação e centros comerciais.

EM TODO O PAÍS

Av. D. Nuno Álvares Pereira, 46-r/c-esq.° 2800 ALMADA ★ Tel. 274 42 57 / 274 42 56

Toda a cidade irmanada com o Estrela europeu

Amadora: há uma estrela na vida

José Agostinho

O «plantel» do Estrela da Amadora emoldurando o presidente Jaime Salvado, os dirigentes António Bernardo (Toni) e Marques Pedrosa, o treinador Manuel Fernandes, o adjunto Augusto Matine, o preparador físico José Mourinho e os massagistas Mário Veríssimo Mateus, António Fontes e José Brito. No bloco de jogadores falta apenas o guarda-redes Vital, que assinou contrato com o Estrela às 17 horas de ontem mas já hoje se incorpora no trabalho do grupo, no Estádio José Gomes e na mata de Queluz

Esta noite (21 horas) a turma futebolística do Estrela da Amadora apresenta-se ao seu público, recebendo no cada vez mais alindado Estádio José Gomes a formação do Juventude de Évora.

— Previámos um jogo com os búlgaros do Lokomotiv Plovdiv, mas surgiram complicações com a viagem até Portugal e o empresário Lucílio Ribeiro não conseguiu desbloquear a situação pelo que, à última hora, tivemos de socorrer-nos do auxílio do Juventude que, muito amavelmente, acedeu ao convite do Estrela. E o jogo será com entradas livres, pois os dois treinadores precisam de ver em acção todos os elementos de que dispõem para o trabalho deste ano e seria aborrecido a plateia estar constantemente a notar substituições. Assim, como se trata de um espectáculo-treino e também porque queremos aqui ver todos os amadorenses que tanto nos ajudaram a subir à 1.ª Divisão, a ganhar a Taça de Portugal e a conquistar um lugar na Europa uefeira, as nossas portas estarão franqueadas a toda a gente. É a 1.ª prenda do Estrela aos seus amigos.

António Bernardo (Toni)) sócio 14 907 é o novo director do futebol profissional, agora inteiramente devotado à tarefa de acompanhar a turma nos treinos sobre a relva ou nos exercícios físicos na mata de Queluz. Uma equipa alegre, feliz, contente como todos puderam verificar na sessão para fotos em que toda a Comunicação Social (exceptuando a televisão) aproveitou para recolher imagens e fazer entrevistas com os atletas e responsáveis estrelistas que sentem, em uníssono, que toda a cidade da Amadora está a seu lado, vivendo com muita esperança o reavivar de uma temporada que ficará indelevelmente marcada na colectividadde: o ano do salto para uma etapa europeia e logo na 2.ª prova mais categorizada do futebol uefeiro.

Manuel Fernandes, o treinador que deixou em Setúbal um bom rasto e agora recebe de João Alves o testemunho para comandar o Estrela da Amadora, não é de menos:

— No meu ponto de vista, o nosso adversário na Taça dos Vencedores de Taças não é imbatível. Conheço a maioria dos seus jogadores, sei da valia do clube suíço, há anos estive lá pelo Sporting e apenas perdemos porque não apresentámos o melhor «team» possível (estranhamente o treinador de então não fez alinhar o Jordão) e, para cúmulo, o campo foi todo regado umas horas antes, criando imensas poças, especialmente nas zonas laterais, o que nos fez aglutinar o jogo. Enfim: isso já lá vai e o que importa é conhecer o Neuchatel 90/91.

O técnico (que foi um dos melhores jogadores de sempre em todo o nosso futebol) continua um homem sereno e calmo, como quando envergava a camisola do Desportivo da CUF, do Sporting, do Vitória de Setúbal ou da selecção nacional:

— Acho que o Neuchatel é um grupo de muita categoria mas terá (certamente) alguns pontos fracos: e nós (o Estrela) temos armas competentes para podermos ultrapassar a barreira. No sábado vou à Suíça ver o Neuchatel com o St. Gallen e, simultaneamente, escolher hotel para a equipa e tratar com os dirigentes do clube pormenores sobre a nossa ida aquela cidade e a recepção aos suíços na Amadora.

Os jogadores iam sendo fotografados, para depois mudarem de equipamento e tomarem o caminho da mata de Queluz, onde o técnico adjunto Augusto Matine e o preparador físico José Mourinho iam chefiar uma longa sessão de corridas e saltos. «*Toda a gente com os ordenados em dia, quase todo o problema de 'luvas' a caminho de estar solucionado* (como nos diz António Bernardo) *e à espera de mais ou ou dois reforços.*« Manuel Fernandes confirma:

— Pode já dizer-se em relação a um: trata-se de Vital, guarda-redes que se desvinculou completamente do Sporting e assina esta tarde (ontem) pelo Estrela.

«*Tínhamos apenas três guarda-redes e é forçoso notar que, salvo o devido respeito por todos eles, que são óptimos profissionais, teremos de olhar para o futuro. Hugo tem 27 anos e é brasileiro. Melo (que fez uma sensacional temporada) faz 41 anos em Setembro: creio que esta será a sua última época, porque ele quer sair em beleza e não andar a arrastar-se até alguém o colocar fora do futebol. Por último, há o Valter que tem 35 anos. Faltava-nos, portanto, mais um elemento com experiência: vem o Vital que não tem jogado no Sporting e, apenas com 29 anos, tem muito para dar à sua profissão. Com este quarteto o Estrela parte afoitamento para todos os compromissos da temporada: é que não podemos esquecer que estamos envolvidos na Taça dos Vencedores de Taças, Campeonato Nacional, Super-Taça, Taça de Portugal, certamente que também alguns encontros particulares e bastantes viagens, infelizmente sempre alguns castigos e lesões (que são o pão nosso do futebol de alta competição) e para isso temos de estar bem apetrechados.*

José Agostinho

Manuel Fernandes: «tenho o grupo que desejava»

Aí está a explicação de caras novas estarem no José Gomes: o defesa internacional Álvaro e o extremo angolano Abel (também internacional pelo seu país), que deixaram o Benfica, o médio Miranda (que estava cedido pelos benfiquistas ao Desportivo de Chaves), o portista Marito, os boavisteiros Valério e Agatão, o conimbricense Dimas (que fez boa campanha ao serviço da Académica) e o ponta de lança Mendes, que Manuel Fernandes trouxe do Louletano. Álvaro é expansivo:

— Não poderei nunca esquecer o tempo em que vesti a camisola do Benfica mas também será difícil algum dia deixar de recordar o modo como fui tratado no último ano. Tanto por alguns dirigentes como por técnicos. Marginalizaram-me mais que ostensivamente, chegando a tentar adaptações (que infelizmente falharam) só para eu não alinhar no 1.º team. Confesso publicamente: cheguei a chorar por ver que era tratado como objecto inútil, e não fora o conforto da minha família e dos muitos amigos que tenho e eu poderia ser hoje um homem mentalmente arrazado. Mas, assumi comigo próprio um propósito: voltar a jogar e alinhar por um grande clube, com passaporte europeu e muita ambição como é o Estrela da Amadora por acaso da cidade em que moro há muitos anos. Quando começou a campanha eleitoral, apareceu Jaime Salvado a convidar-me para o Estrela, caso vencesse a luta como presidente que estava à frente da colectividade. Dei-lhe logo a minha palavra: que respeitei integralmente, mesmo sabendo que, caso Jaime Salvado não triunfasse, eu ficaria fora dos planos do Estrela, pelo menos enquanto a direcção de António Soares ali estivesse. Mas, eu sabia claramente, pela auscultação de centenas de amadorenses, que estava ficando ligado à única candidatura que poderia triunfar. E o acordo que tinha dado aqui está, nesta camisola que visto agora (e espero) servirá de ponte para regressar à selecção portuguesa, porque (ao contrário do que podem pensar alguns senhores benfiquistas) não estou acabado para o futebol nem desaprendi desde o tempo (ainda bem recente), em que fui considerado, pela melhor crítica mundial, o 4.º defesa-esquerdo da Europa. Quero apenas agradecer ao Estrela por me ter aberto os braços: e garantir que o Álvaro que brilhou no Benfica vai continuar a ser o mesmo íntegro profissional que arrancou grandes ovações ao terceiro anel onde mora ainda o melhor público do mundo e a autêntica legião de amigos do Benfica.

Álvaro marchou para o trabalho, Abel a seu lado, todos os companheiros rindo e trocando graças a caminho da mata de Queluz. Manuel Fernandes ficou no estádio desfilando para os jornalistas mais algumas ideias. Sobre a ainda possível contratação de Diamantino, não se alongou muito.

— Evidentemente que gostaria imenso de poder contar com ele, com a sua experiência, com a sua categoria, com o seu valor e a sua personalidade, com o desejo que (muito provavelmente) terá de querer regressar à selecção portuguesa. Mas, segundo me dizem os dirigentes do Estrela, há um fosso grande entre o dinheiro que o Diamantino pretende e aquele que o clube pode dar.

O técnico não fala em números. Porém, em bastidores normalmente bem informados, parece que a distância entre o atleta e o Estrela é de 14 mil contos/ano, realmente muita «massa», mesmo que o emblema amadorense possua um dos mais «saudáveis» bingos de toda a Península Ibérica. Por isso (e embora Diamantino tenha garantido que apenas esta tarde tomará uma decisão definitiva, sobre o seu novo rumo profissional) o mais certo é o estratega benfiquista retornar ao Vitória de Setúbal ou (em golpe-face) baixar um pouquinho o seu preço e juntar-se a Manuel Fernandes no Estádio José Gomes, embora o técnico amadorense afirme: *tenho um «plantel» com muita qualidade e a preparação que fizemos até este momento deixou-me bastante confiante. Agora entrámos noutro ciclo de trabalho, já virado para a competição que está prestes a aparecer por aí. Tanto o Matine como o professor Mourinho estão a executar um belo preparo físico de todos os jogadores, excepto Ricky que está ainda convalescente da sua lesão.*

Aliás, era fundamental condimentar o estágio junto ao mar, com o trabalho em campo e na

José Agostinho

Manuel Fernandes para o «DL»: «volto no sábado a Neuchatel, onde estivemos com o Sporting. Aquela asneira do Toshack não ter metido o Jordão...»

José Agostinho

Gente nova no Estrela da Amadora: Marito (ex-Porto), Álvaro e Abel (ex-Benfica), Dimas (ex-Académica de Coimbra), o treinador Manuel Fernandes (vindo do Vitória de Setúbal), Valério (ex-Boavista), Mendes (ex-Vitória de Setúbal), Miranda (ex-Desportivo de Chaves) e Agatão (ex-Boavista) Ao lado: o director Toni

floresta. Ninguém sabe quando começa o Campeonato, se a 19 ou a 26 de Agosto, mas temos de estar preparados para tudo. Estamos a fazer entrosamento de sectores, criando automatismos, fazendo já treinos de conjunto muito agradáveis, com notável capacidade física e sempre muito empenho de todas as unidades, até porque os jogadores sabem perfeitamente que nunca fiz um «team» tendo em conta os nomes, mas, apenas e só, a sua valia em cada momento.

Manuel Fernandes continua:

— Quando o Ricky estiver perfeitamente bem, disporei de um grupo com 22 atletas de 1.º plano mas também quero juntar-lhes mais uns seis ou sete rapazes, das camadas jovens do Estrela, que vão rodar e mostrar se possuem reais qualidades para chegarem ao profissionalismo integral. Um ano servirá de bom exame: mas acredito que esses moços vão mostrar o que valem ainda no decorrer da época 90/91. Vão acontecer muitos jogos, são precisos muitos testes, haverá muitas oportunidades para toda a gente. Não tenho juízos definitivos nem intocáveis: conforme se for desenrolado o fio assim irei conhecendo o fim do novelo.

«Os jogadores de que disponho gostam de circular com a bola, talvez tenham apetência para um tipo de jogo fino e rápido, com meio-campo firme e organizador, defesa onde Duílio continuará a ser pedra base (patrão central) e ataque veloz, até porque disponho de defesas que avançam para a linha (Álvaro é modelar nesse aspecto) e, com Ricky, Miranda, Pedro Xavier, Mendes, Baroti e outros bons atiradores à baliza, creio que o Estrela reúne um dos seus melhores conjuntos de sempre. Basta ver que apostamos firmemente na categoria de Valério e Agatão, na juventude de Marito e Dimas, na velocidade e sentido de baliza de Abel, na força e entusiasmo do Álvaro, em todo o excelente potencial que o meu colega João Alves deixou nesta cidade ao serviço do Estrela. Uma simbiose perfeita entre a sabedoria feita de experiência e a mocidade aliada ao desejo de cintilar no futebol.

Marques Pedrosa, um dirigente que secunda muito bem Jaime Salvado, comenta:

— Prometemos uma equipa europeia e ela aí está.

O presidente adjunto para a área desportiva adianta:

— Fez-se um grande investimento, mas sempre com os pés bem firmes na terra, porque o clube não pode viver de ousadias aventureiras nem de episódicos Mecenas.

Mostra as obras no estádio:

— Tudo o que a lista de Jaime Salvado prometera está a fazer: melhoria de instalações (cabina de Imprensa, posto médico, balneários, cabinas para árbitros e jogadores), estamos a preparar a criação de lojas e de ginásios por debaixo de bancada principal, vamos incrementar toda a prática das modalidades que já praticamos e pensamos que até o râguebi pode ressurgir, aqui, no Estrela da Amadora.

É unânime a opinião: foi altamente proveitoso o estágio no Algarve:

— José Mourinho (apenas 27 anos) revelou-se um magnífico preparador físico. Começou a trabalhar no futebol no Vitória de Setúbal, há dois anos. Licenciado pelo ISEF na opção de futebol é igualmente, desde 1986, diplomado pela FIFA. Fomos contratá-lo porque é já um dos melhores de Portugal.

António Bernardo é um dirigente eufórico:

— Mourinho tirou um curso em Glasgow e logo aí mostrou que está ao nível dos preparadores físicos de outros grandes clubes europeus. Na Aldeia das Açoteias e agora na mata de Queluz tem feito um trabalho impecável e que podemos até considerar sensacionalmente inovador. Também teve a sorte de encontrar jogadores que, mesmo no defeso, tinham tido cuidado em manter uma forma capaz de os fazer regressar rapidamente ao melhor ponto físico, porque o Estrela precisa de um «team» que possa continuar a deliciar-nos. E a herança que recebemos é muito pesada...

Há jogadores a bricarem, na pausa dos exercícios físicos: Baroti e Costeado, Abel e Valter, Rui Neves e Mota, Sérgio e Rui Alexandre. Voltam as corridas: e fica a saber-se que o guarda-redes Hugo regressará ao seu Brasil no termo da temporada porque quer ser internacional, daí nova justificação do contrato amadorense com Vital. O pelotão avança: Paulo Jorge, Sobral, Jordão, Elias, Rebelo, Paulo Bento, todos em acelerações e súbitas travagens com inversão de marcha e recomeço de corrida.

A direcção comandada por Jaime Salvado tem andado numa roda vida. Os nomes maiores da mesa da assembleia geral preparando contactos com personalidades e entidades que podem ajudar ao Estrela ser ainda mais rico: nesse sentido trabalham Andrade Neves, António Barros, António Adão, José Marantes e Silvino Morais. Um gestor público que é também vereador da Câmara Municipal da Amadora, um assistente universitário e igualmente gestor público, dois comerciantes e um industrial. O Conselho Fiscal esquematiza as finanças que ficam ao dispor da colectividade: José Batista Fernandes, Albino Cesário Amador, João Madeira, Augusto Júnior e João Oliveira, todos no mesmo barco. Um advogado e vereador da edilidade local, dois contabilistas, um comerciante e um empregado de escritório. Jaime Salvado (industrial de próspera situação na vida) tem a seu lado os presidentes adjuntos Júlio António (gestão, planeamento e marketing) e Marques Pedrosa (gerente comercial, que abarca a área desportiva do Estrelinha) e, quanto a vice-presidentes, outro naipe devotado ao emblema do estádio José Gomes: casos de Carlos Franco (director bancário com o pelouro do planeamento e desenvolvimento económico), António Bernardo (Toni) industrial de vestuário que chefia o futebol profissional, Joaquim da Conceição (bancário ao leme do futebol amador), Horácio Carreira (industrial que assumiu a responsabilidade pelas obras e instalações), o psicólogo Pedro Santos (chefiando as modalidades amadoras), Júlio Correia (presidente da Junta de Freguesia da Reboleira que tem a gestão de equipamentos e economato), o bancário Manuel Freire (responsável pela administração do clube) e Fernando Duarte (director de serviços na Ordem dos Engenheiros) que orienta o sector de relações externas, marketing e cultura. Uma sólida equipa a que se juntam o secretário-geral Armando Biscoito e o antigo futebolista Gama, agora chefe de secretaria neste Estrela da Amadora, que, pé ante pé, se apresenta à Europa pedindo licença para também fazer um brilharete na Taça dos Vencedores de Taças, em jornada inédita e talvez nunca esperada por José Gomes, o saudoso presidente que é ainda considerado o maior ideólogo da vida de um Estrela que anda nas palminhas das mãos de toda uma cidade. E não apenas porque já tem credencial para bem representar o futebol deste País.

Neves de Sousa

José Agostinho

Marito

Álvaro

Abel

Dimas

José Agostinho

Valério

Mendes

Miranda

Agatão

Mundial de motociclismo

Schwantz: baile em Le Mans

Kevin Schwantz, piloto da Suzuki-Lucky Strike, aproximou-se ainda mais do líder do Campeonato do Mundo de 500cc, Wayne Rainey (Yamaha-Marlboro), graças à sua quarta vitória do ano, conseguida no Grande Prémio de França.

Corrida sobre uma temperatura estimada em 55 graus no asfalto, pilotos e mecânicas foram submetidos, em Le Mans, a um esforço suplementar e onde a escolha de pneus se revelou determinante. Só a perícia, quer de Schwantz quer de Gardner, permitiram que os sucessivos deslizes nas últimas voltas se transformassem em controlados *slides* que levou o público ainda mais ao rubro.

Tendo começado a corrida na *pole position*, o arranque de Schwantz foi lento. Depois rapidamente alcançou o comando e uma vitória que lhe proporcionou 20 valiosos pontos, contra o terceiro lugar alcançado por Rainey, que perdia cinco pontos na pontuação do Campeonato do Mundo.

Rainey conserva agora 30 pontos de vantagem sobre Schwantz e, com apenas 5 corridas para disputar no campeonato de 1990, aumentam as possibilidades de ser o campeão. Paralelamente, o moral dos membros da equipa Honda-Rothmans, Wayne Gardner e Michael Doohan é excelente, o que pode vir a dar resultados interessantes neste Mundial.

Tentando recuperar o seu ritmo, depois de uma época marcada por lesões numa costela e num pé, Gardner ficou num excelente 2.º lugar, em Le Mans.

Doohan fez uma boa corrida alcançando um 4.º lugar conseguindo aproximar-se de Rainey e Gardner nas últimas voltas.

Na sua actual forma, estes dois pilotos poderiam começar a meter-se entre Schwantz e Rainey nos eventos que faltam, modoficando a lógica da pontuação. No final da corrida, Gardner considerou que atingiu um bom resultado, «embora queira ganhar sempre. Perdi a sessão de aquecimento de manhã quando a minha NSR Rothmans-Honda partiu um segmento de um pistão. Depois, a escolha dos pneus, travões e carburação foram um problema. Escolhi erradamente o pneu traseiro e tive algumas escorregadelas no fim da corrida. Mas foi óptimo estar de novo no pódium».

Wyne Rainey: líder com título à vista

O título dos 250cc recebeu nova animação quando o líder do Campeonato, John Kocinski, caiu com a sua Yamaha-Marlboro, «entregando» ao espanhol Carlos Cardus (Honda-Repsol) o primeiro lugar.

Isto significa que agora só 7 pontos separam estes dois homens, quando o Campeonato vai para a Grã-Bretanha, onde se corre a 5 de Agosto.

O piloto Honda-Rothmans, Dominique Satron teve um triste Grande Prémio de França devido a problemas elécricos na sua NSR 250 que o obrigaram a retirar-se cedo, dos olhos do seu público.

Após Le Mans, o Campeonato do Mundo de Motociclismo encontra-se assim ordenado:

Classificação nos 250cc: 1.º Kocinski, EUA (Yamaha-Marlboro), 149 pontos; 2.º Carlos Cardus, Esp. (Honda-Repsol), 142; 3.º Luca Cadalora, Ita. (Yamaha-Marlboro), 110; 4.º Wilco Zeelenberg, Hol. (Honda-Sharp/Samson), 93; 5.º Martin Wimmer, RFA, 84.

Classificação nos 500cc: 1.º Wyne Rainey, EUA, (Yamaha-Marlboro), 183 pontos; 2.º Kevin Schwantz, EUA (Suzuki-Lucky Strike), 153; 3.º Michael Doohan, Aust. (Honda-Rothmans), 109; 4.º Niall Mackenzie, GB (Suzuki-Lucky Strike), 85; 5.º Jean Philippe Ruggia, Fra., 76.

J.F.

EDP

Direcção Operacional de Distribuição Tejo

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

CONCELHO DE LISBOA

SECTOR 5

Rua da Misericórdia, Largo Trindade Coelho, R. das Gáveas, Trav. da Queimada, Trav. Poço da Cidade, R. Diário de Notícias, R. da Barroca, R. do Norte, Trav. Fiéis de Deus, R. das Chagas, Trav. Portuguesa, Trav. Bica Grande, Calçada Bica Grande, Trav. do Cabral, Av. Alm. Gago Coutinho, R. do Ataíde, Trav. Guilherme Cousoul, Rua da Emenda, Largo do Chafariz, Rua Bica Duarte Belo, Rua das Flores, R. da Horta Seca, R. do Alecrim, Trav. do Corpo Santo n.ºs 1 a 29 e n.ºs 2 a 38, R. Nova do Carvalho, n.ºs 1 a 65, R. do Corpo Santo n.ºs 19 a 27 e imediações (das 8 às 12 horas).

SECTOR 8

Av. Miguel Bombarda, Av. da República e imediações (das 8 às 12 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE

CONCELHO DE CASCAIS

ZONA 1

Areias. Parede — Av. da República, Praça Mário Azevedo Gomes e imediações.
S. João do Estoril — Quinta da Correia
S. Pedro do Estoril — Rua Afonso de Albuquerque, Av. 9 de Abril e imediações (das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OEIRAS

ZONA 2

Carnaxide — Alto dos Barronhos, Estrada da Outorela e imediações.
Miraflores — Av. das Tulipas. Lotes 1-2 E, F, G, A, B, C, D, e imediações (das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE SINTRA

ZONA 3

Abrunheira — Av. Movimento das Forças Armadas, R. General Humberto Delgado, Rua 25 de Abril e imediações.
Agualva — Av. dos Missionários, Av. de Londres, Av. Afonso de Albuquerque, Av. António José de Almeida e imediações.
Montelavar — Estrada Nacional n.º 9, R. das Mimosas e imediações.
Pedra Furada (das 8 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE TEJO

CONCELHO DE LOURES

ZONA 4

Freguesia de S. João da Talha — Bairro da Fraternidade (das 8 às 14 horas).
Freguesia Sacavém — Av. de S. José e imediações (das 7 às 15 horas).

CONCELHO DE ALENQUER

ZONA 5

Santana da Carnota, Antas, Casais da Marinela, Silveira de Machoa, Pipa, Vale de Reis, Casal Vitória e Casal das Eiras (das 8 às 17 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS

CONCELHO DE TORRES VEDRAS

ZONA 6

Moncova, Mouguelas, Casal Andorinha, Feliteira, Casal S. Pedro, Dois Portos, Sirol, Caixaria, Matacães, Runa, Qt.ª Portucheira e Ribaldeira (das 7 às 14 horas).

NA SUA AGENDA

Mundial de remo

A selecção portuguesa vai participar no Mundial de remo (categoria «Match Seniores B») que se inicia hoje em Lintz (Áustria), decorrendo até ao dia 31 do corrente.

A comitiva nacional para este Mundial é liderada por Albino Oliveira, integrando os técnicos José Santos e Fernando Estima.

Fernando Figueiredo, Luís Sarmento e José Mimoso (Associação Naval de Lisboa) e Pedro Figueiredo (Clube Galitos de Aveiro) participam em «quadri-scull», enquanto Maria da Conceição (Naval Infante D. Henrique) e Ana Eloísa (CGA) competem em «dougle-scull». Luciana Alçada (Naval Primeiro de Maio) e Paulo Vidal (CGA) participam em «skiff-ligeiro», enquanto Daniel Jorge (CNIDA) concorre em «skiff-pesado».

Pólo aquático em Évora

O VI Torneio Internacional de Polo Aquático Cidade de Évora, que decorrerá de 27 a 29 do corrente vai contar com a participação de cinco equipas, entre as quais, duas espanholas.

Os clubes de natação de Sevilha e de Jerez de La Frontera, são as duas equipas estrangeiras que participam no torneio, com as portuguesas do Salgueiros, Louletano e o anfitrião Aminata - Évora Clube de Natação.

«A prova, que terá como palco o complexo das piscinas municipais de Évora, enquadra-se nas acções promovidas pelo Aminata tendentes a divulgar a modalidade no Alentejo», disse Manuel Piçarra, presidente daquela agremiação eborense.

Hispimo em Cascais

Organizado pela Sociedade de Propaganda de Cascais, vão realizar-se, no Hipódromo Manuel Possolo, os campeonatos nacionais de juventude que decorrerão entre 3 e 5 de Agosto com a seguinte programação: dia 3: primeiras classificativas do critério de cavaleiro iniciado, Campeonato de Portugal de juvenis e de juniores; dia 4: segundas classificativas das mesmas categorias e, finalmente, no dia 5 realizar-se-ão as terceiras classificativas.

BREVES

CDUL: nova gerência

António de Sá Lima, presidente da nova direcção do Centro Desportivo Universitário de Lisboa (CDUL), com o Ministério da Educação, tendo em vista a consecução dos objectivos daquela colectividade.

António de Sá Lima usou da palavra na cerimónia da tomada de posse dos novos corpos gerentes do CDUL para 1990-91, a qual teve lugar no anfiteatro do Centro de Medicina Desportiva do Estádio Universitário.

Composta por antigos atletas do CDUL, o qual (no dizer de Sá Lima) tem sido *«uma escola de formação de desportistas e de homens»*, a nova direcção propõe-se criar as condições orgânicas que garantam a sobrevivência do Centro, reorganizar os serviços administrativos, encontrar soluções que possibilitem (a curto prazo) a disponibilidade de uma nova sede e accionar os mecanismos que permitam, o mais rapidamente possível, *«a alteração dos desactualizados estatutos do CDUL»*.

Pretende-se ainda ober formas complementares de apoio financeiro às actividades das diferentes secções, *«nomeadamente patrocínios publicitários»*, e desbloquear *«a situação de impasse que tem impedido o Ministério da Educação de satisfazer na íntegra os débitos do CDUL»*.

A nova assembleia geral do Centro Desportivo Universitário de Lisboa é presidida por Carlos Sanches Vaz Pardal e o conselho fiscal tem à frente Fernando Sequeira Salvador. Do novo conselho técnico fazem parte, entre outros, os professores Mário Moniz Pereira, João Marques Rodrigues Coutinho, Jorge Pinheiro Martins e Vicente da Costa Júnior.

Canoagem: maratona com todos

A integração pela primeira vez, esta época, de selecções de países do Leste Europeu no Campeonato do Mundo de Maratona, em canoagem, *«vem dificultar a vida à equipa portuguesa»*, disse Rodolfo Coelho, técnico nacional.

«Penso ser agora mais difícil revalidar o terceiro lugar alcançado no Grande Prémio da Holanda, visto participarem nesta edição fortes selecções de países do Leste», adiantou o técnico da selecção nacional, que vai participar, no próximo fim-de-semana, em Copenhaga (Dinamarca), no Mundial de Maratona, em canoagem.

Com um percurso de 43 quilómetros, a competição vai contar com a participação de 22 países.

Liderada por Castro Peniche, e integrando o técnico Rodolfo Coelho e o médico José Ramos, a comitiva portuguesa para o Mundial conta ainda com os seguintes atletas: Miguel Santos, Williams Carrizo, João Brinco, Rui e Luís Câncio, João Ferreira, João Fernandes, José Cirilo, Silvestre Pereira, Carlos Vieira, Emílio Araújo, Manuela Guedes, Susana Baptista e Conceição Oliveira.

Ginástica: Garcia Alvarez demite-se da liderança

José Garcia Alvarez renunciou ao cargo de presidente da assembleia geral da Federação Portugueesa de Ginástica, na sequência da sessão daquele órgão, ocorrida no passado dia 9. Garcia Alvarez alega, em carta remetida a Mendes de Carvalho (vice-presidente), como razão determinante para a sua decisão, a moção de censura aprovada e dirigida a todos os corpos gerentes federativos.

Portugueses arrecadam medalhas nos Jogos Special Olympics

Os atletas portugueses conquistaram 10 medalhas na última jornada dos Special Olympics, os terceiros Jogos Europeus de Verão para deficientes, a decorrerem em Glascow.

Na jornada de terça-feira, Portugal conquistou seis medalhas de ouro, uma de prata e cinco de bronze nas provas de atletismo, ginástica, natação e ciclismo.

No atletismo, Rosa Moreira e José Ferreira venceram os 400 e 1500 metros, respectivamente, enquanto André Soares foi terceiro nos 400 metros.

Fernando Soares e Luís Dinis venceram as provas de cavalo, no torneio de ginástica, e classificaram-se no segundo e terceiro lugares, respectivamente, nos exercícios no solo.

Nas provas de natação, Sílvio Gomes venceu os 50 metros bruços e Pedro Santos foi terceiro nos 50 metros livres. Nos 50 metros livres, Sandra Correia conquistou também uma medalha de ouro para Portugal e Susana Sousa foi terceira. Em ciclismo, Paulo Ramos classificou-se na terceira posição na prova de cinco quilómetros.

Mesmo em guerra com a Federação

Sofia Prazeres quebra recordes

Sofia Prazeres, a portuguesa melhor classificada no «ranking» mundial, quebrou ontem mais um recorde do ténis português, ao qualificar-se para as meias-finais de um torneio integrado no circuito profissional, feminino, no caso, o dez mil dólares de La Corunha, em Espanha, que curiosamente, tem como juiz-á arbitro outro português Carlos Sanches.

E se a passagem às meias-finais constitui já por si um feito assinalável, ele abrilhantou-se ainda mais pelo triunfo de 6-1 nos quartos de final, sobre a checoslovaca Eva Sviglerova, a 126.ª classificada do «ranking», enquanto a tenista portuguesas figura apenas como a 416.ª.

Nas rondas anteriores a vice-campeã nacional bateu duas adversárias mais modestas mas nada fáceis: a alemã-federal de origem romena, Aurelia Gheorge (que treina com Sofia Prazeres desde há dois meses e com ela costuma emparceirar nas competições de pares) e a espanhola Ana-Belén Quintana.

Nas meias-finais, que se disputam hoje, Sofia Prazeres defronta a outra espanhola, Silvia Ramone, mas independentemente do resultado, a tenista portuguesa já se deve sentir contente com a grande prova realizada, que a deverá levar ao grupo das 400 melhores do mundo.

Estes bons resultados não são, porém, inesperados, uma vez que a jogadora de Carcavelos tem conhecido um ano recheado de êxitos, com presenças na segunda ronda do 25 mil dólares de Cascais, com a presença nos quartos de final de pares do 100 mil de Carcavelos, na semana passada.

Aliás, António Cabral, o seu treinador, acredita firmemente na hipótese de Sofia Prazeres poder entrar ainda nesta época no lote das 300 primeiras, embora para tal seja necessário cumprir o programa delineado no início do ano.

Mas é neste ponto que se levanta uma barreira financeira de difícil resolução. O pai da jogadora, João Prazeres, que também desempenha as funções de seu empresário confessou ao «DL», durante o «Estoril Ladies Open Sogrape», na semana passada, a possibilidade de ter de haver uma redução no número de provas previsto até ao final do ano, por falta de suporte económico.

Sofia Prazeres, até é tenista portuguesa com mais contratos publicitários firmados mas, mesmo assim, esses patrocínios são manifestamente insuficientes para cobrir todas as despesas de um programa longo e arrojado que no fundo, tem vindo a ser suportado pelo seu pai.

João Prazeres estaria certamente a contar com um subsídio da Federação Portuguesa de Ténis, integrado no programa de alta competição, como já usufruem João Cunha e Silva, Nuno Marques e Bernardo Mota, apesar de este último a um nível simbólico. Só que esse pedido de apoio ainda não foi respondido, embora tudo leve a crer que venha a ser atribuído mal a jogadora ultrapasse a barreira das 300 primeiras do «Virgínia Slims Computer Ranking».

De facto, e numa conversa que mantivemos com o director-técnico nacional, Santos Costa, também na semana passada, foi-nos esclarecido que a FPT preferiu apostar num apoio conjunto a um grupo de atletas de níveis semelhantes, integradas no Centro Nacional de Treino (do qual Sofia Prazeres se recusou a fazer parte) e qualquer financiamento de um projecto pessoal só seria possível quando uma delas se destacasse inequivocamente das demais.

Convirá acrescentar que as relações entre a parte que gere os interesses da jogadora e a FPT se encontram bastante tensas pelo facto de Sofia Prazeres se ter recusado a representar Portugal nas selecções nacionais que esta semana se realizam em Zagreb (Jugoslávia) a disputar os campeonatos da Europa de cadetes e juniores.

João Prazeres justificou esta decisão pelo atraso da convocatória, dado as inscrições para os torneios internacionais terem de se efectuar com três semanas de antecedência. Em declarações ao «Expresso», o director-técnico nacional defendeu-se afirmando que todas as jogadoras foram avisadas com antecedência mas que no caso de Sofia Prazeres fora exigida uma convocação por escrito. Santos Costa acrescentou ainda que lamentava o sucedido, pois embora a atleta não faça parte do Centro Nacional de Treino, a sua presença era indiscutível nas selecções nacionais.

Em termos de curto prazo, a ausência nos «europeus» não parece ter afectado Sofia Prazeres e, saliente-se que para a sua carreira profissional é muito mais importante esta presença nas meias-finais de La Corunha do que os europeus, embora nunca seja de menosprezar o simbolismo desta competição, quanto mais não seja como montra de futuros valores.

No entanto, para bem da jogadora a médio e longo prazo, é necessário que ambas as partes cheguem a um acordo razoável pois não parece justo defraudar as expectativas de uma jovem de 16 anos, que está a dar tudo o que pode na esperança de vir a ser alguém no difícil circuito profissional, e que ainda tem muito a dar ao ténis feminino português que tão carenciado anda de um ídolo.

Cunha e Silva nos «quartos»

Entretanto, em Campos de Jordão, no Brasil, o tetracampeão nacional João Cunha e Silva já se qualificou (pela segunda vez consecutiva em outras tantas semanas) para os quartos de final, de um torneio de 50 mil dólares. Com efeito, depois de na primeira ronda ter batido o espanhol Vicente Solves, Cunha e Silva derrotou ontem o brasileiro César Kist por 6-1, 5-7 e 6-2, o que lhe rendeu, para já, a conquista de dez pontos ATP.

Hoje, nos quartos de final, o português defronta o argentino Daniel Orsanic.

Hugo Ribeiro

Sofia Prazeres: ela é a tenista portuguesa melhor pontuada na escala mundial

Exclusivo

Salazar pinga-amor

Motorista do antigo ditador durante 35 anos
traça, em exclusivo para «O Jornal»,
um retrato diferente do criador do Estado Novo:
um «senhor doutor» mulherengo,
que as criadas por mais de uma vez
apanharam com as calças na mão,
«numa posição muito... esquisita».
Salazar e D. Maria? «Eles eram marido e mulher»,
conta o ex-motorista, que foi quem levou
para o Forte de São João do Estoril a célebre cadeira de lona.
Uma história por detrás da História,
onde também se fala de frangos e ovos criados em São Bento
e vendidos para o Hotel Aviz,
com o «senhor doutor» a regatear
preços em nome da governanta...

Leia isto e muito mais em

o jornal

Esta sexta-feira, à venda em todo o País.

A não perder.

I Série N.º 172
Dia 27 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas alterações nos orçamentos de vários ministérios no montante de 490 632 contos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 32/90:
Aprova o Protocolo Adicional ao Acordo de Cooperação Técnica e de Intercâmbio no Domínio da Comunicação Social entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde.

Decreto n.º 33/90:
Aprova o Protocolo Adicional (relativo à reinstalação e reestruturação da TVE na República Democrática de São Tomé e Príncipe) ao Acordo de Cooperação no Domínio da Comunicação Social entre a República Portuguesa e a República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 244/90:
Estabelece o regime das ajudas à constituição e funcionamento de organizações de produtores de frutos secos e alfarrobas.

Ministério da Educação

Portaria n.º 589/90:
Suspende a execução da portaria de requisição do Autódromo do Estoril de 6 de Julho de 1990 e todos os respectivos efeitos.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 245/90:
Estabelece o regime jurídico dos serviços locais de segurança social.

Decreto-Lei n.º 246/90:
Altera o Regime Jurídico das Casas do Povo, no sentido de garantir a sua autonomia institucional. Revoga diversas normas dos Decretos-Leis n.ºs 4/81 e 185/85, respectivamente de 11 de Janeiro e de 29 de Maio.

Região Autónoma dos Açores

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 12/90/A:
Aplica o Decreto-Lei n.º 427/89, de 7 de Dezembro, aos serviços da administração regional autónoma dos Açores, bem como aos fundos públicos e aos institutos públicos na modalidade de serviços personalizados da mesma Região.

PESSOAS & FACTOS

Farol: electrodomésticos com novo espaço

A empresa Farol (Comércio de Electrodomésticos, Lda) tem um novo espaço no Chiado, fruto de uma estratégia do grupo com o mesmo nome que visa «acompanhar as inovações e tendências do mercado» e que passa pela modernização das suas três lojas, pela formação profissional do seu pessoal, pela renovação da sua frota de distribuição e pela total informatização das estruturas. O atendimento e acompanhamento personalizados do cliente e a assistência pós-venda especializada são, igualmente, suportes à comercialização de marcas de grande implantação no mercado. No horizonte está a expansão das actuais três para seis lojas em Lisboa e arredores, o que deverá acontecer já em 1991.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

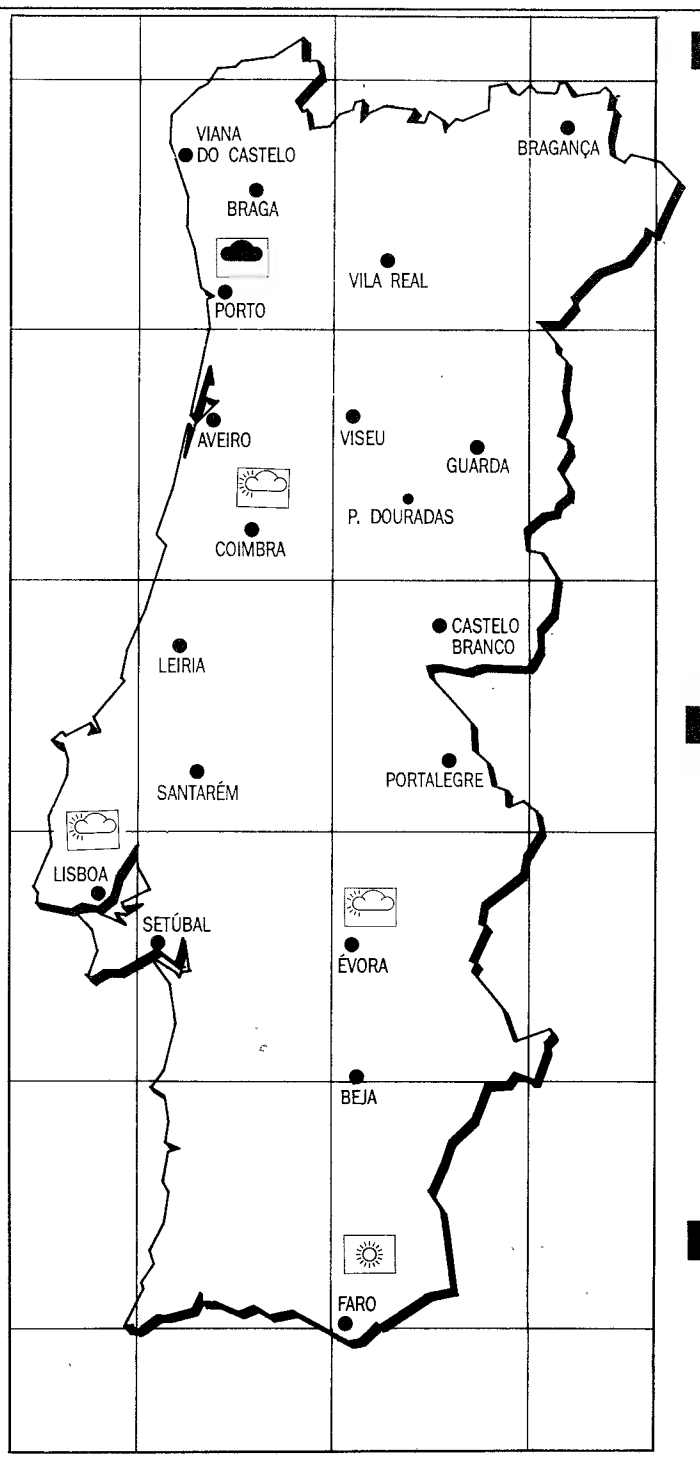
Regiões do Norte e Centro: céu geralmente limpo. Vento fraco do quadrante oeste e períodos de chuva fraca especialmente no litoral. A partir da tarde diminuição progressiva da neblusidade e vento moderado de nordoeste.
Regiões do Sul: céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Nevoeiros matinais.
Estado do mar - costa ocidental: mar encrespado ou de pequena vaga .Ondulação noroeste de um a dois metros.**costa sul** :Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.
Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo.Vento fraco, soprando em regime de nortada moderada a partir da tarde no litoral oeste. Nevoeiros matinais. Pequena descida da temperatura.
Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando em regime de nortada moderada a partir da tarde no litoral oeste. Pequena subida de temperatura em especial nas regiões do interior.

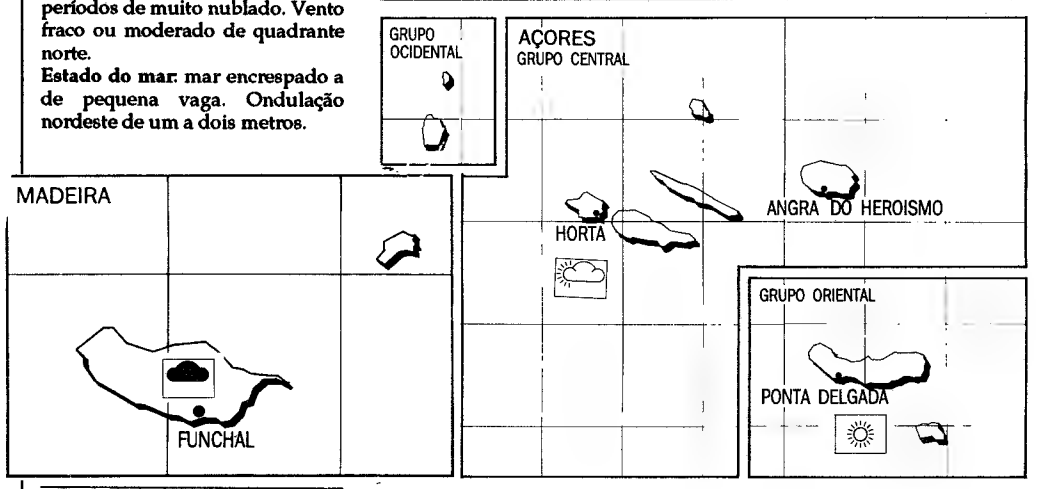
MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento noroeste moderado de norte. Aguaceiros fracos nas vertentes viradas a norte.**Funchal:** céu com períodos de muito nublado.vento fraco
Estado do mar - costa norte: mar encrespado ou de pequena vaga . Ondulação norte de um a dois metros.**costa sul:** mar encrespado. Ondulação inferior a um metro..

AÇORES

Grupos Ocidental :céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco de sudoeste.Períodos de chuva fraca.
Estado do mar: mar encrespado. Ondulação noroeste de um a dois metros.
Grupo Central e Oriental: céu com períodos de muito nublado. Vento fraco ou moderado de quadrante norte.
Estado do mar: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação nordeste de um a dois metros.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
07.26	3.3m	12.56	1.0m
19.43	3.4m	------	------

Amanhã

08.06	3.2m	01.28	1.1m
20.25	3.2m	13.39	1.2m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	15	15	M. nub.
V. Castelo	18	18	M. nub.
Vila Real	17	17	Encoberto
Porto	18	18	Encoberto
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	18	19	Encoberto
C. Carvoeiro	20	20	M. nub.
C. Branco	16	16	P. nub.
Portalegre	15	15	Neblina
Lisboa	19	19	P. nub.
Sines	–	–	–
Évora	16	16	Nevoeiro
Beja	16	16	Nevoeiro
Faro	18	18	Limpo
Sagres	–	–	–
P. Delgada	16	17	P. nub.
Horta	18	18	P. nub.
Funchal	21	21	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 24; Porto, 22; Faro, 25; P. Delgada, 24; Funchal, 24.

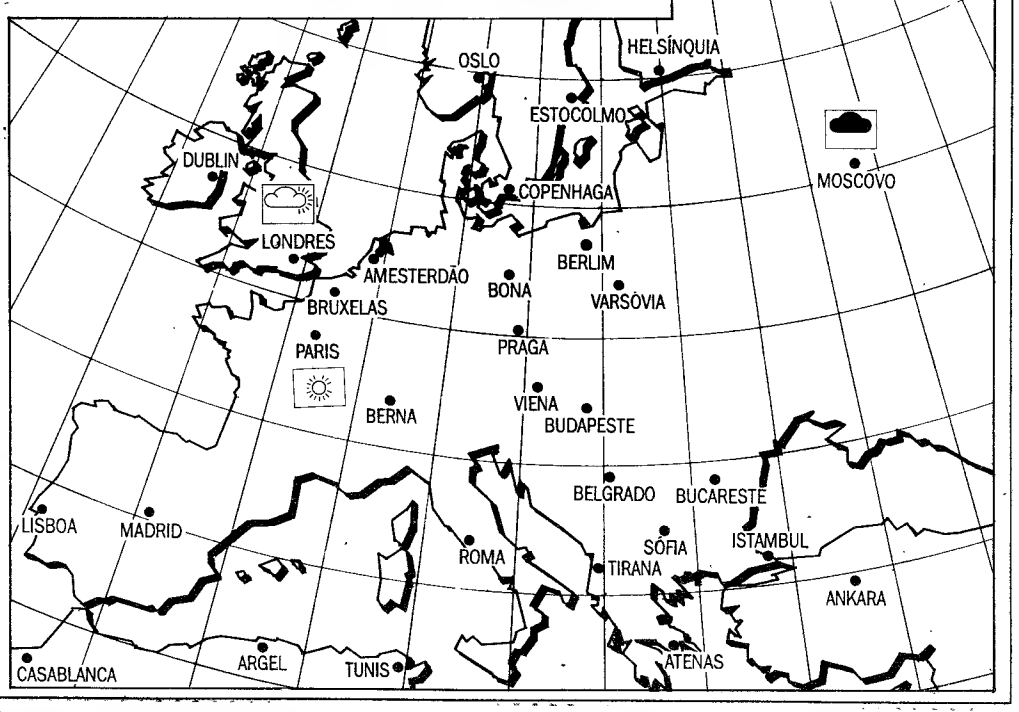
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	15	15	Limpo
Londres	16	18	Bruma
Paris	16	17	M. nub.
Bruxelas	16	17	P. nub.
Amesterdão	–	–	–
Genebra	15	17	P. nub.
Roma	20	23	–
Oslo	14	18	Limpo
Copenhaga	13	17	Limpo
Estocolmo	12	16	Limpo
Berlim	12	16	P. nub.
Viena	13	15	M. nub.
Varsóvia	10	14	Chuvisco
Atenas	24	27	Limpo
Moscovo	12	13	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	2	16	Limpo
Caracas	19	28	Nublado
Hong Kong	28	32	Limpo
Joanesburgo	2	22	Limpo
Los Angeles	19	28	Limpo
Montreal	17	27	–
Nova Deli	28	36	Nublado
Nova Iorque	21	29	Nublado
Rio de Janeiro	20	28	Limpo
São Francisco	13	20	P. nub.
São Paulo	15	23	Limpo
Tóquio	26	32	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Campo de Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93, A-B, Tel. 7591134; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104, A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha França:** Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfica:** Vitex, Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 443069. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, Av. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Central, R. Olivença, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional 10, Tel. 2535484. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — A MOSCA

MORREU SALAZAR

O ANTIGO CHEFE DO GOVERNO SUCUMBIU ÀS 9 E 15 DE HOJE

SCHEEL EM MOSCOVO

Tratado de não-agressão entre a RFA e a URSS

Salazar morreu

O prof. dr. Oliveira Salazar faleceu esta manhã. Eram 9 horas e 15 minutos.

Uma assistência médica excepcional e permanente e a invulgar resistência física do enfermo prolongaram a agonia do antigo Presidente do Conselho, após a grave crise que o acometeu na noite de 25 para 26 do corrente.

O funeral deverá realizar-se no próximo dia 30, sendo o corpo trasladado para o cemitério de Santa Comba Dão, terra natal do prof. Salazar.

Deputados e militares desaparecidos na Guiné

Continuam infrutíferas as buscas para encontrar o helicóptero militar desaparecido ontem na Guiné e que se supõe ter caído ao rio Mansoa. Nele seguiam os deputados Pinto Leite, Pinto Bull, Leonardo Coimbra e José Vicente de Abreu, o capitão José Carvalho de Andrade e o alferes Lopes Manso, que pilotava o aparelho.

Tratado de não agressão entre a RFA e a URSS

O ministro dos Estrangeiros da RFA, Walter Scheel, chegou a Moscovo, onde manterá conversações com o seu homólogo soviético, Gromyko, que se espera resultem na assinatura de um acordo de não-agressão que porá fim a mais de 25 anos de inimizade entre os dois países.

EFEMÉRIDES

1867

• É posta a circular a primeira edição de «O Capital» de Karl Marx.

1957

• É proclamada a República na Tunísia.

1970

• Morre António de Oliveira Salazar, antigo presidente do Conselho de Ministros portugueses.

1974

• Em Portugal, o Presidente da República, general António de Spínola, anuncia o início do processo de descolonização dos territórios sob administração portuguesa.

1981

• Termina o julgamento do caso Delgado, com a condenação a 22 anos de prisão, de Casimiro Monteiro, considerado pelo Segundo Tribunal Militar de Lisboa, com o único culpado do assassínio do «general sem medo».

1983

• Um comando arménio, composto por cinco guerrilheiros, ataca a Embaixada da Turquia em Lisboa, perecendo no assalto e provocando a morte de um agente da PSP e da mulher do encarregado de negócios da Turquia.

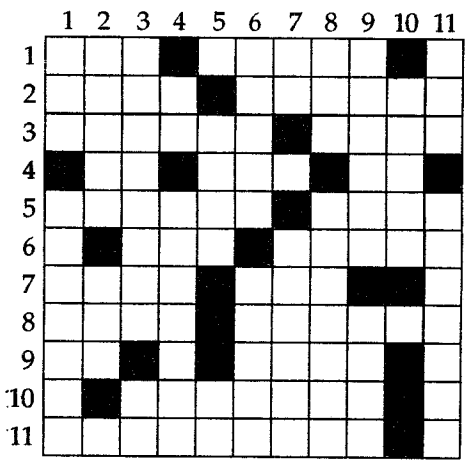
1984

• Morre o actor britânico James Mason, 75 anos.

1986

Na sequência da reacção hostil à visita a Marrocos do primeiro-ministro israelita, o soberano marroquino, Hassan II, demite-se da presidência das cimeiras árabes.

PALAVRAS CRUZADAS



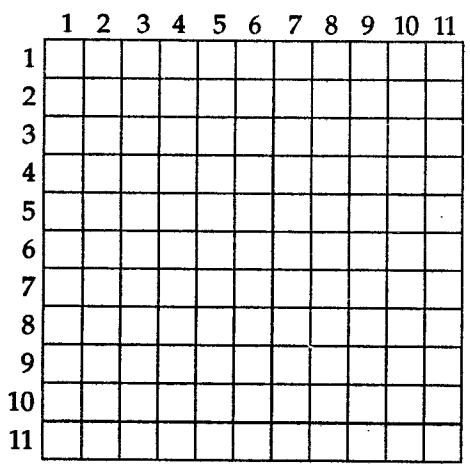
PROBLEMA N.º 17969

HORIZONTAIS:

1 - Quadrúpede ruminante. Velhaco.
2 - Animal carnívoro. Máscara.
3 - Nome demulher. Os deuses benfazejos da mitologia escandinava.
4 - Alumínio (s.q.). Três em romano. Caminhar.
5 - Davas mios. Registo do que se tratou numa sessão ou assembleia.
6 - Forma apocopada e prodítica de vale. Levar à toa, à sirga.
7 - Efectivo. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
8 - Secretário de Luís XIV. Sobrou.
9 - Arsénio (s.q.). Filho de Zeus, rei de Egina.
10 - Erraras.
11 - Emparelhara.

VERTICAIS:

1 - Berreiro ou choradeira de criança (bras.). Acto de marrar.
2 - Debruai. Deusa da Aurora, esposa de Titono.
3 - Punhas só. Deus dos pastores.
4 - Interjeição brasileira. Cartas de jogar.
5 - Nome dado à parte superficial do globo terrestre, onde predomina silicato de alumínio. Centiare.
6 - Escavais. Praia.
7 - Em a. Desmontara.
8 - Senhora. Enterrar em lodaçal.
9 - Relativo a oásis. Tosquia.
10 - Certeza.
11 - Cabelos brancos. Ordenai.



PROBLEMA N.º 16779

HORIZONTAIS:

1 - Frecha farpada dos Índios da América do Sul. Espécie de doninha ou esquilo.
2 - Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Errais.
3 - Amima. Ocultas.
4 - Dança. Ena!
5 - Compaixão (inv.). A Irlanda. Álcool de melaço.
6 - Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Nome de letra.
7 - Emprega. Irritar.
8 - Imposto de transmissão. Pronome pessoal.
9 - Obras críticas, picantes, irónicas ou jucosas.
10 - Remaras para trás. Domestico.
11 - Grande ribeira da Ásia Russa. Preposição e artigo. Divisões de uma casa.

VERTICAIS:

1 - O mesmo que jambo. Exclusivo.
2 - Despachados. Prefixo de negação.
3 - Dissipei. Cidade de Itália.
4 - Aleia. Palmeira da Amzónia.
5 - Puxão.
6 - Utensílio doméstico. Vais para fora.
7 - Antigo povo de Espanha.
8 - Rio do estado do Pará. Residência.
9 - Roubarem. Nome de astro.
10 - Claridade. Amónio (s.q.). Ruim.
11 - Tomaremos sobre nós.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 968

HORIZONTAIS: 1 - ÁGUA. MOLE. 2 - MRS. Data. Bu. 3 - AAA. Uma. Mãe. 4 - Rm. Arão. Ut. 5 - Reatar. Fera. 6 - Co. Éolo. 7 - Ipo. Ti. Ar. 8 - Serra. Casta. 9 - Dã. Eira. 10 - Errata. Aa. 11 - Ma. Colossos.
VERTICAIS: 1 - Amarrais. EM. 2 - Grame. PEDRA 3 - Usa. Açorar. 4 - Ato. AC. 5 - DURA. TANTO. 6 - Mamarei. Al. 7 - Otão. Ca. 8 - La. Alvarás. 9 - Muro, Sias. 10 - BATE. ATÉ. 11 - QUE. FURA. ÉS.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 778

HORIZONTAIS: 1 - Quichua. Xéu. 2 - Uraí. Mala. 3 - Ios. Seca. Aí. 4 - Os. Polacos. 5 - Tacós. 6 - Arosa. Aal. 7 - Amar. Campa. 8 - Avá. Ruano. 9 - Mirrei. Usso. 10 - Asa. Ti. IE 11 - Ossadas. MS.
VERTICAIS: 1 - Quioto. Ama. 2 - Uros Aviso. 3 - Ias. Tâmaras. 4 - CI. Pará. 5 - Socorrera. 6 - Unelos. Ui! 7 - Casaca. Ta! 8 - Mac. Anuis. 9 - Xá. Oramos. 10 - Elas. Pã. Sim. 11 - Uai! Clarões.

PROVÉRBIO:
ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
NA CORDA BAMBA
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Aimy Hecherling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Desenhos animados
M/ 6 anos - Às 14.00, 16.30 e 19.00,
UM CASO DE GUERRA
Filme de Patrick Duncan
M/12 anos - Às 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M Young
M/16 anos - Às 13.45, 15.45 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos
Às 14.00, 16.30, 19.00 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
NA CORDA BAMBA
M/12 anos
Filme de John Badham
Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/18 anos
Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 13.30 15.30, 17.30 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zaiman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Maye
GUERRA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
CONVIVER, GOZAR... E NÃO SÓ
(Filme pornográfico)
Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,19.00 e 21.30
MORTE ENTRE RUÍNAS
Filme de Michael Winner
M/12 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
Centro Comercial da Portela
T. 9434762
UM NINJA AMERICANO - 3
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
INIMIGOS E AMANTES
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A NINI PREPAROU TUDO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
OS VIZINHOS DO RÉS-DO-CHÃO/1947
Filme de Alejandro Perla
Às 18.30

FADO/1947
Filme de Perdigão Queiroga
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,, 19.15 e 21.45

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1
JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DESAFIO TOTALF
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA

«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

Filme de Mark Goldclark
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45 19.15 E 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
ASSASSINO SEM ROSTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
FÚRIA SILENCIOSA
M/18 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
TERNAS CARÍCIAS
Filme porno M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade T.606847
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 21.15 e 23.45

PLAZA 2
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00.

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O SENADOR
Filme de Michael Thornhill
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378

AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE AS VOSSAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15 , 16.15 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Filme de Walt Disney
(Falado em português)
M/6 anos- Às 15.00, 17.00 e 19.00
COOKIE
m/12 anos - Às 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
UM BAR CHAMADO BLUE WATER
Filme de Peter Mastersen
M/12 anos - Às 14.15, 16.15 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30 , 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
CADILLAC COR ROSA
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Gene Hackman
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
TOTAL RICAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 246565
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

A LEGENDA DAS TRÊS ESTÁTUAS
Filme de Leo Fong
M/12 anos - Às 24.00

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 E 21.30
Sala 2

OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Hecherling
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
NA CORDA BAMBA
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
ORQUÍDEA SELVAGEM
filme de Zaiman King
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos- às 15.15 e 21.30

Sala 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
OLHA QUEM FALA
Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALAI
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Largo. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa
(Em cena até domingo, 29/7)

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ESPAÇO VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Reglões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Diálogo; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

17.00: Memória do Esquecimento - O Palácio de Queluz ontem e hoje, **17.30:** Efeméride: nascimento de Gerald Moore; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As sonatas para violino e piano de Beethoven; **19.20:** Álbum Musical. Obras de Donizetti, Chopin, Weber, Schubert, Massenet, Verdi, Bruckner, Wagner, J.S. Bach, Pachelbel e Weniawski; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.40:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** Obras de Liszt, pelo pianista Claudio Arrau; **22.00:** Música vocal comentada; **23.00:** Concerto da noite com o maestro Gennadi Roshdestwensky; **00.24: Música de Câmara de Schumann; 00.57:** Um autor dirige a sua obra; **01.23:** Os Grandes ~Exitos na América do Princípio do Século; **02.00:** Música na Madrugada em Disco Compacto. Noticiários de hora a hora.

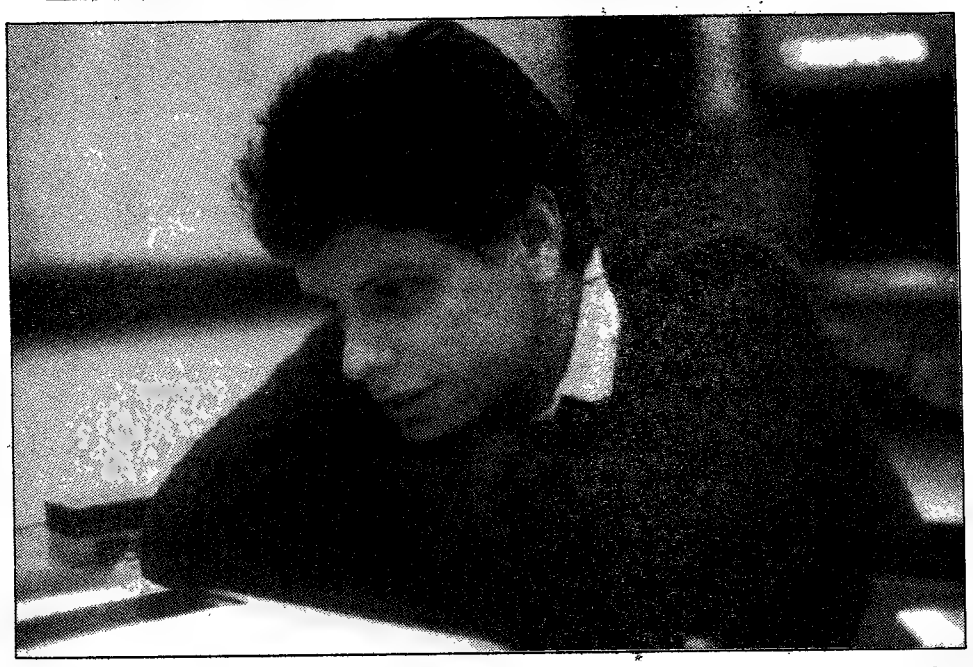
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

14.45 - GUNS AND ROSES WHITH GREAT WHITE
15.40 - A CASA DE IRENE
16.20 - OS AMORES DE NAPOLEÃO E JOSEFINA
17.05 - O MUNDO ANIMAL
O Mustang é o cavalo selvagem norte-americano.
Pelas pradarias vêem-se, ainda hoje, estes velozes mamíferos que são uma espécie de «ex-libris» dos Estados Unidos
17.25 - JUNTOS E AO VIVO
18.40 - OS MARRETINHAS
19.05 - JOGOS DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - WOLF
22.00 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
22.50 - CHEFE, MAS POUCO
23.15 - 24 HORAS
23.50 - REMATE
00.50 - PELA NOITE DENTRO
«Os Onze Implacáveis Meninos do Coro»
«Meninos do coro»
é a designação por ´que é conhecido um grupo de polícias de Los Angeles, responsável pela ronda nocturna.
A «alcunha» deve-se ao facto do grupo se reunir a altas horas da noite num parque de diversões.
A «velha raposa» dos «meninos» é Whalen. O grupo é ainda formado por, entre outros, Roscoe (o sádico, que aconselha uma rapariga negra que se quer suicidar a saltar para a morte), e Francis (o brincalhão que tem a mania de assustar os outros, mascarando-se de Conde Drácula. Uma certa noite, a alegria do grupo desaparece quando Sam se excede nas suas brincadeiras...
Um filme de Robert Aldrich, com Charles Durning, Louis Gossett Jr., Perry King, Clyde Kusatsu, Stephen Macht, Tim McIntire, Randy Quaid, Chuck Sacci, James Woods, Don Stroud, Robert Webber e Burt Young.
Fotografia: cor.
Duração: 119 minutos.



Zé Pedro dos «Xutos e Pontapés no Programa Haja Música, às 24.00 na RTP-2

RTP-2

15.10 - AGORA, ESCOLHA
16.35 - MAGAZINE MUSICAL
17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
20.00 - VIA RÁPIDA
20.10 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.35 - BUCHA E ESTICA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
24.00 - HAJA MÚSICA
«Gritos Mudos» é o sexto álbum dos Xutos e Pontapés e foi integralmente gravado no Brasil. A sua apresentação em Lisboa ocorreu há duas semanas atrás, num concerto cuja primeira parte contou com a presença de Bob Geldof.
Neste especial sobre os Xutos são entrevistados os membros do grupo, os seus amigos e companheiros de trabalho, e serão apresentados alguns dos temas mais conhecidos da banda.
01.00 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

No reino do Atlântico

AMANHÃ

RTP-1

09.00 - ABERTURA
09.02 - TV RURAL
09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - ANDERSON, WAKEMAN, BRUFORD & HOWE
14.10 - O BARCO DO AMOR
15.00 - VIVAMÚSICA
15.50 - SESSÃO DA TARDE
«Viagem dos Malditos»
18.25 - OURO NEGRO
19.15 - NEM O PAI MORRE...
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - BOLETIM DAS PESCAS
21.25 - POIROT
22.20 - THE EARTH DAY SPECIAL
00.20 - CINEMA DA MEIA NOITE
«Com o meu filho nunca!»

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

09.00 - ABERTURA
09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
09.30 - UMA ILHA E UM SONHO
10.20 - CAMINHOS
10.50 - ZONA DE JAZZ
11.40 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
12.25 - DOCUMENTÁRIO:
«A Arte no Mundo das Trevas»
13.15 - TAUROMAQUIA
13.40 - CINE-SÁBADO
«Consciências Mortas»
15.00 - ESTÁDIO/1.ª EDIÇÃO
19.00 - PRIMEIRO JORNAL
19.15 - CANÇÃO DE COIMBRA/ ANOS 80
19.45 - O ASSALTO AO COMBOIO CORREIO
21.05 - S. REMO EM LIBERDADE
22.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
01.15 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

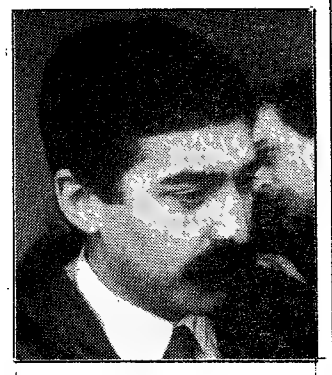
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 WOLF
RTP 2 DONA BEIJA
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

OLIVEIRA&LEAL,Lda
Móveis • Estofos • Decorações
(CASA FUNDADA EM 1945)
— Mobílias de quarto e sala em todos os estilos — Móveis estilo inglês — Móveis TV video.
— Jogos de maples em pele, globlam, veludo.
— Arcas, camas de ferro, colchoaria.
— Mobília em nogueira, incluindo camiseiros. Escrivaninhas, mesas holandesas, etc.
— Mobiliário em pinho — sommiers.
— Móveis em todos os estilos por desenho e por medida.
Entregas em qualquer ponto do país
Rua da Rosa (Bairro Alto), 73-81 — 158-160
Tel. 321872 (200 m2 exposição)

«A nossa taxa de corrupção já não é nada modesta»

João Rosa, «Tempo», 26.07.90

A PERGUNTA DO DIA



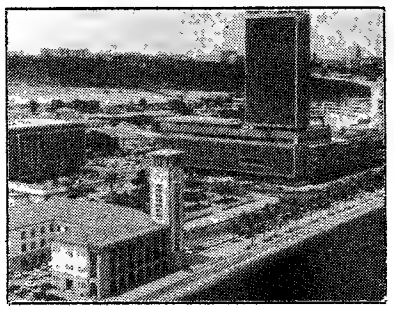
José Apolinário
deputado do PS

No caso de ir substituir Fernando Gomes no Parlamento Europeu, quais vão ser as linhas orientadoras da sua actuação?

«O compromisso assumido na Comissão Política do PS aquando das eleições europeias faria com que, em Janeiro de 1991, eu e Martinho Gonçalves assumissemos funções no Parlamento Europeu. A verificar-se a necessidade de substituir o deputado Fernando Gomes, em resultado desta incongruente lei das incompatibilidades, assumirei esse desafio com a mesma convicção de outras funções, ainda que agora com maior razão. Porque Fernando Gomes foi um dos melhores deputados portugueses no PE. Porque o PS, no Manifesto Eleitoral, em 1989, sublinhou a aposta numa estratégia nacional, envolvendo todas as regiões, sem criar ou acentuar ainda mais as desigualdades. Porque os jovens portugueses, e em particular a JS, passarão a ter um jovem deputado no PE e porque da forma como aproveitarmos os novos desafios da Europa e de acordo com o contributo que dermos resultará ou não uma nova dimensão europeia. Porque assumindo a minha condição de algarvio, região já hoje em condições de ser Região Administrativa, considero que o Algarve e o Sul do País necessitam de estar representados no maior Grupo Parlamentar do PE. Se, por acção ou por omissão, não entrar este ano para o PE, ao menos já li 'Os Europeus', conforme conselho do 'Diário de Lisboa'...»

O DL SUGERE

a Cavaco Silva

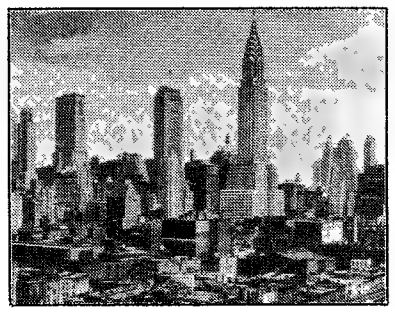


Aproveite as férias que se aproximam e visite os AÇORES e a MADEIRA. Embora já tenha afirmado que não liga àquilo a que chama «intrigas políticas», não está certamente satisfeito com o clima hostil que se vive nas ilhas relativamente ao Governo Central. Uma viagem informal poderia servir para apaziguar os ânimos e acabar com os mal-entendidos. Na ida aos Açores demonstraria a Mota Amaral que afinal não está do lado de Álvaro Monjardino, enquanto a viagem ao arquipélago madeirense poderia servir para verificar o grau de poluição das águas de Porto Santo.

a João de Deus Pinheiro

Escolha ANGOLA, o único país não incluído no seu périplo africano, para passar as férias. Além das belas praias e das paisagens magníficas, poderá ainda aproveitar para estabelecer contacto com os dirigentes angolanos e com os chefes da oposição. Se as conversas lhe correrem de feição, poderá regressar a Lisboa com alguns trunfos para apresentar ao secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros relativamente ao estabelecimento da paz naquela antiga colónia portuguesa e, assim, calar as más-línguas que dizem que, neste campo, Durão Barroso lhe está a passar a perna.

a Miguel Beleza



Faça uma viagem a NOVA IORQUE. Sabemos que já conhece bem os Estados Unidos, uma vez que viveu lá durante algum tempo. Poderá, assim, revisitar certos lugares e aproveitar para tentar descobrir por onde anda o ouro português que, em má hora, foi entregue à Drexel. Se conseguir descobri-lo, será certamente promovido a herói nacional. Além disso, trata-se de uma boa oportunidade para viver uma verdadeira aventura de caça ao tesouro pelas ruas de Manhattan, contrariando a rotina do Terreiro do Paço.

Pousadas da Juventude

a Couto dos Santos

Utilize as suas férias para fazer uma ronda pelas POUSADAS DA JUVENTUDE. Espalhados um pouco por todo o País, e geralmente em locais bastante aprazíveis, este «hotéis» para os mais novos constituem locais privilegiados para que o ministro adjunto e da Juventude tome contacto com os problemas dos jovens, o que só poderá servir como enriquecimento para as políticas jovens da «rentrée». Será também uma boa operação de *marketing*. E um ministro nunca deve descurar a sua imagem...

VAI ACONTECER

«Dança em New York» chega ao fim

A companhia norte-americana de dança de Alwin Nikolais e Murray Louis apresenta-se a partir de hoje e até à próxima segunda-feira no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, concluindo, desta forma, o ciclo «Dança em New York», organizado pelo serviço ACARTE.

Nos dois primeiros dias, serão apresentadas as coreografias de Alwin Nikolais, «Crucible» e «Mechanical Organ Rain» e a coreografia de Murray Louis, «Crucible». Nas noites de domingo e segunda, o programa muda, estando prevista a apresentação de «Segue», uma obra conjunta dos dois coreógrafos, «Video Game» e «Tensile Involvement», de Nikolais e «Shubert», de Louis.

Tanto Alwin Nikolais como Murray Louis já se apresentaram no ano passado ao público português, embora em companhias diferentes. Este ano, resolveram juntar as duas companhias. Na segunda-feira, às 15.30 horas, Nikolais proferirá ainda uma conferência/demonstração sobre a sua obra.

CP apresenta novas carruagens

A CP vai apresentar na próxima segunda-feira o protótipo das novas carruagens que vai pôr ao serviço nas ligação Intercidades. As novas carruagens, mais modernas e confortáveis do que as actuais, inserem-se no investimento de modernização em curso na empresa. A apresentação, que contará com a presença do ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, será feita durante uma viagem entre Lisboa e Tomar.

Música dos Capuchos prossegue em Palmela

Os «London Brass Virtuosi» vão actuar amanhã nos claustros da Pousada de Palmela, num espectáculo integrado no X Festival de Música dos Capuchos. Dirigido por David Honeyball, o grupo interpretará obras de Samuel Sheidt, Gabrieli, Susato, William Bird, Bach e Handel, entre outros.

Entretanto, a exposição «O Castelo e a Ordem de Santiago na história de Palmela», patente no castelo de Palmela, estará aberta ao público entre a 20 horas e as 21.30 horas, de forma a permitir que quem vai assistir ao concerto a possa visitar.

Desporto prossegue no Terreiro do Paço

Prosseguem este fim-de semana, no Terreiro do Paço, as acções de animação desportiva, desta vez com um torneio de futebol de cinco da UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa). No torneio participam equipas em representação da UCCLA e de várias empresas portuguesas, divididas em quatro séries. A primeira classificada ficará apurada para disputar, em 1991, um torneio com a presença de equipas de outras cidades da UCCLA.

Segunda-feira no
Diário de Lisboa
Parlamento prepara-se para o ano de eleições
Segurança rodoviária em tempo de férias
Alfredo Margarido e o carisma dos patrões

meteorologia

Das novas formosuras

Há mulheres que gostam de homens barrigudos e homens que apreciam apenas ancas honestas e o resto a condizer. São já raros. A moda, a publicidade, os derradeiros preceitos de saúde, o que se chama a torto e a direito o *imaginário* do homem de hoje, aposta nos magros, magros estreitos, estreitos e, se possível, esbeltos. A gordura já não é formosura. Abaixo os Budas. Rodin *c'est fini*, é melhor Leonor Fini. Rubens teve certamente um complexo de obesidade, e é notório quando em pequeno era castigado a não comer sobremesa de domingo a domingo. Hoje em dia, os anjinhos barrocos beberiam nectares sem açucar da Madeira, mas de baixas calorias, adoçados com hermesetas guardadas em caixinhas escondidas nas suas covinhas. Emagreceriam: voariam mais alto? Eis a questão. E mais outra: sendo famosos músicos de sopro, teriam força para soprar a sua doce música de embalar?

Embalar... embalados, adormecemos, dormindo, engordamos. Por isso há cada vez mais gritos de vizinhos, ruídos de motorizadas da meia-noite, máquinas de lavar anti-silenciosas, televisores em altas vozes, rádios portáteis ensurdecedores, tudo em nome da saúde superior: magros, mal dormidos, nervosos como os galgos de boa linhagem e como os carros descapotáveis da Linha, assim somos.

Quem faz barulho nocturno teu amigo é!

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º Prémio
68 169
70 000 contos

2.º Prémio
17 658
10 000 contos

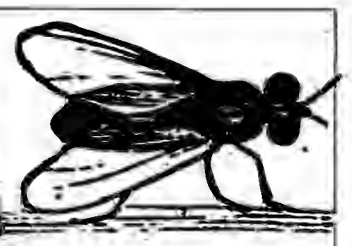
3.º Prémio
5 279
2 500 contos

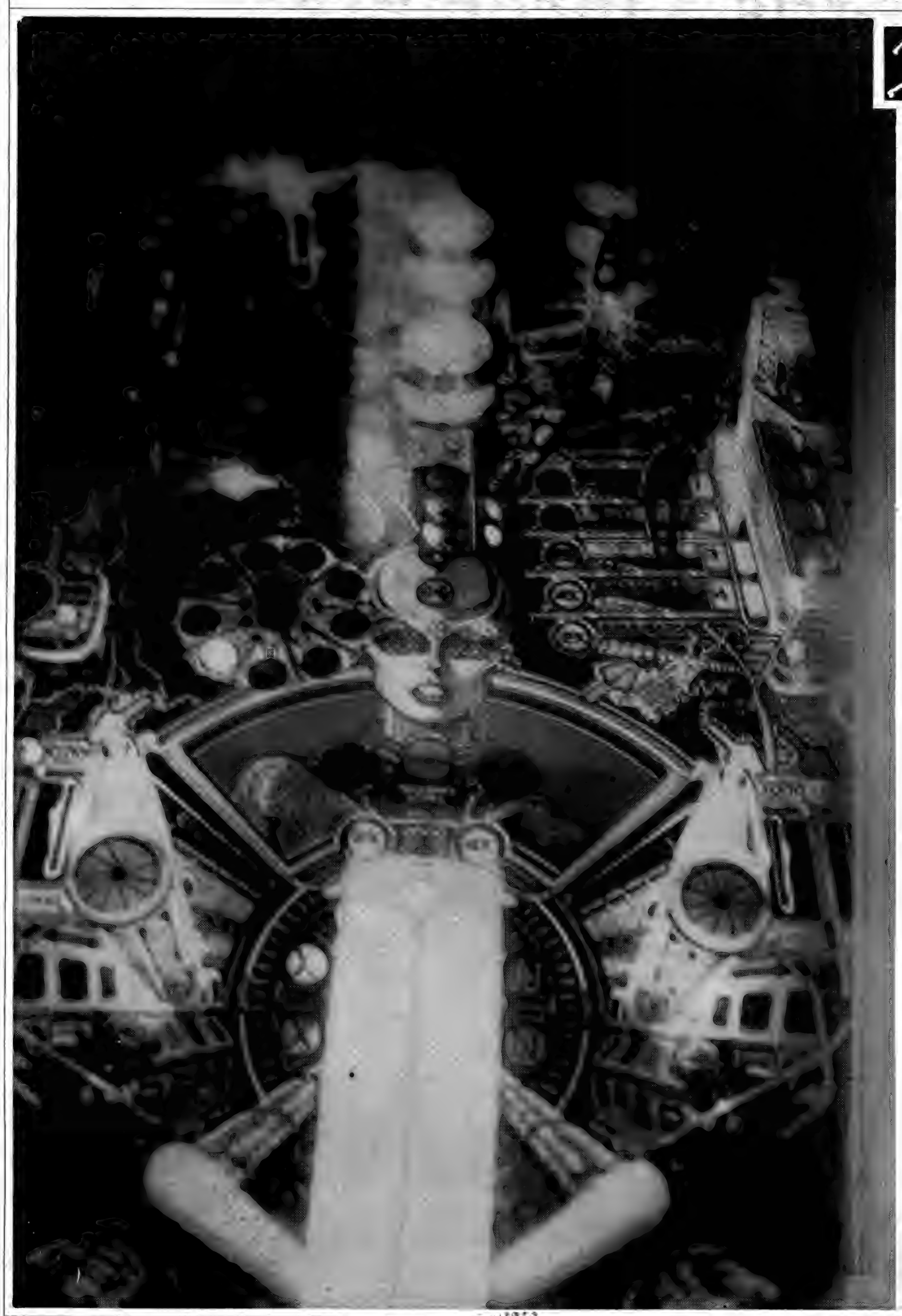
10 000 Contos
– 2.º Prémio –
Distribuídos Hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Lotaria do Verão, mergulhe na sorte e habilite-se aos 100 000 contos
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: para apartado 2561 1114 Lisboa Codex

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
27 DE JULHO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA





DIVERTIMENTO

AS MÁQUINAS DE PRAZER

Texto de
Fernando Brederode Santos

FEZADAS NO QUARTO PODER

OS JORNAIS atraem maduros como aquilo que se sabe atrai as moscas (salvo seja).

UM QUE ME TOCOU era um inimigo jurado dos TLP, que pretendia que eu lavrasse testemunho da sua luta sem tréguas contra o alegado hábito da companhia de lhe cobrar chamadas a mais. Abriu-me diante dos olhos estarrecidos um esmagador *dossier* com as provas todas de que, ao longo de dezenas de anos, a empresa lhe debitara telefonemas em excesso. Descreveu-me exaustivamente a dispendiosa panóplia de instrumentos que ajustara ao aparelho para pôr em evidência a torpe intencionalidade que presidia aos erros sistemáticos do contador. Por minha parte, juro que procurava acompanhá-lo. Mas estava um dia quente, como o de hoje, e eu, nessa altura, era mais dado a andanças nocturnas; comecei a cabecear. Bem mudava de posição no assento e me beliscava por dentro dos bolsos; não servia de nada: a melopeia daquele discurso torrencial, apoiado na exibição profusa de papéis indecifráveis, arrastava-me irresistivelmente para o sono, por entre cada vez mais espaçados sobressaltos de pânico.

Foi uma sesta regalada. Ao acordar, estava sózinho na sala de visitas do jornal, o que também foi agradável. Quanto ao maníaco contabilizador de telefonemas, voltei dias depois a ter notícias dele, ao deparar com a sua face alucinada em páginas da concorrência, onde se consignava generosamente o somnífero arrazoado com que me brindara.

INESQUECÍVEL é também a perseguição que me moveu um paladino do apoio ao poeta jovem. Era um piloso trangalhadanças, já com idade para ter juízo, que não sabia falar sem dobrar sobre o interlocutor o comprido esqueleto, do alto do qual o bombardeava com um bafo que sugeria analogias entre o seu estômago e um pântano. Nunca se separava de uma grossa pasta atulhada de manuscritos, de onde extraíu uma vez um documento em que eu, estúpido, para ver se ele me largava, baseei uma notícia. Tratava-se de um prolixo manifesto em prol da edição gratuita dos poemas de estreantes, com enumeração dos prejuízos lesa-cultura do silenciamento desses primeiros balbuceios na linguagem da Arte. O nível literário do texto contribuiu fortemente para que se me arreigasse a convicção de que a maioria dos poetas prefere a poesia à prosa por, a esta, não ser capaz de a praticar sem deixar à vista a total incapacidade para construir uma frase escorreita. Mas isso não tem a ver com a história. Retomando-a, o que importa é que, avistado num jornal, devido à minha intervenção, aquele pálido reflexo da sua meritória campanha, ele passou a ver em mim um companheiro de causa e a mover-me o cerco obstinado de um apaixonado romântico, ao qual não faltava a exibição dos frutos da sua inspiração literária.

Falando por mim, acho que não devemos ser grandes peças, nos jornais. Havia na Redacção em que eu à época trabalhava um estagiário também dado aos versos. Apresentei-o àquela reivindicativa alma gémea, depois de segredar a cada um as melhores coisas sobre o outro. Pude descansar. E, se a intenção não foi a mais altruísta, do que resultou do meu gesto não tenho que me penitenciar: pelo menos espiritualmente, tratou-se de um conúbio frutuoso, já que depois me fartei de os ver em mesas de café, numa permuta entusiástica de inéditos.

O MAIS SURPREENDENTE PEDIDO que recordo de intervenção jornalística formulou-mo no entanto alguem das minhas relações próximas. Um amigo que me telefonou, a reclamar um contacto urgente. Combinámos encontrarnos num bar que ele frequentava. Copo puxa copo, lá acabou por me confessar que mergulhara numa desgraçada situação financeira. O que lhe valia era a prosperidade da mulher. Por ele, máquinas de escrever e fotografar tinham-se perdido no prego, o barco a motor, vendera-o, o carro, esse, não tardava muito ia levar igual destino. A coisa estava mesmo feia. Dívidas, dívidas e mais dívidas. Porquê? Jogo.

«Conheces o *pocker* ?»

«Aberto, fechado ou sintético?»

Encolheu os ombros e guiou-me por um braço até à cave. Era um labirinto de quartos fumarentos, com máquinas eléctricas alinhadas a todo o redor das paredes. A maioria ripostava com buzinadelas, uivos e campainhas à manipulação de clientes concentrados. O meu amigo dirigiu-se a um postigo, atrás do qual se aninhava a uma secretária um homenzarrão mal encarado. Trocou não sei quantas notas por moedas de cinco escudos. Feito o mesmo, acompanhei-o até uma máquina desocupada.

Introduzidas as moedas, cada uma das quais permitia um lance do jogo, e pressionado um botão, o *écran* resplandeceu e as cinco cartas nele alinhadas expuseram a face. Dois pares. Nova pressão no botão adequado, para pedir a substituição da carta desirmanada, tentando o *full-hand* . Querias... Jogo suficientemente alto, porém, para se poupar uma moeda, o que já não era mau. Segunda tentativa: um par, que por aí se ficou. Terceira...

Jogámos assim, ora eu ora ele, durante uma meia hora, sem tirarmos melhor do que uma sequência. Esgotada a cave, o meu sócio soprou e foi outra vez trocar dinheiro. Deixei-o jogar sózinho. Esteve entretido mais tempo, graças a uma cor e um *full-hand*, mas à última de três trincas quase seguidas sem daí passar enfureceu-se, deu uma punhada na máquina e entrou numa vertigem de maus palpites, que durou até ao final.

Encarou-me então, congestionado, o olhar raivoso.

«Viste esta merda?»

Para o acalmar, expus-lhe o meu ponto de vista, que suponho curial, sobre aquelas engenhocas. Disse-lhe, enfim, que não era de admitir que funcionassem de forma aleatória, sujeitando-se o explorador a prejuízos com a única contrapartida do entretenimento do pagode; que, bastante mais plausivelmente, estavam programadas, não para seguirem o piedoso exemplo do padre Américo, espalhando o bem, mas para atenderem às cobiças dos proprietários, idênticas às do comum dos mortais, só que, graças a elas, às máquinas, com francamente maiores possibilidades de se concretizarem na aquisição das casas de praia e de campo, do iate, do todo-o-terreno e do Ferrari Testa Rossa.

Manifestamente, ele aderiu. E, na exultação da concordância, sacudiu-me os ombros com mãos de ferro.

«Ora aí está!» -- exclamou. -- «Ora aí está!»

E impelindo-me de regresso ao bar:

«Tu vais escrever-me uma coisa sobre esta grandessíssima aldrabice.»

PARECE que lhe fiz a vontade.

STAND
PEÇAS ORIGINAIS
OFICINAS
Fórmula 4
Concessionário Fiat
CREDITO FIAT
Sistema Usado Seguro
FIAT
Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126
Telefax 492 13 73
Casal de S. Brás — 2700 AMADORA
Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49
FIAT

Texto de
Ernesto Sampaio

O OLHAR ELECTRÓNICO

No romance setecentista O Monge, *de Lewis, o diabólico protagonista observa o objecto do seu desejo através de uma espécie de espelho televisivo que lhe devolve a imagem de uma bela rapariga a lavar-se.*

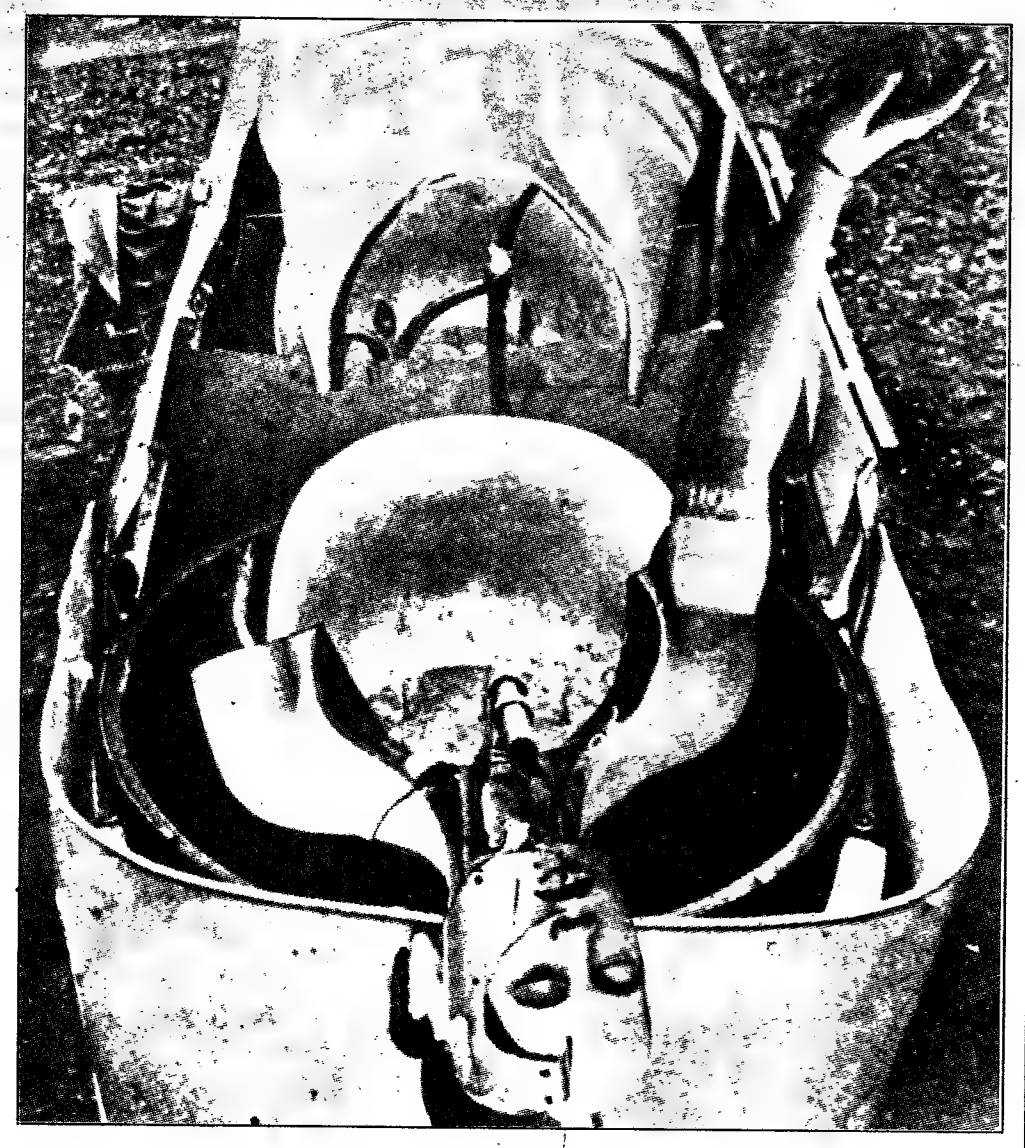
Em fins do século passado, com os *nickel-odeon* disseminados por feiras urbanas e circos ambulantes, aperfeiçoavam-se os dispositivos mecânicos do olhar: *olhando* para dentro da máquina, através de uma abertura luminosa, viam-se paisagens, números de variedades, cenas eróticas, etc. Já nestes aparelhos, o prazer da visão estava indissoluvelmente ligado aos gesto de lhe meter uma moeda, isto é, ao gesto que, pagando-lhe, predispunha a máquina ao funcionamento segundo o *programa* desejado.

Pretende-se _ erradamente _ que o cinema nasceu daquelas maquinetas. Não é nosso propósito elucidar o caso. Hoje, o cinema, como quase todas as outras formas de espectáculo e informação, está *dentro* da televisão. Interessa-nos, sim, analisar essas novas formas de fruição individual que derivam da relação entre as imagens e os *impulsos manuais* e electrónicos, entre o corpo e o dinheiro.

Comecemos pelos concursos televisivos, que nos demonstram o nexo existente entre o armazém da memórica colectiva (imagens do repertório acumulado pela televisão, sobre as quais se constrói a oferta-prémio) e o corpo particular, **cómico,** do concorrente. Contribuem para esse efeito de comicidade a participação do público e uma série de dispositivos colaterais: siglas musicais, quadrantes luminosos, impulsos electrónicos, sinais de toda a espécie.

Os conteúdos da memória colectiva engrenam num sistema de impulsos tendentes à vitória. O dinheiro sanciona a habilidade em dominar as técnicas do jogo e funciona como *necessidade* de um gigantesco sistema de aprendizagem. Os concursos da televisão resultam, assim, numa forma de exibição publicitária (de códigos, géneros, funções) e também de afirmação e imposição cultural da *lógica* do aparelho televisivo.

Um novo fenómeno ocorre agora com a venda massificada de maquinetas electrónicas que se aplicam ao próprio televisor e tornam possíveis esquemas de jogos. Essas máquinas fazem-nos voltar à história iniciada com os *nicket-odeon.*



As esplêndidas *slot-machines* dos casinos combinam a desejada cascata de moedas com o uso reiterado de uma alavanca e a inserção contínua de dinheiro, enquanto se mantém o olhar fixo sobre um quadrante, onde o acaso associa sinais convencionais (memória da belle époque), e o ouvido atento a todos os anúncios acústicos.

As *juke-box* _ ainda a inserção de moedas, a pressão sobre os botões de comando, a fantasmagoria das cores _ aludem de vez em quando, na sua dimensão de parada publicitária, à Broadway, ao cinema ou à televisão.

As *flippers* invadiram o mercado: muitas imagens (folclóricas, de géneros fílmicos e espectaculares, «futuríveis») organizadas num circuito electrónico e activadas por impulsos manuais a que a máquina responde logo acústica e luminosamente. Frequentemente, nos mesmos locais de fruição das *flippers* havia os «bonecos», onde a manualidade comandava um sistema mecânico tosco, mimando o jogo do futebol, mas onde a rapidez de reflexos (a mesma exigida para o *flipper*) tomava ainda por referência directa o imaginário colectivo do desafio disputado no estádio, com a presença viva do público, como no teatro ou como numa *performance* com os vizinhos, com os colegas de emprego ou com os condiscípulos do colégio. Accionadas, *flippers* e *juke-box* inserem-se em microcircuitos psíquicos e afectivos.

Agora, finalmente, impõe-se por toda a parte o *video-game.*

As imagens desapareceram: nenhuns riscos de ideologias ou projecções realistas. Apenas impulsos ópticos e acústicos: o corpo do jogador unifica-se com a componente «racional» (a tecnologia que usa o jogador, o ilude, o surpreende e por vezes o premeia). Já não há reprodução da acção teatral, mas representação gráfica das tensões interiores do actor.

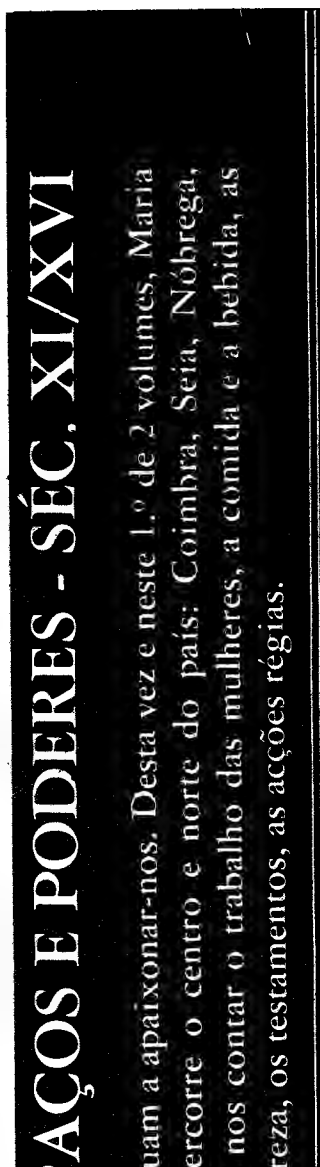
Durante anos, habituámo-nos a distinguir estes fenómenos de entretenimento das formas de organização do espectáculo. Talvez seja a altura de rever esta atitude. O imperialismo cultural das multinacionais também funciona hoje vendendo *máquinas de prazer*, privadas em absoluto de conteúdos formais ou ideológicos, mas cumprindo uma apreciável papel enquanto laboratório experimental de uma nova dimensão totalizante da informação, onde o corpo, base material do prazer, é comandado mediante as suas próprias *reacções.*

A vasta gama de *video-game* já existente reduz a comunicação a «pura forma», a simples impulsos esvaziados de qualquer conteúdo. Para o jogador, trata-se de «*medir*» constantemente a sua capacidade de adaptação ao *medium*, como se a fruição da imagem se identificasse *tout-court* com a produção.

O que vai pelos ares é a realidade do sistema informativo, a estrutura e o sentido da própria comunicação. O mundo tende cada vez mais a ser a tal «aldeia global» proclamada pelos apóstolos da revolução tecnológica. Digamos, porém, que é uma aldeia tão atrasada que os seus habitantes parecem autistas...

HOMENS, ESPAÇOS E PODERES - SÉC. XI/XVI

As épocas medievais continuam a apaixonar-nos. Desta vez e neste 1.º de 2 volumes, Maria Helena da Cruz Coelho percorre o centro e norte do país: Coimbra, Seia, Nóbrega, Guimarães, Caminha; para nos contar o trabalho das mulheres, a comida e a bebida, as revoltas, os combates à pobreza, os testamentos, as acções régias.



edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

A HERESIA POLÍTICA DE ESPINOSA

A filosofia de Espinosa não foi elaborada na solidão do filosofar metafísico, como algumas interpretações defendem.

O "Filósofo maldito" viveu envolvido na intervenção política, apostado no combate ao regime feudal.

Mas, ao mesmo tempo, a sua filosofia não vestia a burguesia ascendente.

F. Cabral Pinto conta-nos "A Heresia Política de Espinosa"

edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

Texto de
Manuel LIMA

COISAS EL

Depois o Homem está peado voluntariamente por causas desconhecidas. A sua felicidade é interferida a todo o passo por mistérios indesvendáveis, para os quais a razão se mantém perplexa. No entanto procura escravizar-se ainda mais, rodeando-se duma infinidade de inventos de origem desconhecida a maior parte das vezes. O exemplo mais flagrante é o da electricidade que nessa noite veio inesperadamente separar duas almas apaixonadas. Se elas tivessem vibrado numa época anterior à da lâmpada eléctrica seriam apanhadas de surpresa.

Quando dissertamos acerca da maneira como o homem estava escravizado na Idade Média _ esses felizes tempos em que as luzes se não acendiam por meio de botões puramente mecânicos, em que não havia sábios com o poder de as acender a mais de cem léguas ao longe, só pelo simples prazer de iluminar distâncias, esquecemo-nos de que muitas compensações impossíveis de obter nos tempos modernos, existiam nessas saudosas épocas, em abundância. Pelo menos, não havendo a electricidade, esse efeito luminoso de causa desconhecida, os homens não corriam o risco de lidar com um inimigo tão perigoso, sempre oculto na sombra, pois inimigo se pode chamar à luz eléctrica porque outra cousa não foi para Natália e Valeriano nessa noite de festa e tragédia. Também diga-se a verdade, se as lâmpadas não se têm acendido, teriam ficado agarrados até à consumação dos séculos: Natália com os braços envoltos na cintura de Valeriano, acariciando-lhe as barbas com os seus lábios carnudos; este apertando de encontro ao seu corpo esguio, o corpo roliço da sua bem-amada, num curioso contraste que ninguém podia apreciar por causa da escuridão. De resto todos tinham mais em que pensar que nos contrastes de Valeriano, e ele por seu lado estava longe de se importar com o que pudessem pensar a seu respeito. Natália era a única pessoa cuja opinião lhe podia interessar, e os seus pensamentos percebia-os pelo contacto do seu corpo fremente. Assim é que está certo. Faça cada qual a vida independente da inveja e inércia da vizinhança; entregue-se cada um ao cumprimento do dever tendo em vista que o momento da realização dos episódios fundamentais da vida não lhe chega às mãos senão quando a soma das coincidências der resultados favoráveis. Nem todos os que existem têm vivido a vida que lhes pertence. Perdem-se normalmente entre a vida e a existência _ esse intervalo que os poetas tentam aniquilar. Mas os amantes verdadeiros não precisam destes conselhos efémeros. São movidos por uma força estranha a eles próprios: a força fatal da tragédia que não abandona os que sabem representar, sem o pano de boca ter ganho o momento oportuno de descer.

Os sábios buscam luz; os amantes procuram a escuridão. Mas o homem que acendeu de repente as luzes da sala, não era sábio e já tinha há muito tempo deixado de ser amante. Chegado à idade de descansar, fizera-se mordomo.

O fogo, os foguetes, todas as especiarias da pólvora tinham acabado em apoteose feérica e estrondosa, e os espectadores voltando para dentro faziam coro à marcha triunfal da autoria dum maestro muito conhecido, intitulada: «Ano Novo, Vida Nova», que a orquestra executava entusiasmada, para dar as boas-vindas ao ano novo que entrava distribuindo, pródigo como todos os antecessores, esperanças à sua volta.

Para três pessoas, porém, só cruel certeza trouxera: eram Natália, Montalvão e Valeriano, três infelizes para quem o novo ano, desde os primeiros momentos de vida já estava cansado e velho. Oh! Como a vida é leve qual sumaúma para uns e pesada como chumbo para outros! Como o Destino faz de uns filhos queridos e de outros enteados desprezíveis!

Na verdade tudo teria terminado em bem se o azar, no seu eterno gracejo com as criaturas, não fizesse o mordomo acender as luzes tão abruptamente. Mas que podemos tentar nós, miseráveis mortais, contra essa trindade poderosa de natureza abstracta: Vida, Destino, Azar?

Livre-nos Deus de cairmos fora das graças desse trio senhor do Universo.

No entanto, não devemos esquecer até onde vai a responsabilidade que compete a cada qual.

Se eles não se tivessem afastado tanto da terra; se não se deixassem conduzir pela ambição ao abismo onde se precipitaram; se tivessem compreendido que viver mil e uma noites numa só, não é para se fazer num salão ainda que nas trevas mais densas não teriam certamente sofrido o vexame que os esperava ao fazer-se luz.

É certo que outros têm vivido a vida inteira no crime, protegidos pela sombra. Natália e Valeriano também podiam ser apontados como modelos de virtude se a fatalidade não os perseguisse. Quando as luzes se acenderam, toda a sala se agitou como um formigueiro _ pessoas afastadas por momentos do dever, voltavam de novo para dentro das suas personagens quotidianas, continuar a exibição social interrompida. Uma volta no comutador e eis de novo uma sociedade bem constituída transbordante de bons costumes. As senhoras foram-se sentar como no princípio da festa em atitudes dignas, com as pernas fechadas.

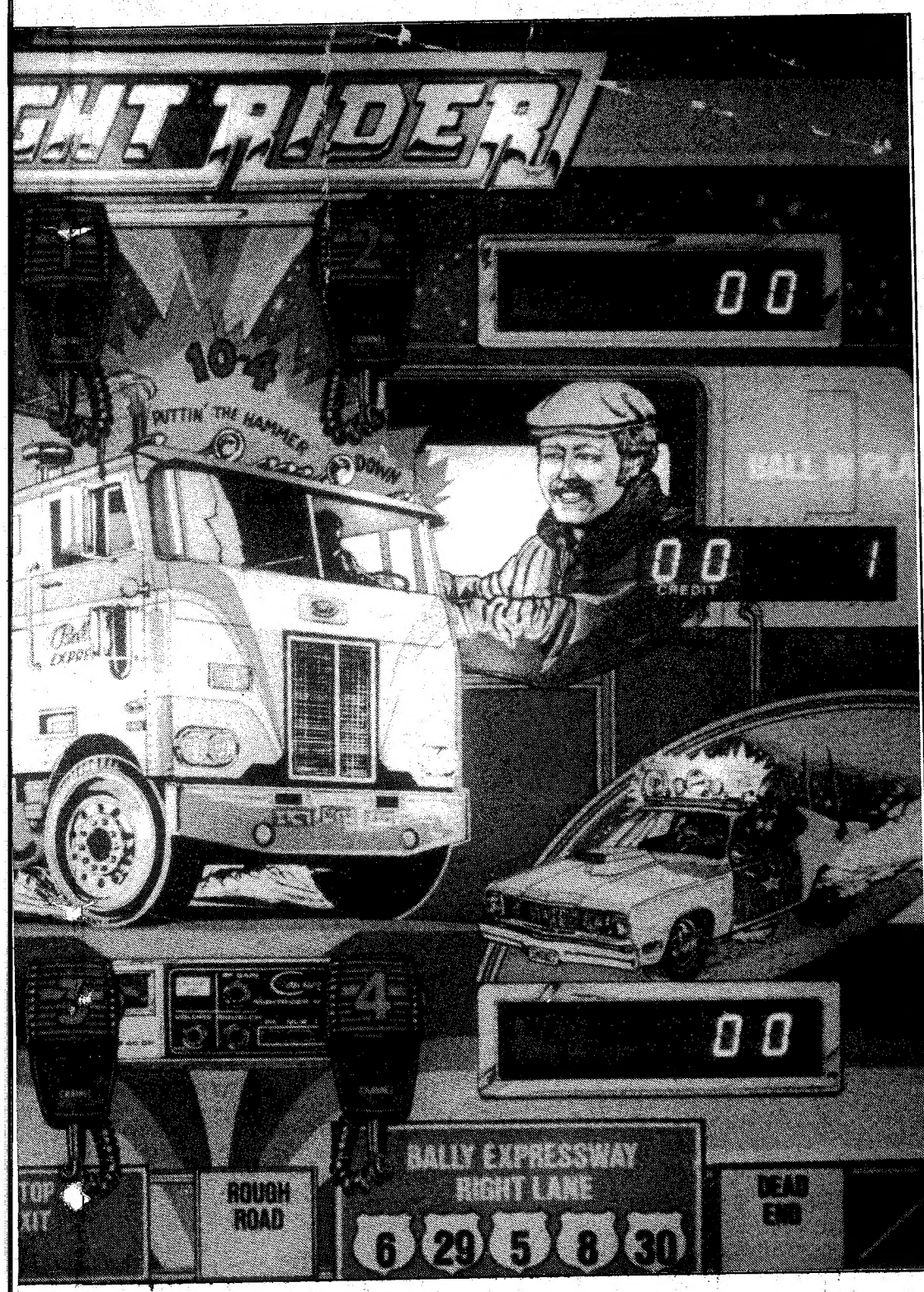
Natália não era menos do que as outras. Por isso acordando sobressaltada procurou também manter

LÉCTRICAS

leri- ser elos lade sse. cen- ag- eiro por ver, para son- ntin- nter- no novo con- e de sen- entar festa com enos isso ltada anter

à representação de esposa dedicada e fiel. O seu primeiro impulso foi libertar-se de Valeriano e correr ao encontro do marido que entrava no salão cantando em grave, cheio de alegria por ter refastelado os olhos em tantos foguetes de lágrimas. Porém, Valeriano estava de tal maneira preso, que ao correr para o marido Natália arrastou-o atrás de si como cão levado pela coleira. Debruçado sobre ela soltava rugidos atroando o salão, incapaz de se libertar. As barbas tinham-se prendido no retrato de Montalvão que Natália usava respeitosamente ao peito, e dir-se-ia ser a própria miniatura que o segurava para ali mesmo na presença de todos lhe aplicar o correctivo que ele merecia, e com tal força o agarrava que foi necessário vir a açafata da Marquesa com uma tesoura, livrar Valeriano das garras do medalhão delator.

Entretanto já Montalvão, com os olhos raiados de sangue, os punhos fechados a ponto das unhas se cravarem na carne, erguidos ao alto, ameaçadores, a boca espumante de raiva, rangendo os dentes qual leão mal ferido, estremecendo o soalho que vergava sob o peso das suas largas passadas, atravessava o salão por entre alas que se abriam receosas. Um arrepio de morte percorria as espinhas dos homens que assistiram amedrontados àquela cena trágica, grande parte das senhoras desmaiavam à imitação de Natália; todos em geral estremeciam apavorados ao pensar no que lhes podia ter acontecido; aqueles que também usavam barbas, cofiando-as nervosos, iam pensando desfazer-se delas por qualquer preço; as senhoras por seu lado juravam não mais usar, de futuro, efígies no colo ou quaisquer outros enfeites com alfinetes; a orquestra parava de tocar criando ambiente de circo exagerado pelo caixa que atacado de nervos, tremia com os braços, fazendo o rufo tradicional dos momentos culminantes: ao mesmo tempo os assistentes, tomando instintivamente atitudes de espectadores, faziam roda à volta de Montalvão e Valeriano que no meio, frente-a-frente, pareciam pugilistas antes de principiar o combate; e quando puseram um colete de forças ao músico e a caixa deixou de se ouvir, foi pior ainda. Fez-se um silêncio mortal apenas entrecortado pelo esvoaçar das melgas à volta das luzes e o respirar opresso dos rivais, principalmente de Montalvão que, já por ter-se constipado durante a sessão de fogo, já pela cólera que o dominava, bufava como toiro enfurecido ao aspirar o ar pelas narinas dilatadas de raiva.



Se os ciúmes de Montalvão eram enormes, os de Valeriano ultrapassavam os limites das possibilidades humanas. Ao encarar o marido da sua bem-amada, sentia fortes desejos de o estrangular e tê-lo-ia feito se fisicamente tal façanha fosse praticável. Era necessário abater aquele rival julgando-se com mais direitos do que ele sobre Natália, só pelo facto de possuir o contrato de casamento assinado por ela num momento de alucinação, evidentemente! E agora, como se a própria vontade não valesse mais que a sua assinatura, o injusto reclamava em público direitos que logicamente não lhe assistiam.

Tinha forçosamente de o aniquilar, depois destruir esse documento comprometedor e partir para bem longe com a amante. Enquanto assim pensava, ia realizando em imaginação, vinganças atrozes. Via Montalvão, dentro duma pele de tigre, com a boca aberta onde apareciam dentes do feitio duma gadanha, rastejar na sua direcção, enquanto ele de caçadeira aperrada, tendo-o já alcançado no ponto de mira, esperava a ocasião do salto para lhe cravar uma bala envenenada no corpo. E após tê-lo ferido de morte, corria sobre o corpo ainda quente a estrebuchar nas agonias, abria-o de alto a baixo com uma faca de mato afiadíssima, e arrancava-lhe o coração no qual dava um pontapé, como se se tratasse dum desafio de futebol, fazendo-o voar pelos ares até se perder de vista. E ao assoprar no cano da espingarda para esvaziá-la do fumo, sentia a consciência tranquilizar-se por ter livrado a selva de mais uma besta feroz. Dando outro pontapé no corpo agora inanimado, naquele corpo que não mais possuiria Natália, cuspia enojado afastando-se daquele lugar maldito. Natália ao longe fazia-lhe sinais morse com um véu de noiva dizendo: «Deixa esse monstro apodrecer; corre para os meus braços, estou ansiosa por te sentir junto a mim!...»

A distância incomensurável que vai do sonho à realidade, veio mostrar a Valeriano que tudo que se tinha de passar ainda, não era entre caçador e pantera mas sim entre dois homens, o que é bem diferente.

A fantasia de Montalvão nada realizara. A sua dignidade de homem, essa desejava também vinganças, mas positivas. Nada de sonhos, só realidade e quanto mais depressa melhor. A grande custo se conteve de reduzir ali em farripas, aquele tratante que se metia de permeio na sua honra. Se não fosse a pragmática, tê-lo-ia estilhaçado como frágil fasquia. Era preciso contudo obedecer cegamente às leis que regem a sociedade. Os tratados de civilidade não permitiam desforras imediatas.

Assim, os dois inimigos conservaram-se com a maior correcção em frente um do outro: Valeriano perfilado, em sentido, como soldado em dia de parada; Montalvão com os punhos cerrados sobre o peito, solene, mal conseguindo dominar a vontade de puxar pelas barbas atrevidas de Valeriano.

O silêncio aumentava cada vez mais, mas ninguém tinha coragem de o interromper. A sala tomara o aspecto de museu, pela imobilidade da assistência. Parecia que todos procuravam tornar-se estátuas para refugiarem as responsabilidades na petrificação.

Foi Valeriano o primeiro a falar, se é que os sons saídos da sua garganta tinham alguma cousa de comum com a fala. Como autómato no dia da primeira experiência, balbuciou palavras que dir-se-ia terem feito sentido por mero acaso, formando uma frase-feita, lida na juventude, num romance de amor; um amante como ele ao ser apanhado em flagrante, dizia cheio de serenidade para o marido ultrajado: «Meu caro senhor, estou à sua disposição!»

Foi o que lhe veio à cabeça, isto é, à boca. O resto seria feito pelos padrinhos de ambos, e depois ao romper da aurora duas detonações viriam pôr termo à comédia. Assim devia ter realmente sucedido, se Montalvão não se deixasse arrastar pelo seu temperamento de meridional, quando Valeriano ao dirigir-lhe as palavras sacramentais, curvando-se solenemente lhe tocou, sem querer, com as barbas na cara. Aqueles pêlos enormes, espetados de encontro ao seu rosto ultrajado, puseram-no fora de si. Uma onda de sangue, subindo-lhe à cabeça, cegou-o por completo. A tremer de raiva tirou uma caixa de fósforos de cor, da algibeira _ trazia sempre consigo artigos de pirotécnica, portáteis _ e incendiou as barbas provocantes do inimigo.

(De **Um homem de barbas**)

SOCIEDADE DE CONSUMO

Texto de
Eduardo Siopa

ROBOT

Quem pela primeira vez usou a palavra robot *para designar os autómatos, as máquinas que imitam a figura e os movimentos de um ser animado, foi, em 1922, o brilhante escritor checo Karel Capek; e* robot, *em checo, significa* operário.

É verdade que a dialéctica da produção robótica tende a eliminar o clássico operário da clássica indústria, substituindo-o por autómatos, mas não é menos verdade que, do mesmo passo, transforma o operário industrial em artesão criador, metamorfoseando a fábrica no «atelier» de arte de um novo Renascimento. É pelo menos o que adiantam estudiosos do assunto como Radovan Richta, que defendem a tese da plena viabilidade e compatibilidade da revolução técnico-científica na sociedade pós-industrial, mas só... com o comunismo, com uma organização de homens livres e criadores que transcendam a exploração do homem pelo homem e a alienação resultante da divisão e parcelarização do trabalho.

No fundo, a história continua a ser a mesma: a procura do lucro capitalista estimula uma transformação económico-social que tende à superação do capitalismo, e isso também é verdade para a robótica. Por outro lado, o *robot é um tireless worker*, um trabalhador infatigável que não dorme, não come, não se distrai, não falha e está disponível 24 horas por dia. «Quando os operários, num país capitalista, acham o trabalho demasiado duro, pedem aumento de salário. Ora se temos de pagar o trabalho excessivamente caro, o melhor é investir no «robot»: para nós, é economicamente muito mais conveniente». Quem assim fala é o senhor Joseph F. Engelberger, presidente da Unimation Inc., num editorial publicitário intitulado «Importância económica e social dos robots». Como bom capitalista americano, Engelberger não se envergonha em reconhecer que o lucro é o seu objectivo exclusivo, mas admite honestamente que a crescente utilização de robots nos países socialistas se deve a motivos diferentes:; «Se um trabalho é esgotante, sujo, desumano, os países socialistas acham que isso é uma boa razão para substituir os homens, independentemente do salário que lhes é pago».

Os robots, como o seu lendário antepassado, o Golem de barro construído na Renascença por um sábio rabino de Praga, podem falar, andar e até _ pelo menos assim o pretende a ficção científica comercial _ fundar novas sociedades. Convém, portanto, distingui-los dos unimates, que não possuem semelhanças ou comportamentos humanóides, mas apenas, já que é difícil não adoptar uma linguagem antropomórfica, braços e mãos, como aquela maquineta que endoidecia Charlote operário na cadeia de montagem dos *Tempos Modernos.*

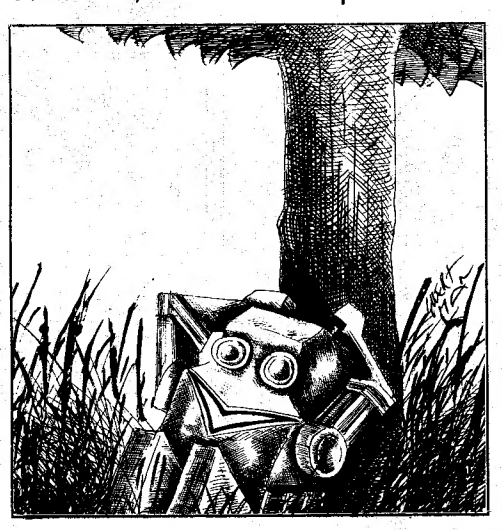
Por enquanto, estes autómatos »unimanos» são cegos, isto é, só podem ser programados para manipular quinquilharia num sítio e segundo movimentos bem determinados: ainda não podem «procurar». Fornecer um «olho» ao *unimate* é o problema que está na ordem do dia da investigação técnico-científica. Mas mesmo sem olhos, os actuais *unimates* podem substituir operários especializados numa grande quantidade de processos produtivos. O folheto publicitário *Unimate in action* indica 28 exemplos, entre os quais manufactura o vidro, forja de metais, soldadura, cadeia de montagem, cargas e transportes, altos-fornos, mecânica de precisão, etc.

Apontámos os braços e as mãos como únicos órgãos dos *unimates.* Não é verdade: o seu órgão humanóide é o «cérebro» com memória.

A existência deste cérebro, ultradesenvolvido nos modernos computadores, já leva os sábios a interrogar-se sobre a possibilidade das máquinas «pós-industriais» possuirem alma, e não falta quem defenda ser possível não só realizar em laboratório sistemas físicos indiferenciáveis das actuais espécies biológicas, mas também máquinas com capacidades intelectuais diferentes e maiores do que as do homem. Outros menos optimistas, preocupam-se com o risco que faz correr ao homem o inebriante sentido de omnipotência derivado de uma criatividade que o leva à duplicação e ao melhoramento dos seres naturais. Uma terceira série de pensadores interroga-se sobre os problemas éticos que podem surgir quando as máquinas pensantes começarem a sofrer, gozar ou dialogar com o homem.

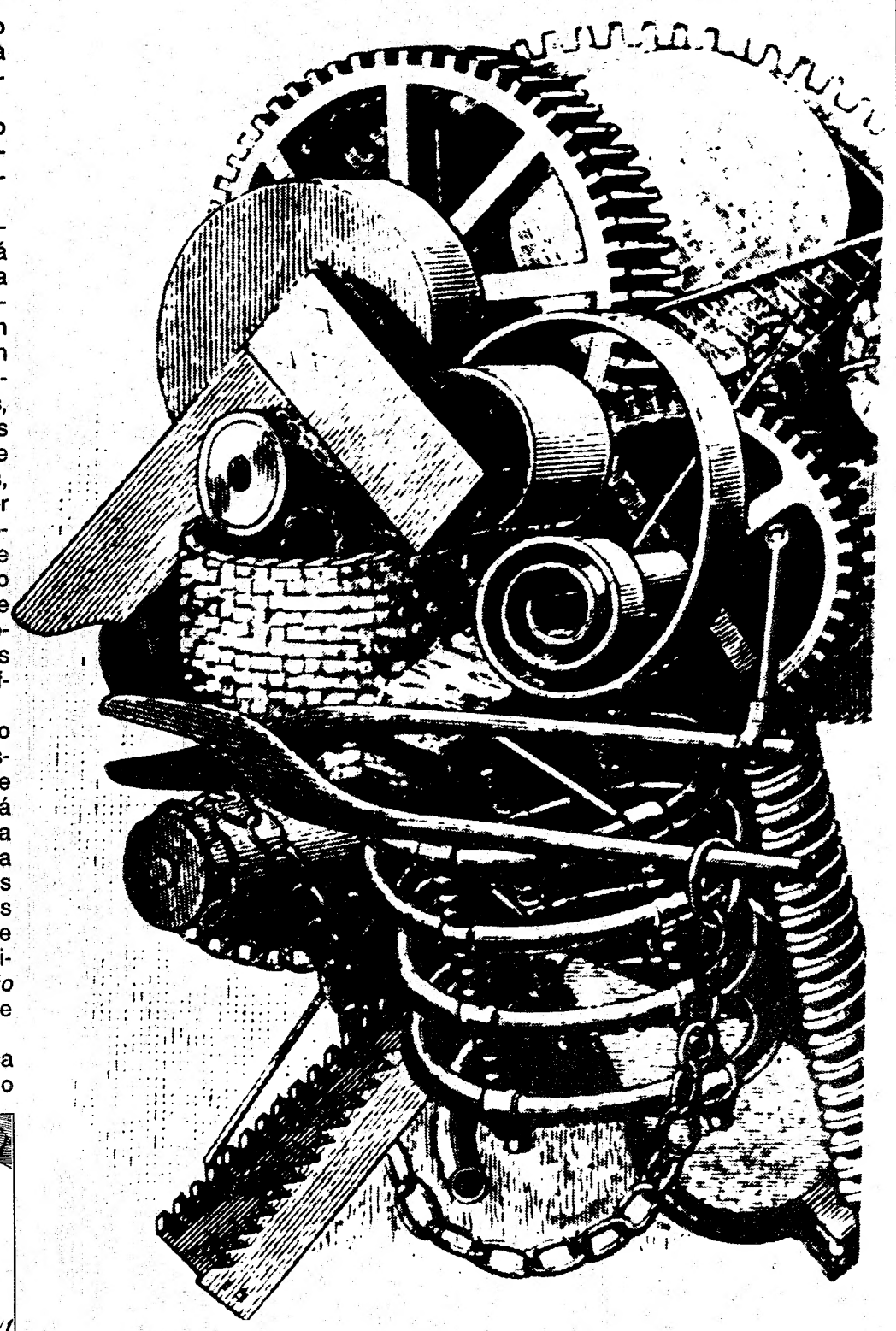
O que há de curioso, no meio de tanto «pensamento», é que até os mais sofisticados computadores são incapazes de ganhar uma simples partida de xadrez, já não digo aos Karpov e Kasparov, mas a um simples jogador médio. E isso seja quem for que os programe, mesmo os próprios Karpov ou Kasparov. O mais que *Mister Computer* xadrezista pode fazer é executar a jogada correcta relativamente a um cânone mecânico, *não criativo*, por muito perfeito e refinado que seja.

Neste plano, comparado com a cabeça do homem, o cérebro da máquina é como



o estudo sem criação, que produz gente inteiramente dependente dos livros mais vendidos. E a esta, sim, o computador ganhará facilmente, como àquela que não sabe que o estudo é a capacidade de organizar e produzir saber, mas um saber que liberta, que cria poesia e poder político. Uma das enfermidades pequeno-burguesas mais mortais é apresentar a negação do conhecimento como uma afirnação revolucionária.

As novas maquinetas adaptam-se perfeitamente a um mundo de executores passivos. Num mundo assim, não faz falta uma inteligência que compreenda, mas uma inteligência que executa, que faça funcionar dispositivos *dados,* máquinas, instituições organizações só aceitáveis se realizarem as operações necessárias para produzir o resultado previsto. Nem a literatura, a poesia e a música se salvam.



BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

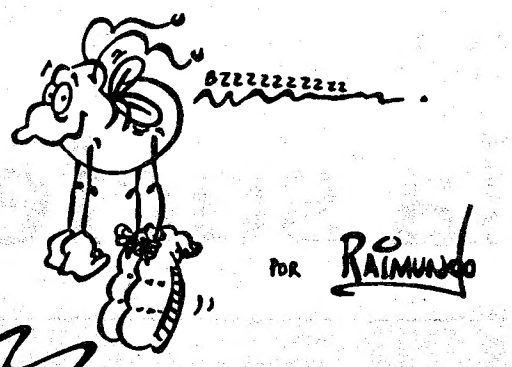
Código Postal _____

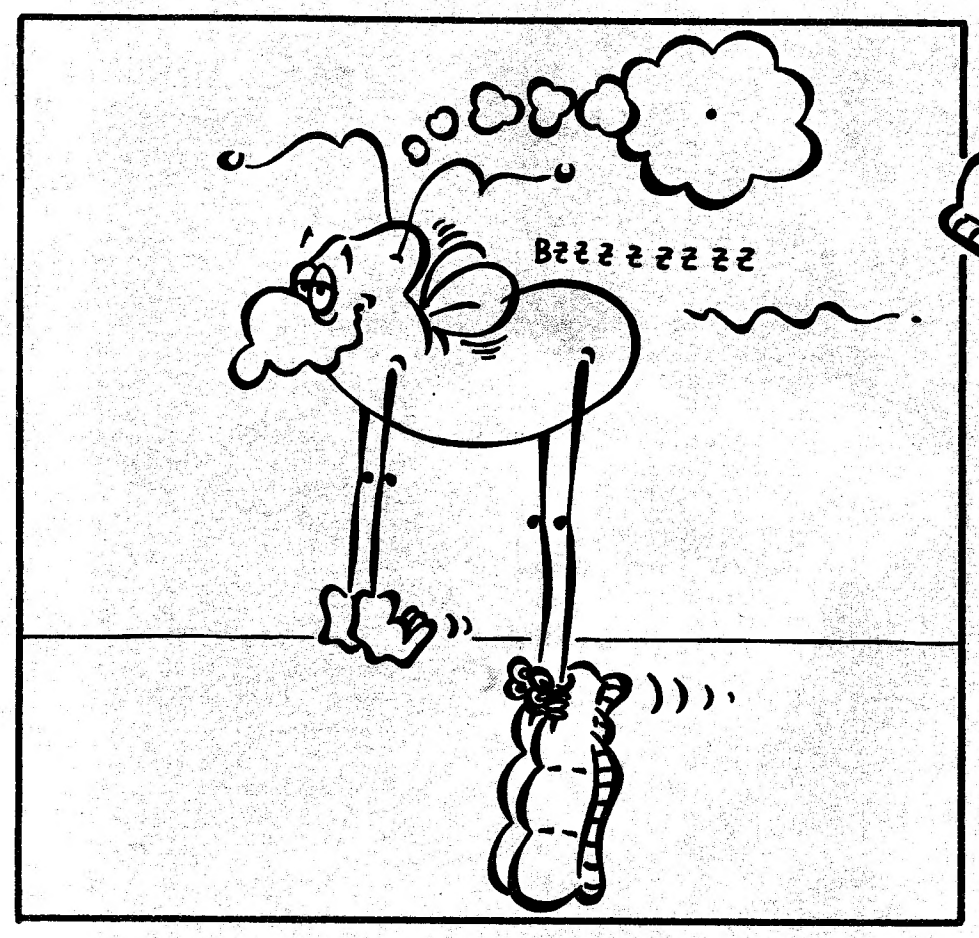
Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

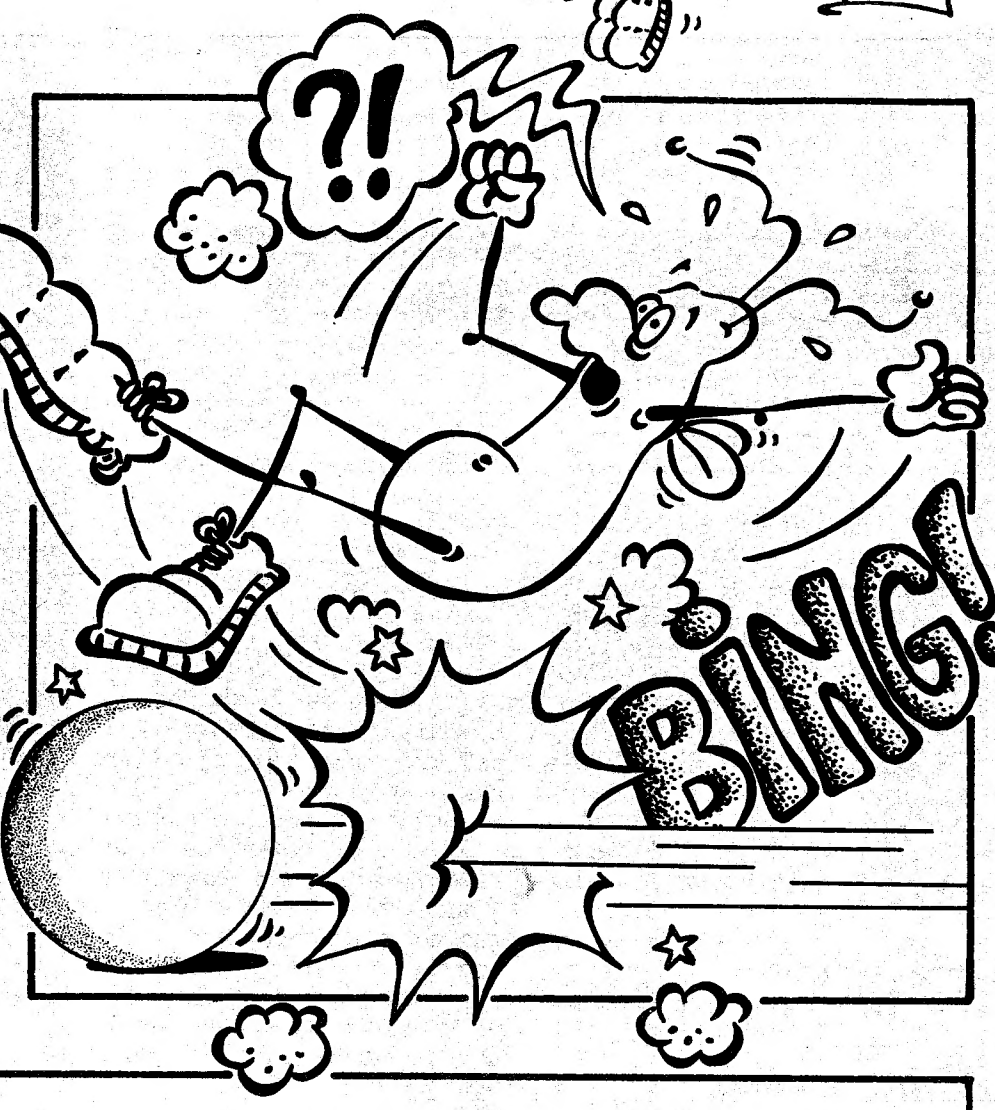
• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

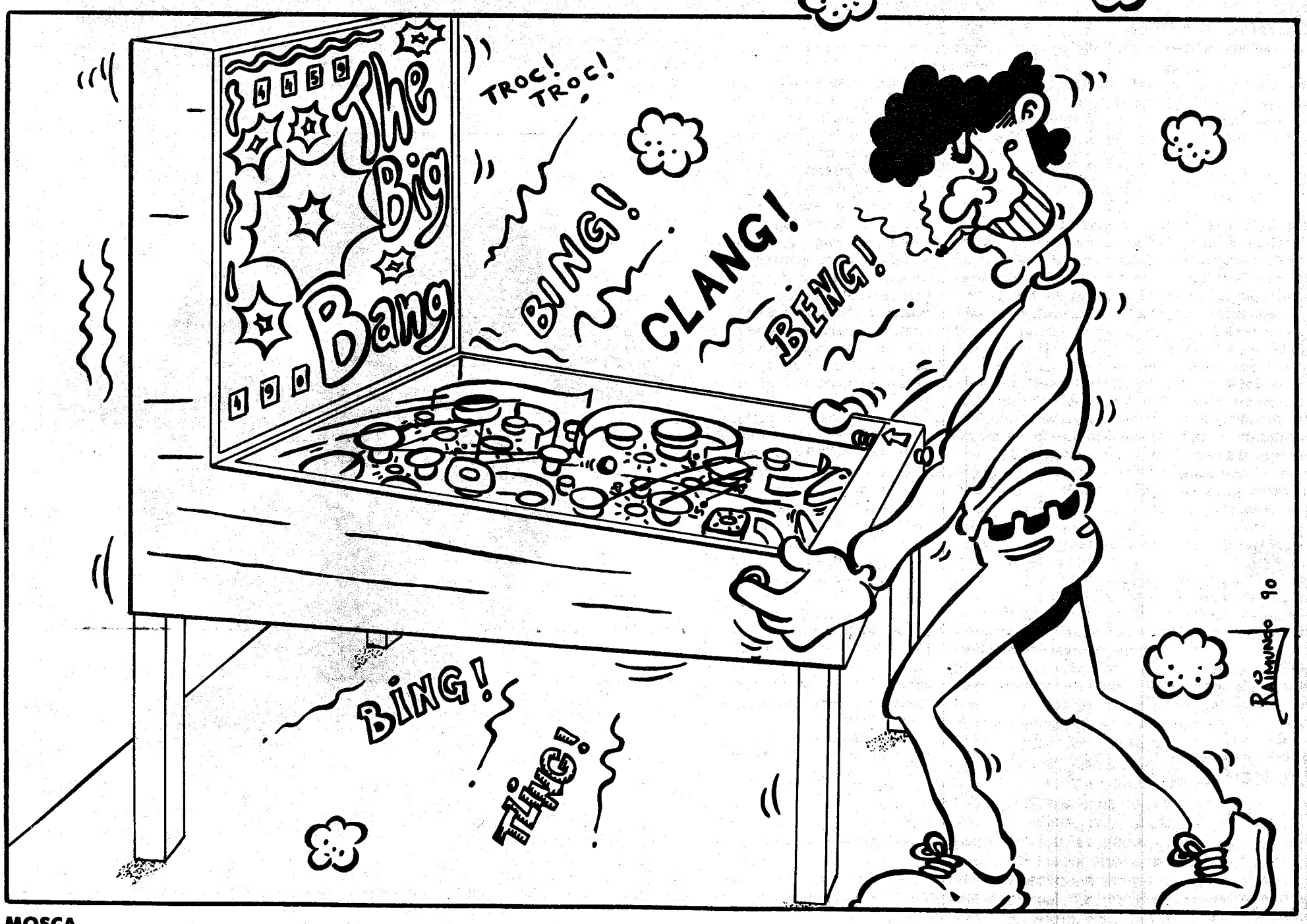
Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

A MOSCA


Bzzzzzzzzz
POR RAIMUNDO


Bzzzzzzzz


?!
BING!


The Big Bang
TROC! TROC!
BING!
CLANG!
BENG!
BING!
TLING!
RAIMUNDO 90